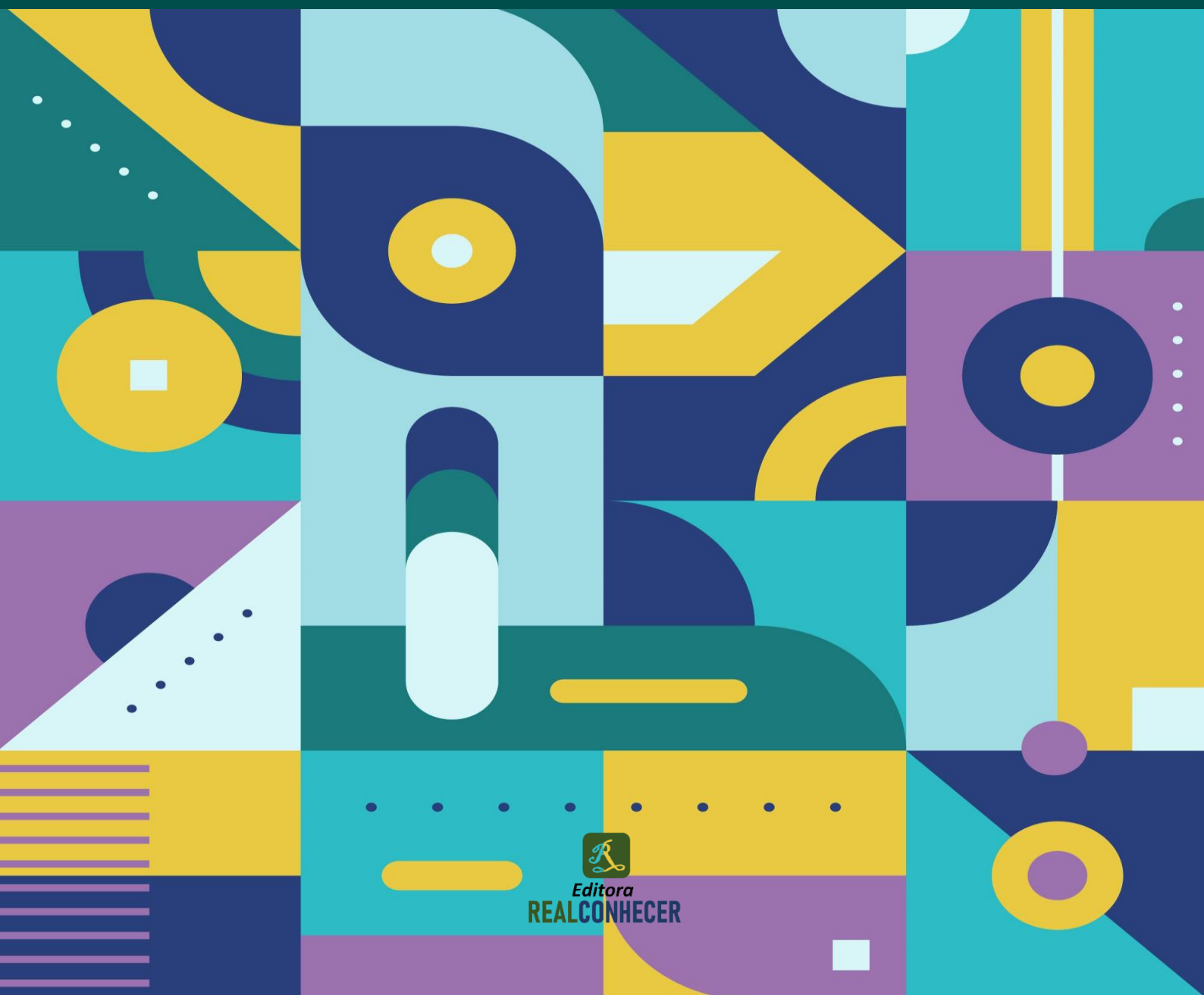


# LETRAS, LINGUISTICA e LITERATURA: *Discursos*

5  
2022

Resiane Silveira e Jader Silveira (Orgs.)



  
Editora  
REALCONHECER

# LETRAS, LINGUISTICA e LITERATURA: *Discursos*

5  
2022

Resiane Silveira e Jader Silveira (Orgs.)

© 2022 – Editora Real Conhecer

[editora.realconhecer.com.br](http://editora.realconhecer.com.br)

realconhecer@gmail.com

### **Organizadores**

Jader Luís da Silveira

Resiane Paula da Silveira

**Editor Chefe:** Jader Luís da Silveira

**Editoração e Arte:** Resiane Paula da Silveira

**Capa:** Freepik/Real Conhecer

**Revisão:** Respectiveos autores dos artigos

### **Conselho Editorial**

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S5871 Silveira, Resiane Paula da  
Letras, Linguística e Literatura: Discursos - Volume 5 / Resiane Paula da Silveira; Jader Luís da Silveira (organizadores). – Formiga (MG): Editora Real Conhecer, 2022. 140 p. : il.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-84525-42-9  
DOI: 10.5281/zenodo.7394859

1. Letras. 2. Linguística. 3. Literatura. 4. Discursos. I. Silveira, Jader Luís da. II. Título.

CDD: 410  
CDU: 80

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Real Conhecer  
CNPJ: 35.335.163/0001-00  
Telefone: +55 (37) 99855-6001  
[editora.realconhecer.com.br](http://editora.realconhecer.com.br)  
[realconhecer@gmail.com](mailto:realconhecer@gmail.com)

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:  
<https://editora.realconhecer.com.br/2022/12/letras-linguistica-e-literatura.html>



**AUTORES**

**AILMA DO NASCIMENTO SILVA  
BRUNA LUQUEZ AMARAL  
DIVA DE SOUZA MEIRÉLES  
FERNANDO MORENO DA SILVA  
JOÃO GABRIEL DIAS SOUSA  
LARISSA NASCIMENTO DE OLIVEIRA  
MAIANE MACHADO SÁ  
MARIA DE FÁTIMA DOS SANTOS BARROS  
RUTE LESSA NASCIMENTO  
TALITA VARELA**

## APRESENTAÇÃO

A obra nos remete a linhas de leituras e pesquisas, as quais são fundamentais e que norteiam o conhecimento atrelado a prática; os trabalhos científicos aqui apresentados, estão todos ligados às Letras, a Linguística e a Literatura, com excelentes contribuições de autores, que se utilizaram de muitos objetos de estudo para que essa contribuição fosse de fato positiva e tivesse um resultado significativo no que tange a área estudada.

É de extrema importância lembrar que as Letras, a Linguística e a Literatura possuem papéis fundamentais na vida do ser humano, estando vinculada à sociedade em que se origina; um instrumento de comunicação e de interação social, que cumpre o papel de transmitir os conhecimentos e a cultura de uma comunidade dentro da sociedade.

A obra apresenta linhas de estudos, dos quais muitos profissionais se deparam em suas carreiras e assim ajudará a desenvolver e otimizar as atividades propostas, disponibilizando as contribuições necessárias, para que o sucesso chegue juntamente com o conhecimento atrelado a prática.

Esperamos que os diferentes enfoques e pontos de vista, compartilhados pelos autores desta obra, possam contribuir com mais discussões e novas informações sobre Letras, Linguística, Literatura e seus discursos com a cultura, a sociedade e a história, dentro da Educação, bem como no âmbito da pesquisa, da extensão, e de várias outras metodologias que inovem as instituições de ensino, contribuindo para a formação de profissionais que capacitados que contribuam em sua área de atuação.

## SUMÁRIO

<b>Capítulo 1</b> <b>A MONOTONGAÇÃO DO DITONGO DECRESCENTE [OW] NO CORDEL HISTÓRIA DAS SETES CIDADES E A DEUSA DA ENCANTARIA DE FRANCISCO PERES DE SOUZA</b> <i>Maria de Fátima dos Santos Barros; Larissa Nascimento de Oliveira; João Gabriel Dias Sousa; Ailma do Nascimento Silva</i>	<b>8</b>
<b>Capítulo 2</b> <b>SUBSÍDIOS SOBRE O CONTATO LINGUÍSTICO DO ESPANHOL DA VENEZUELA COM O PORTUGUÊS BRASILEIRO COM ALUNAS MIGRANTES EM BOA VISTA-RR</b> <i>Maiane Machado Sá</i>	<b>21</b>
<b>Capítulo 3</b> <b>O PAPEL DA REFERENCIAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NA PROGRESSÃO TEXTUAL</b> <i>Talita Varela</i>	<b>43</b>
<b>Capítulo 4</b> <b>LINGUAGEM CONCEITUAL X LINGUAGEM COTIDIANA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DAS PRÁTICAS LINGUAGEIRAS NO AMBIENTE DE TRABALHO</b> <i>Diva de Souza Meiréles</i>	<b>59</b>
<b>Capítulo 5</b> <b>A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS NA MINISSÉRIE WANDAVISION: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA</b> <i>Bruna Luquez Amaral; Fernando Moreno da Silva</i>	<b>73</b>
<b>Capítulo 6</b> <b>O PRÉ-MODERNISMO EM TEMPOS DE GUERRA</b> <i>Rute Lessa Nascimento</i>	<b>98</b>
<b>Capítulo 7</b> <b>REFORMULAÇÃO SANEADORA NA ESCRITA: UMA ANÁLISE DAS CORREÇÕES AUTOCONDICIONADAS EM ESPELHOS DE REDAÇÕES</b> <i>Talita Varela</i>	<b>109</b>
<b>Capítulo 8</b> <b>A IMPORTÂNCIA DO CONTATO DA LITERATURA AFRO/MIGRATÓRIA COM CRIANÇAS NO PERÍODO ESCOLAR: UMA ANÁLISE DO LIVRO “A MENINA QUE ABRAÇA O VENTO”</b> <i>Maiane Machado Sá</i>	<b>122</b>
<b>AUTORES</b>	<b>138</b>

**Capítulo 1**  
**A MONOTONGAÇÃO DO DITONGO  
DECRESCENTE [OW] NO CORDEL HISTÓRIA  
DAS SETES CIDADES E A DEUSA DA  
ENCANTARIA DE FRANCISCO PERES DE  
SOUZA**

***Maria de Fátima dos Santos Barros  
Larissa Nascimento de Oliveira  
João Gabriel Dias Sousa  
Ailma do Nascimento Silva***



**A MONOTONGAÇÃO DO DITONGO DECRESCENTE [OW] NO  
CORDEL *HISTÓRIA DAS SETES CIDADES E A DEUSA DA  
ENCANTARIA* DE FRANCISCO PERES DE SOUZA**

***Maria de Fátima dos Santos Barros***

*Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras da  
Universidade Estadual do Píauí-UESPI. E-mail:  
mariafatimabarros@aluno.uespi.br*

***Larissa Nascimento de Oliveira***

*Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras da  
Universidade Estadual do Píauí-UESPI. E-  
mail:larissanascimentooliveira@aluno.uespi.br*

***João Gabriel Dias Sousa***

*Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Letras da  
Universidade Estadual do Píauí-UESPI. E-  
mail:joaogabrielsousa@aluno.uespi.br*

***Ailma do Nascimento Silva***

*Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2002) e doutorado  
em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
(2009). E-mail: ailmanascimento@uespi.br*

**Resumo:** O processo fonológico de monotongação pode ser compreendido como um fenômeno que é realizado quando um ditongo é desfeito em decorrência do apagamento da semivogal na cadeia fonética, como em doutor>dotô, assim ocorrendo uma supressão de um segmento sonoro na palavra. Nesse sentido, para que haja sua materialização pode-se dizer que ocorrem regras em um contexto fonológico propício, que desencadeiam sua ocorrência. Com isso, este trabalho tem como finalidade analisar as motivações internas, que corroboram para a presença da monotongação no cordel “História das Setes Cidades e a deusa da encantaria” de Francisco Peres de Souza, observando o contexto de posição da sílaba tônica, a classe de palavras a qual pertence, bem como o tamanho da palavra. Para tanto, foram utilizadas como

arcabouço teórico, as contribuições de Cagliari (2002); Câmara Jr. (1992); Bisol (2005); Silva (2010); Silveira (2019); Tarallo (1990), que trazem reflexões acerca do fenômeno linguístico e seu uso no seio social, assim como discutem sobre a língua e seu caráter heterogêneo, primando pela relevância dos estudos fonológicos no Brasil no âmbito do ensino de Língua Portuguesa. Quanto aos resultados deste estudo, constatou-se que a monotogação de /ow/ se mostrou positiva diante dos contextos de acentuação da sílaba tônica, de classes de palavras em verbos, bem como perante a posição do ditongo na palavra. Assim, espera-se que com este trabalho possam surgir novos questionamentos acerca do fenômeno linguístico e seu caráter vivo na sociedade.

**Palavras-chave:** Monotogação. Processo fonológico. Cordel.

**Abstract:** The phonological process of monophthongization can be understood as a phenomenon that occurs when a diphthong is undone as a result of the deletion of the semivowel in the phonetic chain, as in Doutor>dotô, thus occurring a suppression of a sound segment in the word. In this sense, for its materialization, it can be said that rules occur in a propitious phonological context, which trigger their occurrence. With this, this work aims to analyze the internal motivations, which corroborate the presence of monotogation in the string “História das Setes Cidades e a goddess of enchantment” by Francisco Peres de Souza, observing the context of the stressed syllable position, the class of words to which it belongs, as well as the word size. For that, the contributions of Cagliari (2002) were used as a theoretical framework; Jr Chamber (1992); Bisol (2005); Silva (2010); Silveira (2019); Tarallo (1990), who bring reflections about the linguistic phenomenon and its use in the social environment, as well as discuss the language and its heterogeneous character, emphasizing the relevance of phonological studies in Brazil in the context of Portuguese language teaching. As for the results of this study, it was found that the monotogation of /ow/ was positive in the context of accentuated syllable stress, in word classes in verbs, as well as in the face of the position of the diphthong in the word. Thus, it is hoped that with this work, new questions about the linguistic phenomenon and its living character in society may be urged.

**Keywords:** Monotogation. Phonological process. String.

## INTRODUÇÃO

Não se pode conceber a história de um povo sem considerar a história da língua que este povo compartilha. Durante o percurso que compreende a formação da língua portuguesa, pode-se observar as diversas influências de idiomas e dialetos no que diz respeito a sua origem. Desse modo, a língua latina que deu origem às línguas românicas reuniu uma extensa gama de lexemas e vocabulários oriundos desses estratos.

Com essas reflexões, nota-se o caráter dinâmico da língua em detrimento das relações sociais e suas variedades linguísticas. Neste espectro, Meillet se destacou

com seus estudos sobre os aspectos históricos da língua, encarando-a como um fator heterogêneo, a qual pertence à realidade sociocultural (Meillet, 1866-1936). Um aspecto importante sobre as ideias de Meillet é que esta premissa impulsionou os estudos sociolinguísticos de William Labov na década de 1960, o qual se ocupou em observar os fenômenos da fala e suas regularidades, sob o olhar sincrônico. Assim, neste estudo o enfoque estará firmado sob o olhar sincrônico, ou seja, a observância da língua em um dado momento.

Dessa forma, a discussão sobre os fenômenos da fala e sua materialização social ganharam visibilidade e se observa, atualmente, a busca pela compreensão dos processos fonológicos, no que diz respeito às suas regras de materialização que se desenvolvem no uso da língua.

De acordo com a perspectiva gerativa, a cadeia fonológica é organizada por um conjunto de representações subjacentes e por regras que são aplicadas na cadeia fonética (representação da superfície). Segundo Seara (2019, p. 140), “Quando a aplicação de uma regra altera a representação subjacente, estamos diante de um processo fonológico”. Nessa perspectiva, complementa Cagliari (2002) que os processos fonológicos são alterações na cadeia sonora que ocorrem nas formas básicas dos morfemas.

Desse modo, esses processos são frutos da materialização fonética, uma vez que é nela que a regra é aplicada, sendo advinda da estrutura profunda. Com isso, este trabalho objetiva analisar o processo de Monotongação presente no poema de cordel “História das Setes Cidades e a deusa da encantaria” de Francisco Peres de Souza (Chico dos Romances), poeta piripiriense que integra a cultura local. Assim como, observar quais variáveis linguísticas corroboram para o condicionamento do fenômeno.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa está classificada como quali-quantitativa, uma vez que buscamos interpretar o fenômeno de Monotongação, que ocorre nas palavras do poema de cordel “Estória das sete cidades e a deusa da encantaria” de Francisco Peres de Sousa. Quantitativa, pois quantificamos as ocorrências do processo em questão no cordel, além de quantificarmos de forma a distribuir a classificação do contexto em que ocorre o processo por meio da classe de palavras, a qual o lexema

faz parte. Além de ser também descritiva, pois descreve os contextos que corroboram para a presença do fenômeno de Monotongação.

Salienta-se que o processo fonológico foi identificado apenas na fala do poeta, no momento de declamação do poema, em um vídeo disponibilizado na plataforma YOUTUBE, uma vez que no cordel escrito há a correção ortográfica, desse modo, não podemos identificar o processo também na escrita.

## **A SÍLABA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

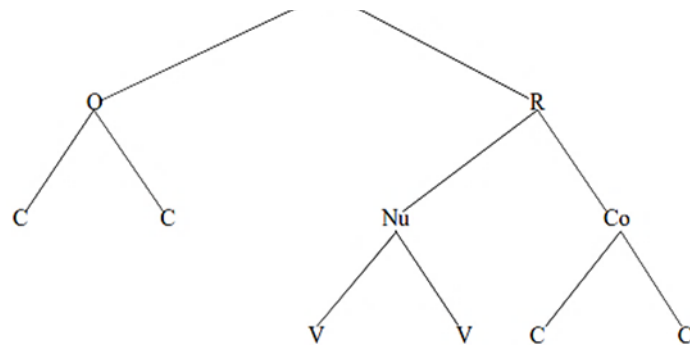
A compreensão da estrutura silábica se traduz como mecanismo importante para que o docente crie ferramentas que auxiliem o educando a refletir sobre a acentuação, formação, composição, separação silábica e outras. Desse modo, a sílaba é um fator relevante para entender o processo de formação dos ditongos e monotongos do Português Brasileiro (PB).

A sílaba pode ser constituída por vogais e consoantes, desde que o pico silábico seja ocupado apenas por uma vogal, e o glide poderá ocupar a posição pré-vocálica ou pós-vocálica. Segundo Silva 2003 (p. 76):

Uma parte nuclear que é obrigatória e geralmente é preenchida por um segmento vocálico (pode ser que um segmento consonantal nasal, líquida (l ou r) ou [s] ocorra nesta posição em determinadas línguas). As outras duas partes na estrutura silábica são periféricas, opcionais e são preenchidas por segmentos consonantais. Quando estes segmentos consonantais ocorrem eles podem apresentar uma ou mais consoantes. Se a sílaba apresentar apenas o segmento vocálico, este preencherá todas as partes da estrutura da sílaba.

Nessa perspectiva, o núcleo silábico poderá ser constituído apenas por uma única vogal, que poderá receber o acento tônico ou átono. Nesse sentido, é importante que se possa observar a estrutura silábica em sua projeção máxima na perspectiva de Bisol (2014, p. 116):

Figura 1- Projeção máxima da sílaba



Fonte: (BISOL, 2014, p. 116).

Assim, a sílaba é constituída por Onset (O), que pode ser ocupada por uma ou duas consoantes (C) e pela Rima (R) que se subdivide em Núcleo (Nu) e Coda (Co). Nesse contexto, de acordo com Bisol apud Silveira (2019, p. 28):

essa configuração é encontrada apenas nos ditongos leves – aqueles passíveis de variação, cuja monotongação não se confunde com outro vocábulo do léxico da língua (ex. p[ej]xe ~ p[e]xe, não p[aw]ta ~ \*p[a]ta). Devido ao grau de sonoridade, apenas vogais altas configuram-se como glides, ou semivogais, e podem ocupar a segunda posição V.

Nessa perspectiva, observa-se que o comportamento das vogais em relação à altura que ela ocupa é um fator preponderante que irá explicar até mesmo a sua posição na estrutura silábica.

Nesse ínterim, ao evocar dados equivalentes às vogais, se faz de extrema relevância trazer a lume os contributos estruturalistas de Câmara Júnior (1992) que destacam a posição de sílaba tônica como ponto de partida para caracterizar descrições no que diz respeito aos valores distintivos das vogais, uma vez que esta acentuação possui um som audível que carrega traços de intensidade. E, assim, propõe a realização das vogais em 07 fonemas vocálicos. Segundo Câmara Jr (1992, p. 41):

A elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior, conforme o caso, dá a classificação articulatória de vogal baixa, vogais médias de 1º grau (abertas), vogais médias de 2º grau (fechadas) e vogais altas.

Figura 2 - Vogais tônicas segundo Câmara Jr.

Altas	/u/		/i/	
Médias	/ô/		/ê/	2º grau
Médias		/ó/	/é/	1º grau
Baixa			/a/	

Fonte: (CÂMARA JR., 1992, p. 41).

Na realização tônica, as vogais iniciam com um sistema de 07 fonemas, porém quando está seguida de uma consoante nasal, reduz para 05, eliminando as vogais médias-baixas que estão em 1º grau. Assim, esse número diminui ao passo que as vogais estão em posição átona realizando o processo de neutralização das vogais médias átonas. Sendo este um processo representado por Wetzels (1993) apud Bisol (2005), no qual as vogais, para dar conta da realização postônica Não-Final as vogais perdem a distinção entre [o] e [u], configurando-se em 4 realizações. Já em relação à neutralização da vogal em final de palavras, estas reduzem a 3 fonemas vocálicos.

### Processo Fonológico de Monotongação

O processo de Monotongação se trata de um fenômeno pelo qual um ditongo passa a ser protelado como apenas uma única vogal. Havendo assim, um apagamento da glide. Por exemplo: Peixe; /'peiSe /; ['peSi]. Desse modo, este trabalho tem como objetivo analisar o processo de Monotongação presentes no cordel "História das Sete Cidades: a deusa da encantaria", de Francisco Peres de Sousa. Este processo pode ser definido como a redução de um ditongo a uma única vogal, se originando de uma Ditongação (realização do encontro de vogais em uma única sílaba). Silva (2010, p. 73-74) diferencia esses dois processos:

Um ditongo é uma vogal que apresenta mudanças de qualidade continuamente dentro de um percurso na área vocálica. As vogais que não apresentam mudança de Fonética — Ditongos qualidade são chamadas monotongos e foram descritas anteriormente. Um ditongo pode ser descrito e identificado com referência ao segmento inicial e final do contínuo.

Assim, pode-se dizer que só uma das vogais do ditongo pode ocupar o pico silábico, porque a outra se caracteriza como vocóide ou glide, isto é, não possui destaque proeminente em relação ao acento que recebe. Haja vista, estas proposições se faz de essencial relevância apresentar os trabalhos realizados nos últimos 20 anos em se tratando da Monotongação no Brasil. Importante salientar que estes ditongos se comportam como monotongos por sua característica leve, diferente de um monotongo pesado que caso haja o apagamento da vogal, este mudaria o significado, por exemplo: ['bajho] não ocorre como ['baho].

## **ESTADO DA ARTE**

No estudo de Silveira (2019) sobre a monotongação de /ej/, /oj/ e /ow/, constatou-se que o primeiro caso de /ej/ ocorre em decorrência de motivações linguísticas, dentre elas o lugar ocupado pelo ditongo morfológicamente, extensão do vocábulo e contexto fonológico que se apresenta após o ditongo. Já o /oj/, é motivado por fator majoritariamente lexical. Em relação ao fenômeno de monotongação /ow/, por mais que se apresente em sua maioria categoricamente, é evidenciado por motivação lexical, bem como de variáveis linguísticas (acentos e posição morfológica do ditongo na palavra).

Toledo (2011) em sua pesquisa sobre os monotongos constatou como fator motivador de ocorrência o contexto fonológico na presença de fricativa palatal e tepe. Aragão (2000) também verificou em seu estudo que não há interferência regional diatópica para a ocorrência, mas sim a fonética por excelência, em virtude da extensão da palavra, que quanto mais longo, maior a incidência do fenômeno em questão. Concordando com este estudo, Sândalo (2019) em sua amostragem parcial verificou que o fenômeno tem dificuldade de se apresentar em palavras de uma só sílaba.

Estudos que auxiliam em sobremaneira a compreensão dos dados do presente trabalho, uma vez que as constatações apresentadas nos estudos anteriores podem ser confirmadas também na literatura de cordel de Chico dos Romances.

## **CORDEL E A TRADIÇÃO ORAL**

A gênese da Literatura de Cordel remonta à tradição oral das poesias trovadorescas. Desse modo, no percurso histórico do Brasil observa-se uma grande



influência deste gênero em relação à cultura popular, uma vez que se revelou e revela uma aceitação do público com esta literatura, até mesmo pela sua característica difusora, popular e de baixo custo na sociedade.

É fato que a oralidade influencia significativamente o processo de escrita, principalmente para aqueles que se encontram em seu processo de aquisição. A literatura de cordel pode sim ser um *corpus* para que o professor possa adentrar em sua práxis, e usar mecanismos que façam o aluno refletir sobre o uso da escrita e da oralidade, reconhecendo as variantes linguísticas e as regras para suas ocorrências no seio social.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017, é importante que o docente possa guiar o alunado à produção de textos, bem como utilizar aspectos notacionais de ortografia para apropriação no contexto que este é pedido. Assim, nota-se a importância do conhecimento acerca de Fonética e Fonologia no âmbito escolar.

## **ANÁLISE**

Partindo para a análise das ditongações que se apresentam no cordel “História das Setes Cidades e a deusa da encantaria”, pode-se constatar a presença do fenômeno da Monotongação em 11 ocorrências, as quais concordam com as constatações dos estudos de Aragão (2000); Toledo (2011) e Sândalo (2019). Uma vez que o fator de classe de palavras irá se comportar como principal gatilho para a causa do fenômeno em questão.

Nesse contexto, serão considerados nesta análise aspectos de motivação interna e linguísticos referentes à acentuação, a classe de palavras, posição da sílaba no lexema. Já em se tratando dos fatores externos, não será levantado hipóteses em razão da pesquisa focalizar em uma manifestação particular da literatura. Portanto, para estudos futuros este aspecto seria de grande relevância sua contemplação ao passo que o pesquisador possa traçar comparações com outros cordéis de outros autores, da mesma região ou faixa etária semelhante ou distinta. A seguir é possível verificar as ocorrências de monotongação encontradas:



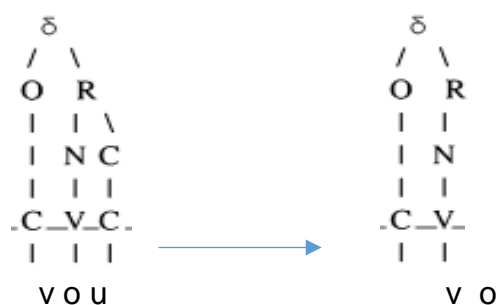
Quadro 1 - Ocorrências de Monotongação no cordel

Transcrição ortográfica	Transcrição fonológica	Transcrição fonética
Vou	/ˈvou/	[ˈvoʊ]
Contou	/konˈtu/	[kõˈtoʊ]
Couro	/ˈkouro/	[ˈkoʊru]
Dourado	/douˈrado/	[doʊˈradu]
Gravou	/graˈvatə/	[graˈvoʊ]
Governou	/govehˈnou/	[govehˈnoʊ]
Mandou	/manˈdou/	[mãˈdoʊ]
Encantou	/encanˈtu/	[ĩkãˈtoʊ]
Calou	/kaˈlou/	[kaˈloʊ]
Outro	/ˈoutro/	[otru]
Olhou	/oˈlu/	[oʌˈo]

Fonte: Pesquisa direta.

### Variáveis motivadoras para ocorrência da Monotongação

Nesta subseção serão apresentados os fatores que corroboram para a preservação do monotongo nas palavras. Primeiramente foi observado que todas as ocorrências de ditongação estão materializadas em razão da posição de **sílaba tônica** ocupada pela vogal, assim a glide é apagada ou neutralizada, modificando a estrutura silábica da palavra. Observe o exemplo a seguir com a palavra “vou”:

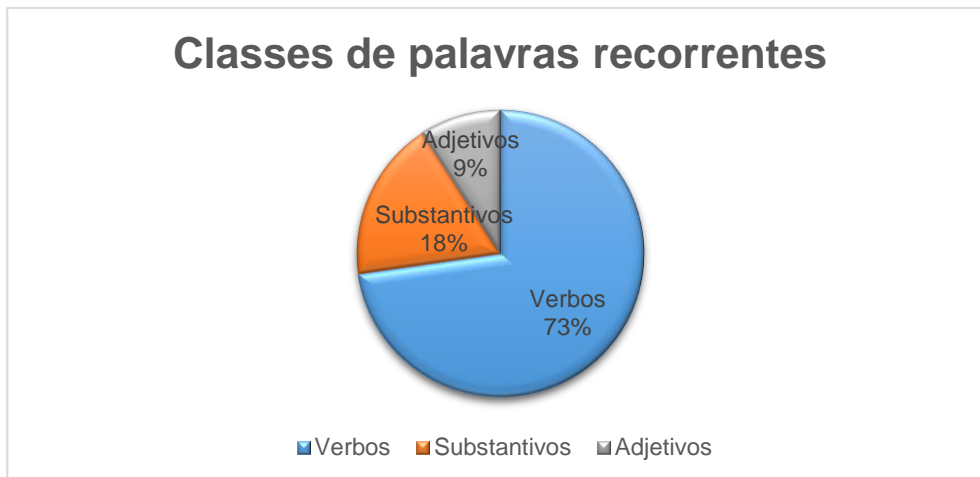


Fonte: Pesquisa direta.

Desse modo, é notável a modificação da estrutura da sílaba, que antes era um ditongo decrescente e agora se comporta como monotongo, havendo o apagamento da semivogal, restando apenas o núcleo da sílaba. Assim, a posição tônica prevalece em todas as palavras que monotongam.

Em relação ao fator **Classe de palavras** foi possível perceber que os monotongos ocorrem quase que categoricamente em verbos. Fato que vai de encontro ao estudo de Silveira (2019), apud Costa (2003) que levanta a hipótese de que este fenômeno de Monotongação possa ter se manifestado majoritariamente na categoria dos verbos. Este fato é possível notar no gráfico abaixo:

Gráfico 01- Classes de palavras recorrentes



Fonte: pesquisa direta.

A partir dessa observação, pode-se afirmar que a categoria dos verbos também será um motivador positivo para a ocorrência do fenômeno em questão. Podendo também se manifestar nos artigos e substantivos, mas com menor incidência (Vide quadro 01).

Outro fator positivo para realce da Monotongação é a posição final do ditongo nas palavras, uma vez que foram registradas 8 ocorrências na posição final das palavras e 3 ocorrências em posição interior da palavra. Por exemplo: [ˈvoʊ] que ocorre na extremidade da palavra e [oʌˈo] que ocorre no interior.

Assim, as variáveis encontradas que corroboram para a presença da Monotongação diz respeito à tonicidade da vogal, que ocasiona a neutralização do glide, também a classe de palavras dos verbos, bem como a posição final do ditongo

na palavra. Fatores que motivam quase que categoricamente a manifestação deste fenômeno em questão no cordel em análise.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso deste trabalho realizou-se uma abordagem do processo de Monotongação no cordel “História das Setes Cidades e a deusa da encantaria” de Francisco Peres de Souza, o qual está disponível em um canal do Youtube. Assim, pode-se constatar a manifestação do processo fonológico de Monotongação, que se mostrou positivo diante do contexto final de palavras, assim como esteve presente de forma significativa em verbos. Embora tenham quantificados duas realizações para a classe dos substantivos e uma de adjetivo.

Desse modo, este fenômeno caracteriza-se como expressivo na variante linguística piripiriense e deve ser analisado também pelo espectro das motivações externas sociolinguísticas: faixa etária, escolaridade, região geográfica, entre outras categorias. Até porque é indispensável que haja reflexões sobre o fenômeno de mudança linguística dialetal, uma vez que é por intermédio delas que se pode ponderar acerca da mudança linguística e seu caráter heterogêneo.

Portanto, consta-se a importância de estudos desta natureza para que se quebrem barreiras interpostas pelo preconceito linguístico diante da dinâmica da língua no seio social. Além de buscar despertar o interesse por outras pesquisas, as quais contemplem reflexões pautadas na relevância do conhecimento fonológico perante o ensino de língua materna e para a compreensão do fenômeno linguístico e suas reverberações.

## REFERÊNCIAS

### Livro:

BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4ª ed. rev. e ampl. Porto Alegre:EDIPUCRS, 2005.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria da Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular do Ensino Fundamental – BNCC. Brasília, DF, 2017.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica**: introdução à teoria e a prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas, SP: Mercado das letras, 2002.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

MEILLET, Antoine. 1866-1936. **A evolução das formas gramaticais**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2020.

SEARA, Izabel Christine. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2010.

SOUZA, Francisco Peres de. **História das Setes Cidades e a deusa da encantaria**. Piripiri. [s.d].

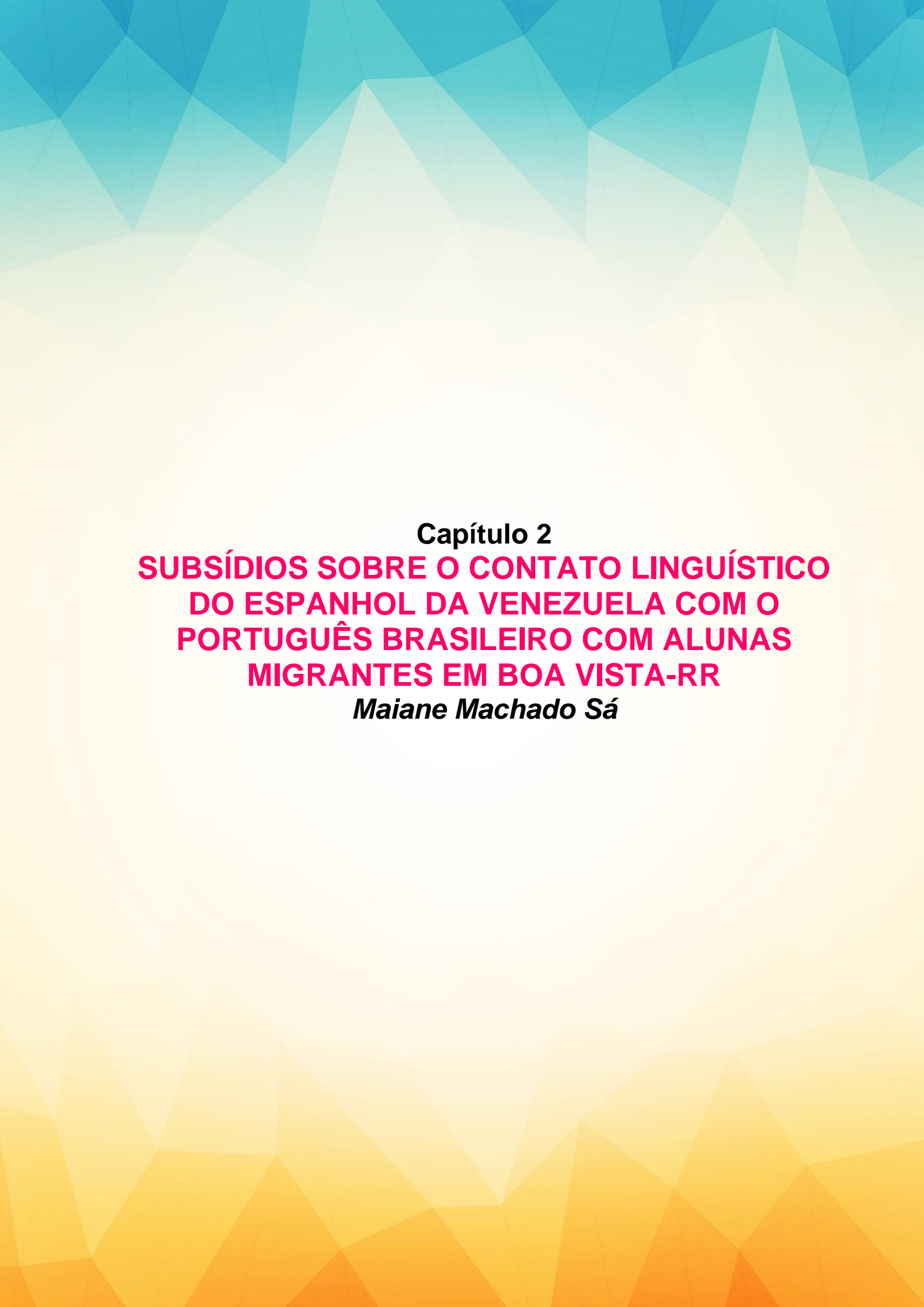
TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1990.

**Vídeo do Youtube:**

HISTÓRIAS DE PIAUIENSE. **Chico do Romance e as 7 cidades encantadas-Historia nº02**. 2016. (8m07s) Disponível em: <  
<https://www.youtube.com/watch?v=YK2CfIOhFow>>. Acesso em 13 jun. 2021.

**Trabalhos acadêmicos:**

SILVEIRA, Luciana Morales. **Monotongação em uso no português do Sul do Brasil**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.



**Capítulo 2**  
**SUBSÍDIOS SOBRE O CONTATO LINGUÍSTICO**  
**DO ESPANHOL DA VENEZUELA COM O**  
**PORTUGUÊS BRASILEIRO COM ALUNAS**  
**MIGRANTES EM BOA VISTA-RR**  
*Maiane Machado Sá*

## SUBSÍDIOS SOBRE O CONTATO LINGUÍSTICO DO ESPANHOL DA VENEZUELA COM O PORTUGUÊS BRASILEIRO COM ALUNAS MIGRANTES EM BOA VISTA-RR

**Maiane Machado Sá**

*Professora dos anos iniciais na prefeitura municipal de Boa Vista. Licenciada em Letras com habilitação em língua francesa pela Universidade Federal de Roraima.*

*Aluna do Programa de pós-graduação em Letras, curso de Mestrado, pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Email: machadojorge2918@gmail.com)*

**Resumo:** Levando em consideração o contexto atual no estado de Roraima, um cenário que está sendo marcado fortemente pelos fluxos migratórios em decorrência de catástrofes naturais (terremotos, furacões) como é o caso Haiti, e também de crises políticas, socioeconômica, nesse caso, a Venezuela, país localizado no norte da América do Sul, que tem como língua oficial o espanhol, o qual faz fronteira com o estado de Roraima, local onde a pesquisa foi desenvolvida. Esta pesquisa trata a respeito do contato linguístico do espanhol da Venezuela com o português brasileiro com alunas imigrantes residentes no estado. A escolha em desenvolver uma pesquisa nessa linha adveio da experiência que tenho como professora de português como língua de acolhimento para esse público. A importância em trabalhar essa área abarca de forma significativa alguns pontos, bem como, quando ocorreu o primeiro contato com a língua portuguesa, se há o domínio dessa língua, onde e com quem as participantes dessa pesquisa usam a língua alvo. Assim, essa pesquisa tem como objetivo apresentar dados a respeito do contato linguístico do português com o espanhol estudantes imigrantes venezuelanas. É uma pesquisa com base na linguística aplicada (MOITA LOPES, 2004) um estudo de caso (ANDRÉ, 1995), em que foi utilizado um questionário a fim de coletar os registros. Como base teórica, foi realizada uma breve contextualização do período migratório no Brasil (AMADO, 2016), também foram feitas algumas discussões sobre o processo de globalização baseado em (GARCEZ; JUNG, 2021), e por fim, trago algumas informações sobre os múltiplos contatos do português com outras línguas (ALKIMIM, 2020; ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011). A análise realizada a partir dos dados selecionados mostrou resultados significativos a respeito do grau desse contato linguístico entre o português brasileiro e o espanhol da Venezuela para a pesquisa em questão.

**Palavras-chave:** Contato linguístico; Português brasileiro; Alunas imigrantes.

**Abstrat:** In considering the current context of the Roraima State, a place marked by a huge migration flow caused by various factors, for instance, natural disasters (earthquakes, hurricanes), as in Haiti's case, and political and socioeconomic crises, such as that one experienced in Venezuela, which is located in the most north part of South America and which has Spanish as the official language and borders with the

Roraima State, where this research takes place. This paper intends to take a look at the linguistic contact between the Spanish language of Venezuela and the Portuguese of Brazil, with a focus on young female immigrant students resident in the State. The motivation to develop the research in this field came from my experience gathered as a teacher of Portuguese as a Welcome Language while working with that public. The main importance in dealing with such a theme involves some significant aspects, such as the first contact of those people with Portuguese; whether they got mastered that language; where and how the target public of this work uses the Welcome Language. Thus, this research aims to present data on the linguistic contact between Spanish of Venezuelan immigrant students and Brazilian Portuguese. It is a case study (ANDRÉ, 1995) that is inserted in the Applied Linguistics field (MOITA LOPES, 2004), in which has been used a survey to collect the registers. As a theoretical basis, it was performed a brief contextualization of the migratory period in Brazil (AMADO, 2016). It also argues about the Globalization process (GARCEZ; JUNG, 2021). Finally, it presents some pieces of information about the large numbers of contact between Portuguese and other languages (ALKIMIM, 2020; ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011). The analysis shows meaningful results on the level of contact between the Spanish immigrants of the research and the Brazilian Portuguese.

**Keywords:** Linguistic Contact. Brazilian Portuguese. Migrant Students.

## 1 INTRODUÇÃO

As sociedades contemporâneas em que vivemos são marcadas fortemente pelos fluxos migratórios e se destacam, entre outros aspectos, pela diversidade e pela heterogeneidade das relações. Nesse sentido, o estrangeiro tornou-se figura comum no cotidiano não somente da comunidade, mas também no cotidiano universitário. E de modo geral, as instituições de educação possuem o papel de atender a essa pluralidade de indivíduos que chegam com o objetivo de se estabelecer, mesmo diante de uma diversidade de desafios. Dentre as diversas dificuldades que encontram, enquanto imigrantes, seja em questões do âmbito judicial, em que esses indivíduos advindos de outros países buscam pela regulamentação migratória, destaca-se também a questão linguística. Vale ressaltar que, dentro desse contexto migratório, a sociedade civil, seja através de organizações não governamentais, ou de caráter religioso, é que se manifestou para assumir a responsabilidade de acolhimento humanitário desses imigrantes, motivados a saírem de seu país de origem.

Diante deste cenário, passamos a considerar, neste trabalho, questões relacionadas ao contato linguístico das duas línguas em uso, o português e o espanhol falado por esses imigrantes oriundos de processo de deslocamento ocasionado pela crise. É de comum acordo que uma das maiores dificuldades e necessidades que os imigrantes encontram está relacionada a comunicação dentro do país de acolhimento,



ou seja, ao domínio do idioma. E o acesso a língua portuguesa como Língua de Acolhimento torna-se um desafio, levando-se em consideração a carência de oferta de tal formação nas redes públicas de ensino do Brasil, bem como certa omissão do Estado brasileiro no que diz respeito ao desenvolvimento de políticas públicas a imigrantes de crise que abranjam a questão do ensino de português.

Nesse sentido, abordar sobre essas questões de línguas em contato, torna-se uma questão central, visto que pode promover a inclusão social, por considera-lo um dos fatores que contribui para a integração deste indivíduo a vida em sociedade. Além de ser um dos elementos que contribuem para a inserção e integração de imigrantes na sociedade, a língua é um elemento fundamental em uma cultura que para eles é nova, por não ter sido de livre escolha, em sua maioria, mas que tiveram que passar a conhecer, tornando esse elemento uma forma essencial de comunicação que permeia questões de sobrevivência como emprego, educação, moradia e acesso à saúde.

Sabe-se que a língua portuguesa sempre teve múltiplos contatos com outras línguas no decorrer dos anos, isso em decorrência de variadas misturas de culturas, etnias acarretando um contato linguístico com línguas africanas, de imigração, indígenas e de regiões de fronteira, (COELHO, SILVA, 2018; BORGES, 2001; OLIVEIRA, 2002; ALKMIM, 2020; BONVINI, 2009; LUCCHESI, 2015; ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011; PAYER, 2001).

Considerando o contexto atual que o estado de Roraima se encontra, surgiu o interesse em trabalhar a respeito dessa temática, assim este trabalho objetiva apresentar dados a respeito do contato linguístico da língua espanhola, língua falada pela Venezuela, com a língua portuguesa do Brasil com estudantes imigrantes venezuelanas, mostrando qual o grau e como esse contato acontece na prática.

## **2. IMIGRAÇÃO**

É sabido que o processo de imigração acontece desde os tempos antigos (HALL, 2003), em que pessoas saíam de suas terras, habitações em busca de novas oportunidades, novas direções e novos sonhos em um outro lugar onde poderiam reconstruir suas vidas uma outra vez. Emigrar nunca foi um processo realizado com facilidade, e provavelmente nunca será, levando em consideração alguns fatores. Logo, exige renúncias, perdas, e principalmente, quando isso está relacionado com questões mais complexas e delicadas, ou seja, quando o indivíduo não decide sair



por decisão própria, mas sim, forçado a deixar seu país, sua família, seu trabalho, seus bens, seus costumes e buscar abrigo em outro país em decorrência de crise humanitária existente em sua nação. Porém, ao chegar no novo país, esse imigrante encontra uma gama de dificuldades para se adaptar, visto que há novos costumes, novas culturas, e além de tudo muita discriminação (BONNICI, 2011). Isso depende muito de onde esse imigrante vem, de qual país, principalmente quando se trata de imigração de pessoas provenientes da África e de outros lugares que têm como cor, a pele negra (HALL, 2003) de qual continente, qual o motivo dessa imigração, todos esses fatores interferem muito no momento de adaptação e interação na nova sociedade. Sabemos que a nossa sociedade infelizmente, ainda é muito discriminatória e racista, então o local, a identidade que o indivíduo traz consigo mostrando de onde vem contribui muito, seja de forma positiva ou negativa para a nova integração. Como citado, imigrar é deixar seu local de vivência e ir para outra cidade, outro estado, vila, casa, mas não somente isso, é mudar-se de país, de nacionalidade.

Com o avanço da globalização, novas rotações, conexões movidas por um contexto global, o mundo vem vivenciando grandes transições entre países, devido aos fortes fluxos migratórios na contemporaneidade. De acordo com o relatório Mundial sobre Migração publicado em 2022, havia em 2021 cerca de 281<sup>1</sup> milhões de migrantes internacionais, equivalendo a 3,6 % da população global. E segundo dados do alto comissariado das nações unidas para os refugiados- ACNUR, existe cerca de 82, 4 milhões <sup>2</sup>de pessoas refugiadas no mundo, ou seja, que se deslocaram de suas moradias, deixando de lado sua cultura, seus costumes, famílias, seus bens, dentre outros, em busca de um local seguro para um recomeço. Com essas grandes mudanças geopolíticas, deslocamentos, o Brasil é um dos países que se destaca na recepção de sujeitos imigrantes, principalmente na última década (CAMARGO, 2019; AMADO, 2016; SILVA; COSTA, 2020), ou seja, muitas dessas pessoas optam como destino, o Brasil, visto que o mesmo possui políticas de imigração mais flexíveis, logo, muitos desses sujeitos transnacionais se instalam no novo país acolhedor.

Sabe-se que a questão migratória não é recente, como já dito, esse fluxo de idas e vindas acontece desde os tempos antigos, e o Brasil não é diferente, no período colonial, houve a imigração de maneira forçada de pessoas de origem africana, como

---

<sup>1</sup> <https://news.un.org/pt/story/2021/12/1772272>

<sup>2</sup> <https://www.educacaopararefugiados.com.br/>

congoleses, provenientes da Angola e outros africanos que também vieram forçados para o país, ou seja, para serem escravos. Já no período imperial, houve uma recepção de um grande número de italianos e alemães que buscaram como destino o Brasil para assim trabalhar nas lavouras. No século XX houve uma intensificação e uma diversificação no que concerne às migrações, nesse período muitos europeus que fugiam de guerras, japoneses, libaneses e sírios que chegaram ao Brasil com o objetivo de conseguir um emprego e se estabilizar. Ainda no século XX foi a vez dos coreanos e sul americanos que decidiram residir nas cidades mais desenvolvidas também com o intuito de conseguir melhorias. O século XXI tem sido uma época que também tem sido marcada por intensos fluxos de migração seja ela decorrente de catástrofes naturais, tsunamis, terremotos, crise política ou econômica, tem causado uma deslocação de pessoas de diferentes lugares, como haitianos, asiáticos, africanos, venezuelanos (AMADO, 2016).

Infelizmente, esse é o cenário atual da Venezuela, país localizado na América do Sul, o qual faz fronteira com o estado brasileiro, Roraima, situado ao norte do Brasil (SILVA, 2013); ( SANTOS; MÜHLEN; WEIZENMANN, 2017).

Tudo começou com a morte do então presidente da época, Hugo Chavez em 2013. Depois de sua morte, o seu vice assumiu a presidência, e com isso começaram a surgir os problemas no país, problemas que estavam relacionados à política e economia. Em meados de 2015, os habitantes começaram a deixar seus lares, famílias, bens, para tentar fugir da crise que assombrava o país, e possivelmente encontrar um local mais seguro para recomeçarem suas vidas e ter mais oportunidades e uma melhor qualidade de vida tanto para si como também para suas famílias. O estado de Roraima, que tem como capital Boa Vista, foi um dos lugares que recebeu mais esses imigrantes venezuelanos (MATTOS, 2019). Porém, somente a partir do final de 2016 até o presente ano, a crise se intensificou ainda mais. Dessa maneira, grande parte da população desocupou suas moradias e saíram em busca de um local para sobreviver, visto que a situação estava caótica em seus diversos aspectos: político, econômico, educacional etc. Além de Boa Vista, Pacaraima, cidade fronteira com Santa Elena, foi um dos lugares que mais recebeu esse público, pois como é a cidade vizinha, a mesma era o principal escape dessa população.

A Venezuela é um país localizado na América do Sul que tem como capital a cidade de Caracas, fazendo fronteira com Roraima, estado localizado no extremo norte do Brasil. Em 2013 possuía aproximadamente uma população de 30 milhões de

habitantes, tendo como presidente Hugo Chávez. Com a morte de Chávez, o seu vice Nicolás Maduro assumiu então a presidência do país. A partir desse período, o país começou a entrar em uma crise econômica por conta de diversos fatores, entre eles, a desvalorização do petróleo. Com a crise se propagando, o país passa a desenvolver diversos problemas, como, desemprego, questões sanitárias, fome, dentre outras situações. A partir de 2015 muitos venezuelanos começaram a procurar refúgio em outros lugares, o estado de Roraima, que tem como capital Boa Vista, foi um dos lugares que recebeu mais esses imigrantes venezuelanos. Com a chegada em massa ao Brasil, especificamente na cidade fronteira, Pacaraima e também na capital do estado – Boa Vista, viu-se a necessidade dessas pessoas aprenderem de forma urgente a língua portuguesa com a finalidade de se comunicarem.

## **2. 1 GLOBALIZAÇÃO**

A globalização é um processo de expansão econômica, política, cultural em nível mundial. Todo esse processo não é novo, continua em propagação, promovendo maior desigualdade social, ou seja, há aparentemente uma conexão mais forte entre as pessoas, pois há o processo de migração pelo mundo, e em nível cultural há uma tendência de uma padronização cultural, uma disseminação de uma cultura e língua por meio do imperialismo linguístico do inglês, por exemplo, que promove uma hegemonia cultural. Com a globalização, as distâncias estão cada vez mais curtas, pois ela permite essa quebra das barreiras físicas e linguísticas, facilitando um encurtamento do espaço-tempo (GARCEZ; JUNG, 2021). O aspecto linguístico vem se tornando central para o capitalismo recente, não só ampliando transformações ao longo dos anos, mas aprofundando também a desigualdade e a injustiça social através dessa globalização. Por exemplo, a distância em quilômetros do Brasil para os Estados Unidos é a mesma, o que vai mudar é a forma como esse caminho será percorrido. Sabemos que antes era através da navegação, o que ocasionava muitos dias de viagem, e hoje, com essas mudanças geradas ao longo dos anos, o avião se tornou o principal meio de transporte, e com isso o tempo do percurso diminuiu, sendo o trajeto realizado em horas. Mas para interagir e usufruir dos serviços possibilitados pela globalização é necessário ter acesso a esses serviços, e não são todos os grupos que podem desfrutar desses novos processos que vem surgindo com o impacto da globalização. A classe dominante, ou seja, aquela que possui o poder, obviamente, está no centro de todas essas mudanças e se apropria dos benefícios advindos da

globalização, mas os grupos minoritários, aqueles que estão à margem, que não possuem tantos recursos, muito menos privilégios, ficam não só desassistidos e excluídos de todas as vantagens que a globalização proporciona, mas é colocada cada vez mais a margem, vendo como única possibilidade de sobrevivência em muitos casos a migração em situação de risco e de muita vulnerabilidade, como é o caso de muitos dos participantes desta pesquisa.

Da mesma forma, as distâncias linguísticas, que em outras épocas eram enormes, e a comunicação acontecia em forma de cartas, devido aos meios de comunicação que eram outros, hoje, com todos avanços da tecnologia, a comunicação acontece em tempo real (GARCEZ; JUNG, 2021). Assim, tanto o transporte quanto a comunicação fazem a percepção tempo e espaço de mundo diminuir. Um outro ponto importante também sobre essa questão é que ela desfaz muitos paradigmas, por exemplo, há alguns anos tínhamos uma noção diferenciada ou até mesmo distorcida sobre determinado assunto, comida ou outro aspecto, seja cultural seja político, pois a informação, que chegava até nós, era limitada, não possuíamos o conhecimento daquele momento, o que sabíamos geralmente era por meio de outras pessoas. Então com esse fortalecimento tanto das redes de comunicação quanto de transporte todas essas questões ficam mais interligadas e conectadas, gerando assim uma maior facilidade no alcance das informações. A globalização apresenta diversos pontos positivos, dentre eles o surgimento de novas práticas e novas concepções, oferecendo em princípio uma diversidade de possibilidades de escolhas em diversas proporções, o que, no entanto, não é para todos, é para uma minoria privilegiada. Outro fator importantíssimo é a disseminação das informações, pois com o avanço da tecnologia o acesso as novas informações se expande com mais rapidez e segurança, porém, o que temos observado é que, com toda essa rapidez e disseminação, as informações podem chegar até nós com alterações, visto que quem está no poder controla algoritmos e múltiplos canais de propagar uma informação falsa, logo, como muitos têm acesso à desinformação ou as fake news que são resultado também da globalização.

Para quem está inserido nesse mundo globalizado, e é de classe social que possibilita acesso às novas tecnologias, à aprendizagem da língua inglesa, é um privilégio. Essa grande diversidade vai promover também efeitos negativos, como o aumento da desigualdade, diferenças sociais, sendo a linguagem um dos principais fatores, e a padronização cultural. Um exemplo dessa padronização é o k-pop, anime,

filmes, produtos consumidos, dentre outros, com tudo isso, a cultura local é absorvida pelas grandes culturas internacionais. Com todas essas modificações/transformações muitos fatores melhoraram, porém, a maioria não é acessível a todos, visto que cada vez mais há um maior distanciamento entre um grupo muito pequeno que detém a maior fatia dos bens materiais e a maioria das pessoas que está em situação cada vez mais precarizada. Assim, com toda essa mobilidade, a linguagem vem passando por diversas transformações no decorrer dos anos, promovendo mudanças relevantes para a construção de desigualdade e injustiça social.

## 2.2 MÚLTIPLOS CONTATOS DO PORTUGUÊS

As línguas em contato produzem vários efeitos no que diz respeito aos fenômenos variantes entre elas. Para efeito de estudo a linguística irá focar-se aos motivos e resultados desses fenômenos para a sociedade em si e seu comportamento no meio social. Vale lembrar que as línguas e seus falantes devem ser considerados para o estudo completo desses fenômenos (JACOBSON, 1991).

Quando falamos sobre o efeito histórico das línguas no âmbito linguístico esse processo depende do contexto social e grande parte do produto final ao qual o uso dessa variante se destina. Sabemos que o contato entre as línguas ocorreu desde os tempos antigos, pois:

Surgem como resultado natural de um movimento de imigração ou de migrações internas, que, via de regra, implica uma transposição de um contexto sociocultural e político a outro e, conseqüentemente, uma mudança de status social e político (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011, p. 290).

Dessa maneira, quando as pessoas saíam de seus países em busca de melhores condições de vida, logo havia uma mistura entre as línguas, pois cada local possui suas próprias línguas. O Brasil desde que se encontrava sob o domínio de Portugal, quando houve a invasão de tropas portuguesas no território que mais tarde se chamaria Brasil, local onde já existia habitantes, nesse caso, os povos indígenas, houve o contato do português, nesse caso de Portugal com as línguas indígenas.

Como já citado, a língua portuguesa sempre teve múltiplos contatos com outras línguas, devido aos fluxos migratórios que ocorreram seja de maneira voluntária ou de forma forçada, as quais tiveram suas influências e contribuições. Alkimim (2020) e

Bonvini (2009) abordam sobre o contato de línguas africanas durante o período que os africanos eram forçados a deixarem suas moradias, famílias e trazidos para o Brasil para trabalharem como escravos. Alkimim (2020) ainda relata sobre o escravo que veio ao Brasil quando ainda tinha 17 anos para realizar esse tipo de trabalho no Brasil. Ele foi capturado em uma região que atualmente é conhecida como a Nigéria<sup>3</sup>, um país que possui variadas línguas locais, como yoruba, ibgo, hauçá, dentre outras, além do inglês que é considerada a língua oficial do país.

Outro registro de contato do português com outras línguas, são as da imigração italiana e alemã que ocorreu por volta do século 19, quando muitos italianos e alemães deixaram seus países por questões sociais que estavam vivenciando e se instalaram no Brasil, especificamente no sul do país, e conseqüentemente carregando consigo suas línguas (AMADO, 2016); (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011). Também houve o contato com línguas provenientes do Japão, Líbano, Haiti, dentre outras, também em decorrência de migrações (Amado, 2016). Em se tratando do espanhol da Venezuela com o português do Brasil, e especificamente do estado de Roraima, ambas as línguas já interagiam desde sempre, visto que como o país faz fronteira com Roraima, era muito comum as idas e vindas tanto de brasileiros como de venezuelanos para realizarem compras, passar férias, visitar familiares e amigos. Desde sempre, houve esse contato de ambas as línguas, porém quando a crise adveio, esse contato se intensificou ainda mais, especificamente em Roraima e respectivamente em seus principais municípios, como Boa vista e Pacaraima. Desde esse momento, há constantemente uma relação de contato com ambas as línguas em diversos momentos e lugares, visto que Boa Vista é um dos lugares que se concentra uma grande parcela desse público, dessa maneira, em algum lugar, em alguma situação, esse contato sempre está marcado.

### **3 - DESENHO DA PESQUISA**

A área de estudo é a Linguística Aplicada por entender esta, em conformidade com Moita Lopes (2004), como um campo transdisciplinar de estudo que analisa e proporciona soluções para problemas que são referentes à linguagem em uso. Essa transdisciplinaridade é vista como um espaço no qual se convergem os pensamentos das diversas áreas, isto é: “um modo de investigação que envolve uma forma de

---

<sup>3</sup> Comentário da pesquisadora de acordo com conversas informais com alunos africanos que estudam no Brasil por meio do programa PEC-G.



produção de conhecimento que é gerado no contexto de aplicação cortando várias disciplinas” (MOITA LOPES, 2004, p.113-128). A LA não trabalha somente com a linguística, mas também com outras áreas de conhecimento, como, a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia, a Sociolinguística, a Etnografia, entre outras (CAVALCANTI, 1986; MOITA LOPES (1996). A LA possui vários tipos de pesquisa em múltiplas subáreas, como ensino e aprendizagem de língua, linguagem e tecnologia, alfabetização e letramentos, formação de professores de língua e práticas sociais (ALMEIDA FILHO, 2007).

A pesquisa está inserida numa abordagem qualitativa, tipo estudo de caso etnográfico (ANDRÉ, 1999). Segundo Denzin; Lincoln (2006) a pesquisa qualitativa pode ser entendida como:

Uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

A pesquisa qualitativa de cunho etnográfico está voltada para o levantamento de registros, no sentido de compreender comportamentos, não tendo a intenção de obter resultados, apesar da constante investigação, mas sim a compreensão do problema, formulando hipóteses, objetivando a descoberta de novos conceitos. Assim, a pesquisa de cunho etnográfico busca usar os procedimentos da etnografia para fazer um determinado estudo (ANDRÉ, 1999). O estudo de caso é um método qualitativo de cunho etnográfico, visto que serve para dar respostas a questionamentos do pesquisador que surgem no período de investigação (ANDRÉ, 1999). Segundo Yin (2001), o método estudo de caso é:

[...] uma investigação científica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos; enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidência [...] e beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e análise dos dados. (YIN, 2001, p. 32-33).

Assim sendo, o estudo de caso é um método que contribui para entender e

tentar esclarecer decisões a serem tomadas em relação à pesquisa, investigando uma questão/problema. Na LA é comum usar diferentes técnicas para a coleta de registros. O procedimento utilizado para triangular os dados é caracterizado por triangulação, isto é, “a exposição simultânea de realidades múltiplas, refratadas. Cada uma das metáforas age no sentido de criar a simultaneidade, e não o sequencial ou o linear [...]” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p.20). Isto é “refere-se a recolha de dados recorrendo a diferentes fontes” (DUARTE, 2009, p. 11). Durante este estudo, serão usadas duas técnicas da pesquisa de cunho etnográfico para a coleta de registro, são elas: análise documental, e questionário elaborado pela pesquisadora. No que se refere à análise documental, segundo (ANDRÉ, 1999, p. 28), “os documentos que foram reunidos serão usados em razão de contextualizar, especificar e completar as informações adicionadas por meio de outras fontes”. Deste modo, os registros serão colhidos em duas etapas: Primeiro mediante coleta documental, e por último um questionário de múltipla escolha.

No que concerne à análise documental serão considerados documentos oficiais a respeito da imigração no Brasil, e em Roraima, em especial dos venezuelanos, bem como do Acnur, oim, tCC's, dissertações, dentre outros.

Após a realização da etapa documental, passarei para a segunda e última etapa da coleta de registros, que consistiu em um questionário de múltipla escolha previamente elaborado, com 05 (cinco) imigrantes venezuelanas que residem em Boa Vista /RR.

As 05 (cinco) participantes da pesquisa, fazem parte do atual cenário de imigração que estamos vivenciando no estado de Roraima. A sistematização dos registros coletados e a análise dos dados serão feitas através de triangulação, isto é, reunir as informações coletadas das diferentes técnicas utilizadas durante a pesquisa, ou seja, olhar em todos os ângulos buscando organizar os dados de maneira a responder a problematização da pesquisa (DENZIN; LINCOLN, 2006).

## PERFIL PESSOAL

Nome	idade	Sexo	Origem	Onde reside	Por que veio ao Brasil
Lauren	35	F	Venezuela	Casa alugada	Crise no país



Elisa	50	F	Venezuela	Abrigo	Melhorar condições de vida e dos filhos
Eva	47	F	Venezuela	Casa alugada	Para um melhor futuro
Luna	30	F	Venezuela	Casa alugada	Passar férias/ficou para trabalhar
Alejandra	39	F	Venezuela	Casa alugada	Juntar dinheiro para ir para outro país

### PERFIL LINGUÍSTICO

Nome	Tempo no Brasil	1º contato com a LP	Domina a LP	Onde usa a LP	Com quem usa a LP
Lauren	2 anos e 2 m.	Curso/Duolingo	Um pouco	No trabalho (...)	Esposo, chefes e colegas de trabalho (...)
Elisa	6 meses	Pacaraima/Brasil	Um pouco	Abrigo, loja, rua, ônibus, whatsapp (...)	Marido, ir mãos, amigos, filha (...)
Eva	10 meses	Pacaraima/Brasil	Um pouco	Casa, aula, trabalho (...)	Esposo, chefe (...)
Luna	6 anos e 5 meses	Pacaraima/Brasil	Sim	No trabalho, rua, praça (...)	Clientes, atendentes, pessoas em geral(...)

Alejandra	4 anos	Na Venezuela	Um pouco	Mercado, transporte, vizinhança (...)	Motorista, operadora de caixa, vizinhos (...)
-----------	--------	--------------	----------	--	---

Para realizar a transcrição dos dados obtidos, foi consultado o modelo de convenções “Vertentes do português popular da Bahia” (LUCCHESI, 2012), no qual fiz algumas adaptações.

#### Convenções para a transcrição

PFE	Participante Falante Espanhol
(...)	Falas não transcritas
“ ”	Discurso direto produzido pelo participante.

## 4- ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1 Primeiro contato com a língua portuguesa

Como mencionado, o contexto no qual a pesquisa foi realizada- migratório, se caracteriza como um ambiente de pessoas que estão vivenciando um período de imigração ocasionado por variados fatores, como já descritos nesse trabalho. É sabido que o Brasil é um país multicultural com diversas influências, como, indígena, mistura de povos negros e povos advindos da Europa. Assim, com a chegada de novos imigrantes no país acolhedor, começamos a enxergar muitas mudanças, uma modificação na cultura, no comportamento, novos costumes religiosos, novos ritmos musicais, novos idiomas começam a ser ouvidos, isto é, uma gama de aspectos que podem modificar a cultura local, que muitas vezes pode ser considerada pura (BONNICI, 2011). Nesse sentido, podemos perceber que no momento que há a inserção do imigrante no país acolhedor, dá-se início ao contato com outras línguas, nesse caso, o contato do espanhol de venezuelanos imigrantes com o português brasileiro. Respondendo uma das perguntas- Quando foi seu primeiro contato com o português do Brasil? no questionário, 3 ( três) das 5 ( cinco) participantes responderam que o primeiro contato com a língua portuguesa foi na cidade de Pacaraima/ Brasil, e as outras duas informaram que o contato ocorreu na Venezuela e através de um aplicativo de língua, conforme podemos ver nos fragmentos a seguir:

“ Na Venezuela”	(PFE) Alejandra
“ Em Pacaraima quando liguei “(PFE) Eva	
“ Antes de viajar no Brasil, fiz curso em um aplicativo em Duolingo e escute áudios de pronuncia de palavras”	(PFE) Lauren
“ Em Pacaraima”	(PFE) Elisa
“ Em Pacaraima quando passei férias no Brasil”	(PFE) Luna

De acordo com os fragmentos acima, percebe-se que três participantes tiveram seu primeiro contato com a língua portuguesa do Brasil de forma “forçada”, ou seja, devido à crise vivenciada na Venezuela, buscaram refúgio no lugar mais próximo, nesse caso, a cidade de Pacaraima, localizada no norte do estado de Roraima. Porém é importante destacar que a participante Luna (PFE) teve seu primeiro contato em Pacaraima, mas a mesma estava passando férias, logo esse contato com a língua portuguesa aconteceu de maneira mais espontânea, pois a participante não se deslocou de seu país para buscar refúgio em decorrência do que estava ocorrendo em seu país. Assim, é perceptível que o contato entre as línguas aconteceu de maneira mais pacífica, comparada as participantes anteriores devido a migração forçada. Enquanto para Alejandra (PFE) a relação com o português começou ainda na Venezuela através de encontros com amigos, para Lauren (PFE) aconteceu por meio do aplicativo de línguas que é muito conhecido, *Duolingo* em que praticava a pronúncia das palavras por meio de áudios. Dessa maneira, os trechos que foram citados mostram como se deu o primeiro contato das participantes imigrantes falantes de espanhol com o português, com ênfase em suas particularidades, sendo que para cada uma aconteceu de uma maneira, com situações parecidas, mas ao mesmo tempo diferentes.

#### 4.2 Domínio da Língua Portuguesa

Segundo Leffa (2016) “dominar uma língua com proficiência pode levar muitos anos ou mesmo uma vida inteira”. Assim, para falar, se apropriar de uma língua estrangeira com autonomia é necessária muita dedicação na nova língua para que assim o estudante seja proficiente na língua alvo. Em se tratando de um imigrante não é diferente, porém pode haver uma maior dificuldade, visto que na maioria das vezes, a prioridade é conseguir um emprego

para melhorar a situação vivenciada, e dessa maneira, resta um tempo menor para uma aprendizagem com mais dedicação na língua que está aprendendo. Ao serem interrogadas se dominam o português, 4 (quatro) das 5 (cinco) participantes responderam que dominam somente um pouco, sendo que somente (PFE) Luna respondeu que domina a língua portuguesa, como mostra as respostas nos excertos que seguem:

Lauren ( PFE)	“Um pouco”
Elisa ( PFE)	“Eu domino um pouco a língua portuguesa”
Luna ( PFE)	“Eu domino o português”
Alejandra ( PFE)	“Um pouco”
Eva ( PFE)	“Um pouco”

A maioria das participantes desta pesquisa estão no Brasil há pouco tempo, algumas o tempo ainda se resume em meses, ou seja, o processo de aprendizagem do novo idioma ainda é muito recente, e por isso há muito o que se explorar. Dessa forma, é conveniente que a maioria respondeu que ainda não domina a língua com autonomia, em outras palavras, somente um pouco. Para (PFE) Luna que está no Brasil há mais tempo, quase 7 anos, afirma que se apropria da língua, portanto domina a LP. Porém, dominar uma língua vai muito além do tempo que o imigrante está inserido no país acolhedor, diversos questões contribuem para a aprendizagem e, conseqüentemente o domínio de uma língua, pois segundo Almeida Filho (2007), ao estudar uma língua estrangeira, o aluno está sujeito a várias mudanças, principalmente no que tange aos sentimentos, à frustração, ao desânimo, entre outros, que influenciam na desmotivação do recebimento das informações, isto é, das informações estudadas na língua alvo. Devido ao contexto que as participantes desta pesquisa estão inseridas, é muito comum que elas passem por essas mudanças no momento de aprendizagem, pois estão em um país totalmente diferente, com uma cultura diversa, um idioma que apresenta várias particularidades, saudade de familiares. Dessa maneira, muitos são os fatores que dificultam alcançar o domínio em uma língua estrangeira, nesse contexto o português.

### 4.3 Locais de uso da Língua Portuguesa

Respondendo à pergunta- Onde você usa o português?, no questionário, as participantes apresentaram variados lugares onde há interação na língua portuguesa, conforme os fragmentos que seguem:

Lauren ( PFE)	“ eu uso o português no trabalho e em casa”
Elisa ( PFE)	“ Uso no abrigo, nas lojas, quando caminho na rua, para tomar ônibus, em whatsapp, com la família”.
Luna ( PFE)	“No trabalho, rua, praça”
Alejandra ( PFE)	“Mercado, lotação, vizinhança”
Eva ( PFE)	Em casa, na aula, trabalho”

Como visto nas respostas das participantes, elas usam a língua alvo em diferentes contextos em que estão inseridas, conforme a necessidade de comunicação. É possível perceber na fala da (PFE) Elisa a utilização do português de uma maneira mais expandida, ou seja, em diferentes lugares, no abrigo, na loja, quando precisa comprar algo, na rua, no uso de transporte público, dentre outros. A participante procura usar a língua em todos os momentos e situações que tem oportunidade objetivando melhorar e alcançar um desempenho mais eficiente no idioma e na cultura que está imersa, pois de acordo com Cox; Assis-Peterson (2007) adquirimos a cultura durante a convivência no meio social.

Na fala das outras participantes, o uso do português traz uma ideia de um uso mais restrito, focado mais no trabalho, com algumas exceções do uso que é feito em casa, com o marido/namorado que possui nacionalidade brasileira<sup>4</sup>. Dessa maneira, as participantes estão em contato com a língua a todo o momento, seja no trabalho, local muita das vezes considerado obrigatório de falar a língua, nas aulas, com os vizinhos, nos estabelecimentos comerciais e em espaços públicos. Nesse sentido, o contato com a língua ocorre constantemente em variados cenários.

<sup>4</sup> As informações que não estão descritas nas tabelas foram obtidas por meio de conversas informais com as estudantes.

#### 4.4. Sujeitos em contato

De acordo com os trechos anteriores, observamos que as participantes se expressavam em português em diferentes lugares e momentos no seu dia a dia. Levando em consideração esse aspecto, vale destacar com quem as participantes usavam a LP nos momentos de interação, como pode ser percebido a seguir.

“ eu uso o português com mi esposo, chefes e colegas de trabalho”	Lauren (PFE)
“Com mio marido, irmãos, amigos, filha”	Elisa (PFE)
“Esposo, chefe”.	Eva (PFE)
“Clientes, atendentes, pessoas em geral”	Luna (PFE)
“Motorista, operadora de caixa, vizinhos”	Alejandra (PFE)

Com base nas falas acima, percebemos que a maioria das participantes usam a língua portuguesa principalmente em seus ambientes de trabalho, visto que nesses lugares elas estão em contato maior com brasileiros, isto, atendendo e trabalhando com brasileiros, como na polícia federal, hotel ou como babá.

Porém, outros fragmentos apontam que Eva, Elisa e Lauren também interagem na LP fora do ambiente de trabalho, com pessoas mais próximas, apresentando uma ligação mais forte pela língua, já que seus cônjuges são brasileiros. Dessa maneira, o contato com a LP, se torna mais forte, posto que além da interação no trabalho, há uma continuação dessa interação em seus ambientes familiares. Já na fala da (PFE) Alejandra, percebe-se que o contato com a língua não ocorre no trabalho tampouco em casa, mas em locais mais diversificados.

De acordo com o exposto, a todo instante as participantes estavam em contato com a língua alvo, mesmo em lugares que não eram obrigatórios a comunicação na LP, como retrata a fala da (PFE) Alejandra, mas como estão imersas no país onde tem-se como língua oficial, o português, elas constantemente buscavam ampliar esse contato “uma vez que o desenvolvimento linguístico ocorre das interações entre agentes” (ALVES; PEREYRON, p. 4, 2018).

A respeito disso, Barbirato (2005) afirma que é por intermédio da interação que o indivíduo desenvolve suas competências na língua com mais intensidade, pois ao aprender uma língua estrangeira, o aluno está inserido no processo de formação de novos pensamentos, novas ideias e ao mesmo tempo desconstrução

desses significados já construídos anteriormente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conformidade com os resultados que foram alcançados nesta pesquisa por meio da técnica utilizada para a coleta de registro - um questionário, podemos dizer que o contato com a língua portuguesa ocorre de maneira constante, em diversos ambientes e com sujeitos diferentes. Foi possível perceber que as participantes não utilizavam a língua portuguesa somente em ambientes considerados obrigatórios, visto que possuía uma exigência, como em cenários profissionais e na sala de aula, mas também em locais que não havia uma exigência, retratando um ambiente com menos formalidade, como em mercados, lojas, vizinhança, família. Nesse sentido, as participantes desta pesquisa usam a LP onde têm oportunidade para que a comunicação flua de maneira eficaz ou apenas seja compreendida, logo, elas usam na rua, na sala de aula com a professora, com os colegas e chefes de trabalho, com família, dentre outros, como já apresentado.

Levando em consideração as informações anteriores, o grau desse contato pode ser considerado regular, dado que em todo momento as participantes procuram interagir em português, mesmo que em algumas vezes podem não ser compreendidas, mas o contato linguístico realizado no momento da comunicação é a língua portuguesa, evidentemente da maneira como elas sabem se expressar, pois sabemos que ainda há influência do idioma nativo e cada pessoa possui suas particularidades no que concerne ao aprendizado de uma nova língua.

Em consonância ao que foi apresentado na análise, sabemos que há muito o que se esclarecer no que tange ao grau desse contato nesse contexto pesquisado, sendo que o tempo destinado a pesquisa era breve. Com base nessa condição, é de grande relevância que esse campo seja explorado a partir de diferentes ângulos.

## REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. Vozes e letras: notícias de falas e de escritos de crioulos africanos no Brasil do Século XIX. In: RAMOS, J. e OLIVEIRA, M. **História do Português Brasileiro**: dialeção e povoamento: da História Linguística à História Social. São Paulo: Contexto, 2020, pp. 78 – 105.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. **Linguística Aplicada – Ensino de Línguas & Comunicação**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores e Arte Língua, 2007.

ALTENHOFEN, C; MARGOTTI, F. W. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: Mello, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, pp. 289 – 315.

ALVES, U. K; PEREYRON, L. A multi-direcionalidade da transferência da duração vocálica do português como l3 para a l1 (espanhol) e a l2 (inglês): um estudo longitudinal. Work. Pap. Linguíst., 19(2): 192-213, Florianópolis, ago./dez., 2018.

AMADO, Rosane. de Sá. O ensino de português para refugiados: caminho para a

cidadania. In: SÁ, R. L. de (Org.). **Português para falantes de outras línguas: interculturalidade, inclusão social e políticas linguísticas**. Coleção ECAL. Volume 1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 69-86.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas – SP: Papyrus, 1999.

BARBIRATO, Rita de Cássia. **Tarefas geradoras de insumo e qualidade interativa na construção do processo de aprender língua estrangeira em contexto inicial adverso**. 2005.272p. Tese (doutorado em Linguística Aplicada na área de Ensino/aprendizagem de Línguas Estrangeiras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2005.

BONVINI, E. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 101 – 144.

BONNICI, Thomas. **O multiculturalismo e a literatura negra britânica no contexto multicultural**. Maringá, eduem. 2011.

BORGES, L. A instituição de línguas gerais no Brasil. In: ORLANDI, E. P. **História das ideias linguísticas**. Cárceres: Unemat, 2001, pp. 199 – 222.

CAVALCANTI, M. C. **A propósito de linguística aplicada**. Trabalho em linguística aplicada. Rio de Janeiro. Numero 7, 1986, p.5-12.

CAMARGO, H. R. E. Diálogos transversais: narrativas para um protocolo de encaminhamentos às políticas de acolhimento a migrantes de crise. 272 p. Tese (doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas – SP, 2019.

COX, M. I. P; ASSIS-PETERSON, A. A. de. Transculturalidade e transglossia: para compreender os fenômenos das fricções linguísticos-culturais em sociedades contemporânea sem nostalgia. In.: CAVALCANTI, Marilda C. e BORTONI-RICARDO, stella maris (orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2007.



COELHO, O.; SILVA, W. S. Páginas de História da Terminologia Relativa ao Português Brasileiro. In: CASTILHO, A. T. de (Coord.) **História do Português Brasileiro: o Português Brasileiro em seu contexto histórico**. São Paulo: Contexto, 2018, pp. 72 – 97.

COSTA, Eric Júnior; Silva, Flávia Campos. O ensino de Português como Língua de Acolhimento (PLAC) na linha do tempo dos estudos sobre o Português Língua Estrangeira (PLE) no Brasil. *Horizontes de Linguística Aplicada*, ano 19, n. 1, 2020

DUARTE, T. **A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)**. LISBOA, 2009

DENZIN, N; Kent, L. Y. Sessions. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In. :\_\_\_\_\_. (orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HALL, S. **Da Diáspora – identidades e mediações culturais**. Editora UFMG. Brasília, 2003.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação** . Cultrix. São Paulo.1991.

LEFFA, V. J.  
Língua estrangeira. Ensino e aprendizagem. Vilson J. Leffa. -  
Pelotas: EDUCAT, 2016.

LUCCHESI, D. **Polarização sociolinguística do Brasil: formação histórica**. Línguas e sociedades partidas. São Paulo: Contexto, 2015, pp. 85 – 124.

MATOS, Pablo. Breves apontamentos sobre a atuação do ACNUR na resposta ao fluxo de venezuelanos em Roraima. In: MEDEIROS, Camila Pinheiro; et al. **Refúgio, Migrações e Cidadania**. V. 1, n.1. 2006.

MOITA LOPES, L. P. da. **Oficina de linguística aplicada**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1996.

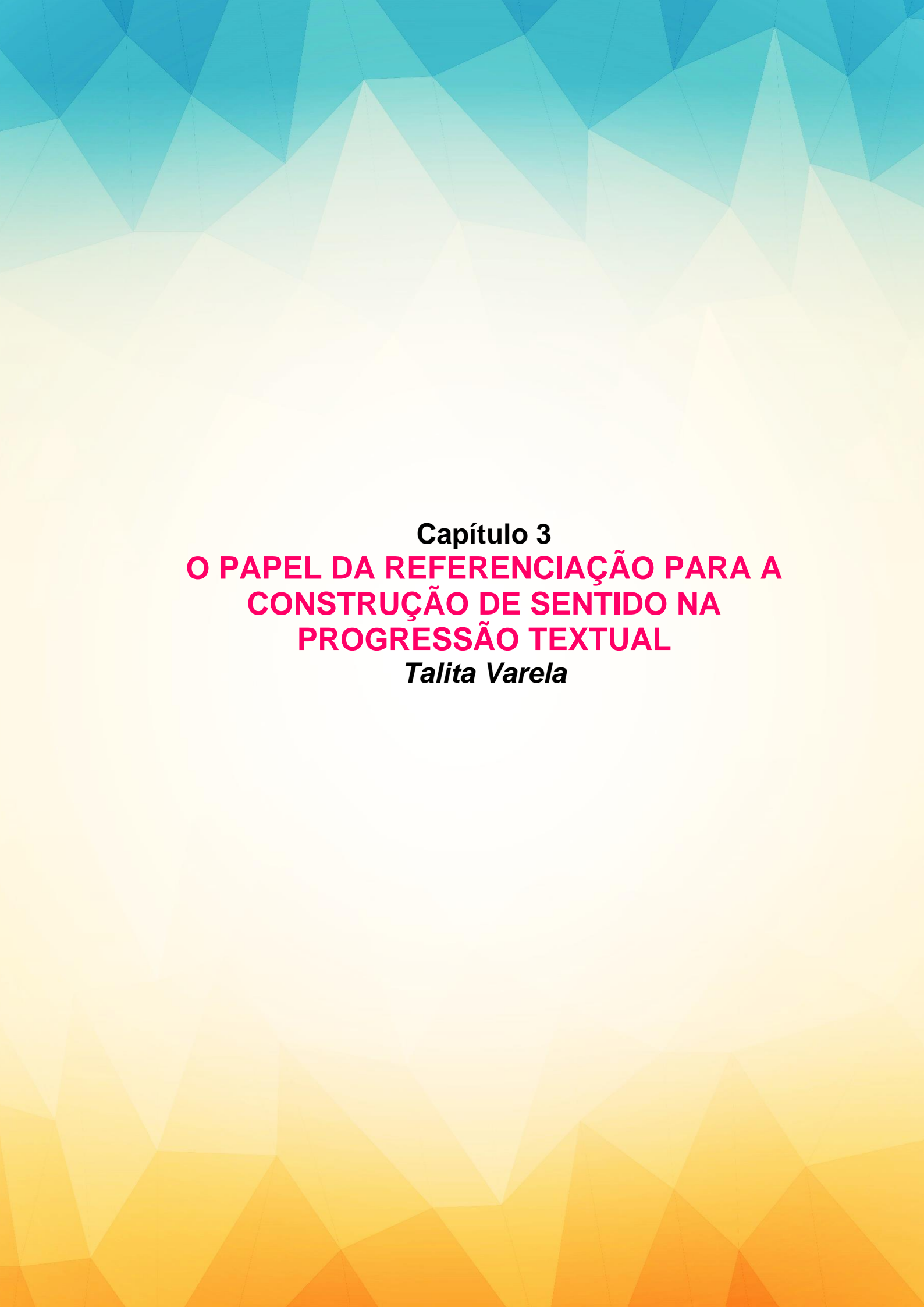
OLIVEIRA, M. “**Para História da língua portuguesa em S. Paulo: século XVI – XVIII**”. *Linguística – Publicação da ALFAL*. Vol 14, 2002. Disponível em: <http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/maril011.pdf>

PAYER, M. O. A interdição da língua dos imigrantes (italianos) no Brasil: condições, modos e consequências. In: ORLANDI, Eni P. (org.) **História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional**. Cáceres, MT: UNEMAT EDITORA, 2001

SANTOS, R. L. dos; MÜHLEN, C. V; WEIZENMANN, T. (Orgs). **Migrações históricas e recentes**, Lajeado, 2017.

SILVA, J. C. J. **As continuidades e mudanças na relação entre estados e imigrantes**. Leopoldianum, 2013.

YIN, R. K. **Estudo de caso** – planejamento e métodos. 2ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.



**Capítulo 3**  
**O PAPEL DA REFERENCIAÇÃO PARA A**  
**CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NA**  
**PROGRESSÃO TEXTUAL**  
*Talita Varela*

## O PAPEL DA REFERENCIAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NA PROGRESSÃO TEXTUAL

**Talita Varela**

*Bacharel em Letras com ênfase em estudos Linguísticos. Pós-graduada em Educação Infantil. Pós-graduanda em Gerenciamento de Projetos - Práticas do Project Management Institute (PMI) - Senac São Paulo. Atua no mercado editorial na edição de livros didáticos e paradidáticos destinados à Educação Infantil e aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Autora de livros de literatura infantil.*

**Resumo:** Com base nas discussões acerca do campo da Semântica (Ilari, 2013; Marques, 2001) e do processo de referenciação e objetos de discurso (Koch, 2004; Cortez, 2012; Koch, Cortez, 2016; Guimarães, 2006), a pesquisa tem por objetivo analisar a seleção lexical e relações léxicas para a construção dos objetos de discurso. Para tal, serão observados seis textos midiáticos, sendo dois artigos de opinião e quatro reportagens, referentes às ocupações de escolas e universidades no último trimestre de 2016. Serão utilizados os métodos de análise qualitativo, descritivo e comparativo. A pesquisa aponta para a extrema importância do léxico na construção de sentido no texto/discurso. Por meio das escolhas dos interlocutores é possível identificar a posição ideológica defendida pelos veículos de comunicação e/ou enunciadorees. Em outras palavras, sempre é possível identificar as marcas de um enunciador, por meio de perspectivas, mesmo quando estas são permeadas por modalizadores. Assim sendo, os itens lexicais funcionam como espécies de roteiros que guiam o leitor na construção de sentido. Logo, atribuir um caráter fixo ao léxico foge completamente à função que este desempenha enquanto constituinte do discurso, justamente por ser tido como o nível da realização linguística mais instável e irregular. Em síntese, compreende-se que a referenciação, por meio de processos de construção de categorias realizados no discurso, trata a referência de maneira a considerar a intersubjetividade, as experiências e a memória discursiva dos interlocutores na formação do sentido e na exposição dos pontos de vista.

**Palavras-chave:** Semântica; Léxico; Referenciação.

**Resumen:** A partir de discusiones sobre el campo de la Semántica (Ilari, 2013; Marques, 2001) y el proceso de referenciación y objetos de discurso (Koch, 2004; Cortez, 2012; Koch, Cortez, 2016; Guimarães, 2006), el objetivo de esta investigación es analizar la selección léxica y las relaciones léxicas para la construcción de los objetos de discurso. Para esto, se observarán seis textos periodísticos, siendo dos artículos de opinión y cuatro reportajes, referentes a las ocupaciones de escuelas y universidades en el último trimestre de 2016. Se utilizarán métodos de análisis cualitativo, descriptivo y comparativo. La investigación apunta para la extrema importancia del léxico en la construcción de sentido en el texto/discurso. A través de la selección de dos interlocutores, es posible identificar la posición ideológica

defendida por los medios y/o los enunciadores. Es decir, siempre es posible identificar las marcas de un enunciador, a través de perspectivas, aun cuando estén permeadas por modalizadores. Asimismo, los elementos léxicos funcionan como una especie de marcadores que guían al lector en la construcción del significado. Por lo tanto, atribuirle un carácter fijo al léxico se debe totalmente a la función que cumple como constituyente del discurso, precisamente por considerarlo el nivel más inestable e irregular del logro lingüístico. En síntesis, se entiende que la referencia, a través de procesos de construcción de categorías realizados en el discurso, trata la referencia para considerar la intersubjetividad, las experiencias y la memoria discursiva dos interlocutores en la formación de sentido y en la exposición dos puntos de vista.

**Palabras llave:** Semántica; Léxico; Referencia.

## INTRODUÇÃO

A investigação acerca do significado das formas linguísticas tem assumido, ao longo do tempo, importante papel como objeto de estudo da semântica ao se comprometer com o esclarecimento das estratégias argumentativas nas línguas naturais que permitem a interpretação dos interlocutores. Entretanto, muito se tem discutido acerca da insuficiência de considerar este, seu objeto de estudo, haja vista a inexistência de uma conceituação precisa e abrangente de *significado*, se é que é possível, segundo Ilari (2013, p. 10) "ser exato na descrição de uma experiência cognitiva tão incontrolável quanto a significação." Eis aqui um dos motivos que levaram o semantista Rodolfo Ilari a considerar esta, uma "trajetória difusa e escapadiça", refletindo, assim, a diversidade e complexidade da semântica.

Se não há um consenso que de fato defina o significado, "então há várias formas de descrevê-lo. Há várias semânticas. Cada uma elege a sua noção particular de significado." (OLIVEIRA, 2012, p. 24). Diante das distintas correntes teóricas e dificuldades em seu tratamento, "a única maneira que se tem de descrever de modo preciso a atual situação da semântica é mostrar parte de sua heterogeneidade" (FODOR; KATZ *apud* MARQUES, 2001, p. 17). Assim sendo, serão apresentadas a seguir, três diferentes perspectivas deste campo de estudo: a semântica formal; a semântica da enunciação e a pragmática.

Para a semântica formal, o significado é constituído por duas partes, sentido e referência, e se dá com o auxílio da lógica e da observação das condições de verdade. Sua unidade de análise não é o signo, é a sentença. Assim sendo, o sentido deve ser extraído por meio da contribuição das palavras que constituem a sentença. A semântica formal considera que o sentido de um enunciado linguístico é o que ele

representa do mundo, dos objetos, de um estado de coisas e, como dito, tal relação está baseada no conceito de verdade, isto é, o sentido de uma sentença não é sua referência a um objeto ou conjunto de objetos, é o conjunto de condições nas quais a sentença se faz verdadeira (GUIMARÃES, 2006). Nesta perspectiva, a relação entre linguagem e mundo é fundamental e desconsideram-se as relações internas ao sistema.

Entende-se por *Enunciação* a relação entre língua e sujeito cujo resultado é o sentido. Com base na Semântica da enunciação o sentido não está somente nas palavras, frases, segmentos linguísticos ou nas situações em que as palavras são ditas. Isto é, o significado se estabelece por meio da relação entre as palavras e os acontecimentos levando-se em consideração o contexto socio-histórico. Em outras palavras, nesta perspectiva, deve-se considerar o acontecimento em que se caracteriza pelo funcionamento da língua num dizer específico (GUIMARÃES, 2006).

Em se tratando da pragmática, pode-se dizer que o sujeito está inserido na significação de forma que suas ações se dão intencionalmente e em situações particulares. Em outras palavras, o sentido não é tido como uma relação direta das expressões com as coisas do mundo, daí a relevância em se observar qual a intenção presente no enunciado, considerando não apenas a estrutura linguística. Nesta perspectiva, o sentido é definido como a intenção do locutor ao dizer o que diz, diferente do que ocorre nos estudos da enunciação, em que se considera que o sujeito é constituído pelo exercício da linguagem, não sendo caracterizado pelas suas intenções, mas por exercer a atividade da linguagem e se constituir enquanto quem fala.

Baseado numa visão interacional e sociocognitiva da língua, este artigo tem como objetivo analisar, em distintos textos midiáticos, a seleção lexical e os efeitos de sentido por ela instituídos, assim como observar como se dá o processo de construção dos referentes no discurso. Para isto, a presente análise se estrutura da seguinte forma: fundamentação teórica, trazendo uma reflexão acerca da referência e sentido, principais temas a serem abordados; metodologia, expondo todo o percurso para a realização da pesquisa, desde os métodos de análise e *corpus* até os elementos analisados; análise de dados.

## **O PAPEL DO LÉXICO NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO**

Acerca do papel do léxico na construção do sentido, Marcuschi (2004) afirma

que a questão central está na forma como operamos com o léxico para que o sentido seja produzido. A princípio, vale reconhecer que o surgimento do sentido não se trata de âmbito unicamente semântico ou pragmático de interpretação da superfície ou do contexto, mas muito tem a ver com nossas experiências, sobretudo com inferências que se fundamentam de acordo com a perspectivação dos objetos do discurso, com as atividades cognitivas dos interlocutores, com os conhecimentos partilhados, etc (MARCUSCHI, 2004).

Nesta perspectiva, "o léxico não pode ser visto como um conjunto de etiquetas disponíveis, mas como um material constantemente retrabalhado no discurso." (KOCH; CORTEZ, 2016). Atribuir um caráter fixo ao léxico foge completamente à função que este desempenha enquanto constituinte do discurso, justamente por ser tido como o nível da realização linguística mais instável e irregular. Assim sendo, permite, dentro das possibilidades, que um item lexical corresponda a distintas interpretações e, conseqüentemente, atinja variados sentidos, diferentes de seu "sentido original". Em outras palavras, "um item lexical pode dar origem a uma série de associações e ser a entrada para a reativação de um amplo domínio cognitivo" (MARCUSCHI apud KOCH; CORTEZ, 2016), daí não ser caracterizado simplesmente como uma lista, mas como uma rede.

## **O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO**

O estudo da referenciação trata da referência como um processo discursivo e se baseia em relações intersubjetivas e sociais elaboradas pelos enunciadores. Desta forma, tratemos a referenciação como processos de construção de categorias que se instauram por meio de memórias discursivas dos enunciadores enquanto usuários da língua - vista não como espelho de uma realidade, mas como tratamento da mesma. Neste sentido, o processo de referenciação intensificou o olhar sobre as operações de designação e identificação referencial, desmistificando o caráter representacionista da língua, que a trata como um instrumento de rotulação. Assim sendo, a referenciação se utiliza de fenômenos discursivos que atuam na interação, as chamadas categorias discursivas (KOCH; CORTEZ, 2016).

Acerca das categorias discursivas, é possível afirmar que, a princípio, tais fenômenos são tratados como estruturas fixas responsáveis por agrupar os referentes de forma a não considerar a diversidade semântica possível num item lexical, o que se configura uma grande incoerência. Logo, se faz necessário reafirmar a função



variável que as categorias desempenham na construção de sentido, tentando, deste modo, organizar os referentes do mundo por meio das práticas sociais.

Uma vez compreendidas as categorias discursivas, deve-se tomar conhecimento do processo de recategorização presente no discurso. Na progressão referencial, percurso do texto com vistas à construção da coesão e coerência textuais por meio da retomada de referentes, a recategorização implica heterogeneidade semântica dos objetos de discurso. Isto é, os sentidos presentes na superficialidade ou não do texto não são únicos e podem, com frequência, reformular o significado socialmente estabelecido, atribuindo desta forma, um novo sentido a um mesmo item lexical.

A tendência dos referentes construídos como anáforas é, segundo explicam Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), evoluir com o desenvolvimento do texto. Nesse sentido, quando retomado por meio de anáforas diretas, ou correferenciais, pode o objeto de discurso permanecer o mesmo, entretanto, quando acrescido de determinadas informações e opiniões, passa por uma transformação sendo assim recategorizado.

Em outras palavras, pode-se dizer que uma vez introduzido no texto, o objeto de discurso, precisa por vezes ser novamente referido, mantido ou reconstruído, de acordo com o projeto de dizer do locutor. A essa reconstrução, dá-se o nome recategorização. Isto é, segundo Zavam (2007, p. 127), trata-se de um fenômeno anafórico que “responderia, por sua vez, pela possibilidade de o enunciador poder acrescentar (ou suprimir) informação nova, de forma a manter ou dar continuidade ao referente já estabelecido no discurso”.

Ao observar o desenvolvimento dos objetos de discurso no texto, torna-se perceptível ao interlocutor o modo como o ponto de vista do enunciador vai se construindo, ou se confirmando ao longo da progressão textual.

Ainda sobre o processo de recategorização do referente, pode-se dizer que este fenômeno é responsável não somente por realizar uma retomada, mas por atribuir predicados, modificando, assim, o referente. Em outras palavras,

a recategorização lexical de um objeto [...] opera duplamente: não apenas refere (aponta), como também predica atributos (modifica) sobre um determinado objeto e por isso a expressão referencial pode ser usada para ajustar o saber disponível sobre o objeto de discurso. (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN apud KOCH; CORTEZ, 2016)

## ENTENDENDO OS OBJETOS DE DISCURSO

Entende-se por objetos de discurso os sujeitos enunciativos que se encontram no centro da atividade de designação. Segundo Koch e Cortez (2016, p. 37), “a referenciação dos objetos de discurso está articulada com a maneira como o locutor/enunciador se posiciona no seu discurso”. A seleção lexical é essencial na construção de sentido. Tomando por base esta afirmação, é válido dizer que no processo de referenciação sempre é possível identificar as marcas de um enunciador, por meio de perspectivações, mesmo quando estas são permeadas por modalizadores.

Os objetos de discurso são retomados no texto por meio de referenciação nominal e pronominal. Para a presente análise, interessa-nos o estudo das formas nominais, uma vez que, do ponto de vista semântico, a utilização de pronomes não influencia no sentido. Já as formas nominais, são referenciadas primordialmente por meio de anáforas, diretas ou indiretas, cujo referente pode estar, respectivamente na superficialidade do texto ou identificado no contexto com auxílio da memória discursiva do interlocutor.

A utilização das anáforas diretas ou indiretas admitem não somente o uso de determinantes, como dito anteriormente, mas sobretudo o uso de modificadores, que podem ser adjetivos ou orações adjetivas, funcionando com adjetivo, tudo isto a depender da posição defendida, mesmo que de maneira velada, na interlocução.

É esse tratamento que interessa, aqui, discutir no âmbito da teoria da referenciação, através das formas nominais, que não apenas evidenciam escolhas do sujeito em interação com outros sujeitos, mas também “versões” ou modos de perspectivar o referente/objeto de discurso na relação com outros enunciadores. Assim, mostraremos, neste artigo, que a construção dos objetos de discurso se dá por um jogo de vozes, que identifica enunciadores distintos, os quais ancoram e sustentam discursivamente o referente, revelando a orientação argumentativa do texto. (KOCH; CORTEZ, 2016, p. 32)

Em síntese, as formas nominais são responsáveis por guiar o interlocutor na construção de sentido, tendo em vista que a seleção lexical se configura como um tipo de roteiro que orienta o interlocutor de acordo com determinada instância discursiva.

## METODOLOGIA

O método de pesquisa dá-se por meio uma análise *qualitativa*, cuja abordagem

caracteriza-se, segundo Paulilo (2018), pela imersão do pesquisador no contexto de pesquisa, no reconhecimento dos atores sociais como sujeitos que produzem conhecimentos e práticas, bem como pela aceitação de todos os fenômenos serem igualmente importantes. Reiteram Liberali e Liberali (2011) acerca do método qualitativo que, objetiva-se a atenção “na compreensão e explicação das relações sociais explicitadas na vivência, experiência, cotidianidade das ações humanas em relação estreita com a compreensão das estruturas e instituições que a compõem” (p. 21). Não há, portanto, preocupação com percentuais que representem a ocorrência de determinadas unidades de análises.

A pesquisa dirige sua análise com base no *raciocínio dedutivo*, o qual, segundo Liberali e Liberali (2011, p. 20),

começa-se com uma teoria pensada sobre o tópico a ser analisado; elaboram-se, então, específicas hipóteses para testar a teoria; parte-se para a coleta de observações que remeta às hipóteses; finalmente, confronta-se a validade da teoria original pelo teste das hipóteses, que podem confirmá-la ou não. [...] A validade do raciocínio dedutivo, na visão de Copi (1978), baseia-se no fato de que suas premissas, se verdadeiras, provam as conclusões. Assim, o raciocínio dedutivo pode ser classificado como válido ou inválido.

A tipologia da pesquisa deu-se por meio de estudo bibliográfico, que de acordo com Richardson (apud Liberali e Liberali, 2011), propõe adquirir mais conhecimento sobre determinado tema com base em materiais já existentes. Dessa maneira, “pode-se coletar, analisar e interpretar o que já foi produzido sobre o tema, que, geralmente, ocorre antes da pesquisa de campo ou exploratória, conferindo ao pesquisador condições para formular e delimitar o seu problema de pesquisa” (p. 25).

Com o objetivo de investigar a seleção lexical na construção dos objetos de discurso, a presente análise se dá pela observação de seis textos midiáticos, sendo dois artigos de opinião e quatro reportagens, referentes às ocupações de escolas e universidades no último trimestre de 2016. Para tal, serão utilizados os métodos de análise qualitativo, descritivo e comparativo.

O *corpus* é constituído por três textos cujos autores e/ou veículos de comunicação se posicionam contra as ocupações escolares e três que são favoráveis ao movimento. São desfavoráveis às ocupações os seguintes textos: (T1) *Se invasores comunistas não deixarem escolas, 95 mil democratas não poderão fazer o*

*ENEM*, artigo de autoria de Reinaldo Azevedo, veiculado na Revista *Veja*, em 20 de outubro de 2016; (T2) *A quem interessam as invasões de escolas?*, assinado por Felipe Lintz, artigo veiculado no Jornal *Gazeta do Povo*, em 31 de outubro de 2016; (T3) *Justiça aperta o cerco e ocupações diminuem nas escolas do Paraná*, de autoria de Marina Rossi, veiculado pelo Jornal *El País*, em 02 de novembro de 2016.

São favoráveis às ocupações os seguintes textos: (T4) *Ocupação em escolas mostra falta de habilidade do Judiciário para lidar com tema*, assinado por Fernanda Valente, veiculado no site *Justificando*, em 01 de novembro de 2016; (T5) *Sob pressão da justiça, secundaristas completam um mês de ocupações nas escolas*, de autoria de Renan Truffi, veiculado na Revista *CartaCapital*, em 04 de novembro de 2016; e, finalmente, (T6) *Revista francesa denuncia descaso da mídia brasileira com ocupações de escolas em todo o país*, de autoria não identificada, veiculado pelo site *O cafezinho*, em 05 de novembro de 2016.

Os objetos de discurso a serem analisados foram divididos didaticamente em objetos principais (*Ocupação, Ocupantes, Ações do Judiciário, e Estudantes não ocupantes*) e secundários (*Partidos Políticos e Escolas*). Os critérios utilizados para a seleção dos objetos de discurso se deram pela observação do maior número de anáforas com itens lexicais distintos quando somados nos seis textos.

Para o tratamento do corpus, toma-se como base o que afirma Moraes (1999), o qual concebe a análise de dados qualitativa constituída por cinco etapas: preparação das informações; unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; categorização ou classificação das unidades em categorias; descrição; interpretação.

## RELAÇÕES LEXICAIS ANAFÓRICAS NOS OBJETOS DE DISCURSO

### ***Ocupação***

O objeto de discurso que se destacou por apresentar maior número de formas lexicais distintas foi a *Ocupação*. Em (T1) "O objetivo é invadir para tentar ver se o **movimento** ganha dimensão nacional e, assim, intimidar o governo. O objetivo, em suma, é fazer com que a ditadura da minoria de esquerda se imponha à maioria dos estudantes, que repudia essa gente.", em (T5) "A partir dessa pergunta, diante de dezenas de políticos paranaenses, alguns incomodados, ela explicou de forma dura e sensível, alternadamente, como a educação era a única bandeira de um **movimento apartidário**.", e em (T6) "**um movimento de jovens pobres** que se expande e ataca a política de austeridade" o item lexical e nome núcleo *movimento* retoma

indiretamente o termo *ocupação* por relação hiperônima, uma vez que *movimento* identifica um conjunto semântico mais amplo, do qual, entre outros possíveis referentes, *ocupação* faz parte.

Em (T1) "O ministro da Educação, Mendonça Filho, concedeu uma entrevista nesta quarta e disse o óbvio: a **invasão** de escolas em 11 Estados pode comprometer a realização das provas do ENEM para 95 mil estudantes.", e em (T2) "Alguns parlamentares petistas, inconformados com a revolta da população contra **essas invasões que estão prejudicando milhares de estudantes** que, além de não poderem estudar em suas próprias escolas, correm risco de não conseguirem fazer o Enem –, [...]", o termo *invasão*, sendo ou não precedido por oração adjetiva, pode-se dizer que estabelece uma relação antônima, tendo em vista que embora pertencente o mesmo campo semântico se configura por sentidos contrários. Confirma-se por meio deste exemplo que as formas nominais são além de determinantes, modificadoras, e que guiam o sentido do texto de acordo a perspectivação dada pelos interlocutores, nota-se, aqui, que o enunciador se posiciona contra as ocupações, uma vez que as designa como *invasões*.

Há, entretanto, relações lexicais que se estabelecem por meio de anáfora diretas que embora solicite um antecedente na superficialidade do texto, opera também por recategorização lexical. Vejamos nos seguintes exemplos: (T4) "Em Londrina, o promotor de Justiça, Marcelo Briso Machado, que atua na Vara da Infância e Juventude, foi vaiado por alunos após discursar na Câmara em uma audiência pública taxando as ocupações escolares como 'invasões'. Briso também as comparou com '**biqueiras de drogras**'", (T4) "Para a ADJ, trata-se de **exercício da liberdade de expressão para atrair a atenção do Estado e da Sociedade à questão.**", (T5) "a tragédia despertou, na ocasião, a ira dos que classificam as ocupações como '**badernas**'". Nos três casos acima, a relação lexical estabelecida se dá por meio da utilização dos nomes núcleos metafóricos, "*biqueiras*", "*exercício*", "*badernas*", implicando a reformulação do significado reconhecido socialmente.

### **Ocupantes**

Ao que se refere ao segundo objeto de discurso analisado, os *Ocupantes*, foram encontradas relações lexicais anafóricas por antonímia, metáfora e hiponímia. Em (T1) "Se *invasores* comunistas não deixarem escolas, 95 mil democratas não poderão fazer o ENEM", a mesma relação antonímica, já citada, entre ocupação e

invasão, está presente ao se utilizar do termo *invasores* para se referir aos *ocupantes*.

Em (T2) "Os verdadeiros agressores são os políticos que estão utilizando **jovens** como massa de manobra para promover uma agenda partidária cuja maior vítima são os estudantes. Por causa do incentivo de partidos políticos e de sindicatos de professores, milhares de alunos estão sem aula e, como se já não bastasse, um adolescente foi morto em uma ocupação.", e em (T5) "Contrários a duas das principais medidas anunciadas pelo governo Michel Temer recentemente, os **estudantes secundaristas** completaram, nesta quinta-feira, um mês do início das ocupações de escolas públicas pelo país." Pode-se observar anáforas indiretas que se estabelecem por relação hipônima, uma vez que *jovens* e *estudantes secundaristas* se enquadram dentro de um conjunto maior, os *Ocupantes*.

Em se tratando da recategorização, Cortez (2012, p. 25) afirma que "pode operar modificação do objeto de discurso, ao introduzir novos conhecimentos ou predicções, que contribuem para perspectivar o referente, assinalando o ponto de vista que orienta argumentativamente a reportagem." Em (T1) "Com que direito esses **brucutus** impõem a sua vontade a sua ideologia, a sua visão de mundo, os seus preconceitos e as determinações de seu partido à maioria dos estudantes?", e em (T5) "O argumento é que a corporação não iria 'negociar com **mascarados**'. Os secundaristas acabaram deixando o local após um acordo.", os itens lexicais *brucutus* e *mascarados* passam pelo processo de "recategorização radical" (MONDADA; DUBOIS apud KOCH; CORTEZ, 2016, p. 33) em que termos que não estabelecem relações sinonímicas compartilham um mesmo sentido, neste caso, estudantes ocupantes.

Em (T1) "Há pelo menos 181 delas que devem abrigar o exame e que estão sob o império do arbítrio, imposto por **ditadores das próprias convicções**" e em (T1) "O objetivo, em suma, é fazer com que a ditadura da **minoría de esquerda** se imponha à maioria dos estudantes, que repudia essa gente.", os nomes núcleos metafóricos *ditadores* e *minoría* também configuram o processo de recategorização. Cortez (2012) afirma que a língua não opera em estado de dicionário, não se trata de um espelho, mas de um tratamento da realidade. Não sendo assim, o dicionário abarcaria suficientemente todos os significados de todos os itens lexicais, e como sabemos, isso não corresponde à verdade.



### **Ações do judiciário**

Como se sabe "através da recategorização, as anáforas podem operar ajustes conceituais ou modificações semânticas nos objetos de discurso, no momento da retomada." (CORTEZ, 2012, p. 24). Em (T5) "Em várias das decisões judiciais contra os estudantes, os magistrados argumentam que as ocupações seriam ilegais e abusivas porque feririam o direito da maioria que deseja trabalhar e estudar. Mas o movimento de ocupações escolares é muito mais complexo do que **as canetadas da Justiça Brasileira** fazem parecer". Neste caso, o nome núcleo da forma nominal *canetadas da Justiça Brasileira* é totalmente ressignificado, e passa a referir as ações do judiciário. Daí, poderemos afirmar que o léxico é trabalhado no discurso expondo sua heterogeneidade semântica.

Ao se observar o enunciado (T3) "Oficiais de Justiça do Paraná fizeram nesta terça feira o segundo dia de **peregrinação** por colégios ocupados em Curitiba. Com uma lista autorizando a reintegração de posse de 25 escolas nas mãos, conseguiram desocupar entre segunda e terça ao menos nove escolas na capital.", é perceptível a presença de uma anáfora indireta, que sendo também uma recategorização, exemplifica a não obrigatoriedade de um antecedente explícito para tornar o referente conhecido.

Temos, ainda, como exemplos de formas nominais com nomes núcleos metafóricos, e, portanto, recategorizados, as seguintes passagens: (T4) "**A cereja do bolo** até o momento foi colocada pelo magistrado do Distrito Federal, Alex Costa de Oliveira. O Juiz da Vara de Infância e Juventude foi além de todos ao determinar, a pedido do Ministério Público, a desocupação de um colégio, [...]". e em (T1) "Assim, Vossa Excelência consegue dar agilidade a esse **corpo mole**". Nesse sentido, conforme Zavam (2007, p. 127) esse processo "responderia, por sua vez, pela possibilidade de o enunciador poder acrescentar (ou suprimir) informação nova, de forma a manter ou dar continuidade ao referente já estabelecido no discurso".

### **Estudantes (não ocupantes)**

Como discutido anteriormente, a seleção lexical é essencial na construção de sentido, uma vez que possibilita identificar a associação discursiva projetada pelos enunciantes, expondo os distintos pontos de vista, ainda que, em alguns casos, a intenção seja manter neutralidade e imparcialidade. No artigo de opinião veiculado pelo jornal Gazeta do Povo (T2), em "O Movimento Brasil Livre (MBL) ", que também



acredita que esses militantes e sindicalistas passaram dos limites – principalmente após a morte de um adolescente numa escola invadida –, está prestando auxílio a esses **cidadãos que só querem proteger o direito de estudar**", e, sobretudo no também artigo de opinião veiculado pela revista Veja (T1), em "**Os prejudicados** teriam de fazer o exame depois, o que custaria R\$ 8,550 milhões." e "**Os eventuais prejudicados** pelas invasões, disse o ministro, poderão fazer os exames depois. Mas cabe a pergunta: por quê? Com que direito esses brucutus impõem a sua vontade, a sua ideologia, a sua visão de mundo, os seus preconceitos e as determinações de seu partido à maioria dos estudantes?", os enunciadores deixam claro seus pontos de vistas, afirmando ser totalmente contra as ocupações.

No caso de "**cidadãos que só querem proteger o direito de estudar**", pode-se identificar uma relação lexical anafórica hiperônima, tendo em vista tais *cidadãos* estão inseridos num conjunto mais amplo que é o dos *estudantes*. Já ao se referir aos *prejudicados*, é possível observar uma relação metafórica e, portanto, uma recategorização do termo, assim como em (T1) "[...] 95 mil **democratas** não poderão fazer o ENEM".

Vale também fazer menção a uma relação lexical anafórica por sinonímia, presente em (T1) "[...] Se isso não acontecer, **os alunos** que fariam os exames nessas escolas não poderão realizar as provas que estão marcadas para os dias 5 e 6 de novembro. A situação mais grave é mesmo no Estado do Paraná, ao qual voltarei daqui a pouco.", estabelecendo, assim, a continuidade do tópico.

### **Partidos políticos**

Dentre os objetos de discurso secundários, *Partidos Políticos* foi o que apresentou maior relevância do ponto de vista semântica por apresentar mais casos de recategorização por nomes núcleos metafóricos como em (T2) "**Os verdadeiros agressores** são militantes políticos que estão utilizando jovens como massa de manobra para promover uma agenda partidária cuja maior vítima são os estudantes. Por causa do incentivo de partidos políticos e de sindicatos de professores, milhares de alunos estão sem aula e, como se já não bastasse, um adolescente foi morto em uma ocupação.", em (T2) "Cansados das invasões de uma **minoria barulhenta** que quer impor sua agenda partidária goela abaixo, pais e professores começaram a exigir a desocupação de escolas no Paraná. [...]", e em (T6) "Este novo movimento estudantil também desafia o projeto dita da 'Escola sem Partido' iniciado pelos

**conservadores**, que visa eliminar todas as formas de pensamento crítico, rotulados de esquerda, na educação."

Além disso, foi identificada também uma relação lexical anafórica estabelecida por sinonímia, presente em (T2) "O verdadeiro objetivo desses **sindicalistas e militantes políticos** é utilizar jovens para fazer uma oposição irresponsável e sem princípios ao governo".

### **Escolas**

Como um caso de anáfora indireta o exemplo a seguir apresenta a expressão anafórica "estabelecimentos" retomando "escolas" por uma relação lexical hiperônima, tendo em vista que *estabelecimentos* corresponde a um conjunto semântico que insere o termo *escolas*: (T1) "O ministro deu um prazo até o dia 31 próximo para a devolução dos **estabelecimentos** ao estado democrático e de direito. Se isso não acontecer, os alunos que fariam os exames nessas escolas não poderão realizar as provas, que estão marcadas para os dias 5 e 6 de novembro."

Os demais casos se dão por relação lexical estabelecida por sinonímia, observável em (T1) "O pretexto para tomar **as unidades escolares** é grotesco: cobrar que o governo retire a MP da reforma do Ensino Médio — que, atenção!, confere mais autonomia aos estudantes e institui o tempo integral no antigo segundo grau — e a PEC do Teto dos Gastos. [...]", e em (T6) "Centenas de escolas públicas foram ocupadas por seus alunos, dia e noite durante várias semanas, em oposição ao projeto do governador de fechar vários **estabelecimentos de ensino**."

### **CONCLUSÃO**

Diante do exposto, vale reconhecer a extrema importância do léxico na construção de sentido no texto/discurso. Por meio das escolhas dos interlocutores é possível identificar a posição ideológica defendida pelos veículos de comunicação e/ou enunciadore. Em outras palavras, sempre é possível identificar as marcas de um enunciadore, por meio de perspetivações, mesmo quando estas são permeadas por modalizadores. Assim sendo, os itens lexicais funcionam como espécies de roteiros que guiam o leitor na construção de sentido.

Pudemos observar que na progressão referencial, percurso do texto com vistas à construção da coesão e coerência textuais por meio da retomada de referentes, a recategorização implica heterogeneidade semântica dos objetos de discurso. Isto é,

os sentidos presentes na superficialidade ou não do texto não são únicos e podem, com frequência, reformular o significado socialmente estabelecido, atribuindo desta forma, um novo sentido a um mesmo item lexical. Sendo assim, como já discutido, atribuir um caráter fixo ao léxico foge completamente à função que este desempenha enquanto constituinte do discurso, justamente por ser tido como o nível da realização linguística mais instável e irregular. Assim, compreende-se, que um item lexical pode corresponder a distintas interpretações e atingir variados sentidos que não os “sentidos originais”.

Ao que se refere às relações lexicais anafóricas, Cortez (2012, p. 25) afirma que “a noção de âncora textual e a não obrigatoriedade de um antecedente explícito no cotexto revelam que o conceito de anáfora no sentido estrito não se sustenta.”. O conceito estabelecido de anáfora apenas como retomada direta no texto, não é suficiente para abranger as distintas possibilidades de referência indireta que esta desempenha. Desta maneira, é possível que um item lexical corresponda a distintas interpretações (sem que os referentes estejam explícitos na superficialidade do texto) que diferem de seu originalmente reconhecido, configurando uma recategorização do objeto de discurso.

Em síntese, a referenciação, por meio de processos de construção de categorias realizados no discurso, trata a referência de maneira a considerar a intersubjetividade, as experiências e a memória discursiva dos interlocutores na formação do sentido e na exposição dos pontos de vista.

## REFERÊNCIAS

CORTEZ, Suzana Leite. A anáfora no processamento textual. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v.10, n. 2, p.11-29, dez. 2012.

FERRAREZI JUNIOR, Celso.; BASSO, Renato. Semântica, semânticas: Uma introdução. São Paulo: Contexto, 2013.

GUIMARÃES, Eduardo. Semântica e pragmática. In: GUIMARÃES, Eduardo.; ZOPPI-FONTANA, M. (Orgs.) **Introdução às ciências da linguagem: a palavra e a frase**. São Paulo: Pontes, 2006.

ILARI, Rodolfo. Prefácio. In: BASSO, Renato; FERRAREZI JUNIOR, Celso. (orgs). **Semântica, semânticas: uma introdução**. – São Paulo: Contexto, 2013. p. 9-11.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; CORTEZ, Suzana. Leite. A construção heterodialógica dos objetos de discurso por formas nominais referenciais. **ReVEL**, v. 13, n. 25, 2016.

LIBERALI, Fernanda Coelho; LIBERALI, André Ricardo Abbade. Para repensar a metodologia de pesquisa em ciências humanas. **Inter FAINC/Revista das Faculdades Integradas Coração de Jesus**. Santo André, v. 1, n. 1, p. 17-33, jan./jun. 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. In: Hipertexto e Gêneros Digitais. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

MARQUES, M. H. D. **Iniciação à Semântica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

OLIVEIRA, Roberta. Pires de. Semântica. In: MUSSALIM, Fernanda.; BENTES, Anna Christina. (Orgs.) **Introdução à linguística: Domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012.

PAULILO, Maria Ângela Silveira. **A pesquisa qualitativa e a história de vida**. Disponível em: <[http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c\\_v2n1\\_pesquisa.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_pesquisa.htm)>. Acesso em: 07 out. 2018.

ZAVAM, Áurea Sueli. **São axiológicas as anáforas encapsuladoras?** In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; COSTA, Maria Helenice Araújo; JAGUARIBE, V; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. (Orgs.) **Texto e discurso sob múltiplos olhares: referenciação e outros domínios discursivos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p.123-14.

**Capítulo 4**  
**LINGUAGEM CONCEITUAL X LINGUAGEM**  
**COTIDIANA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DAS**  
**PRÁTICAS LINGUAGEIRAS NO AMBIENTE DE**  
**TRABALHO**

*Diva de Souza Meiréles*

## LINGUAGEM CONCEITUAL X LINGUAGEM COTIDIANA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DAS PRÁTICAS LINGUAGEIRAS NO AMBIENTE DE TRABALHO

**Diva de Souza Meiréles**

*Mestranda em Letras, Faculdade Católica de Rondônia (FCR). Licenciada em Letras - Português e Bacharel em Direito. Professora de Língua Portuguesa.*

### **Resumo**

Este artigo parte do entendimento de que a linguagem é o elemento central para a construção da realidade social, decorrente das práticas cotidianas. Assim, quando o indivíduo pratica algo na e pela linguagem, torna-se possível ressignificar a experiência vivida, abrindo novas maneiras de (re)construção da realidade. Dentro do contexto analítico, tem-se, em Ludwig Wittgenstein (1953), uma abordagem voltada para a dimensão social e pragmática da linguagem, como suporte para afirmar que as atividades verbais e não verbais vão adquirindo sentido e significado conforme utilizados em determinados contextos e ao seguir as regras impostas no cenário em questão. Também foram utilizadas as reflexões de Schwartz e Durrive (2010) sobre trabalho e ergologia, quanto às concepções estabelecidas diante das relações entre trabalho e linguagem, que buscam, a partir da prática cotidiana do trabalho pelo homem e das necessidades advindas dessa relação, identificar o distanciamento entre a linguagem utilizada no dia a dia e aquela normatizada dentro do ambiente de trabalho. Dessa forma, o objetivo principal deste estudo foi o de analisar a diferenciação entre a linguagem científica/conceitual e a cotidiana e as possibilidades de conflitos decorrentes da relação de hierarquia e poder, por meio da linguagem e de seus sentidos. Os resultados indicaram que as dimensões conceituais esbarram nos aspectos cotidianos e tornam complexa a prática da linguagem, uma vez que a sua construção se torna múltipla no tempo e no espaço cotidiano, sendo, por vezes, impossível dissociar a necessidade imposta pelas regras de convívio da prática linguageira utilizada.

**Palavras-chave:** Pragmática linguística. Ergologia. Linguagem.

### **Abstract**

This article is based on the understanding that language is the central element for the construction of social reality, resulting from everyday practices. Thus, when the individual practices something in and through language, it becomes possible to resignify the lived experience, opening new ways of (re)construction of reality. Within the analytical context, we have, in Ludwig Wittgenstein (1953), an approach focused on the social and pragmatic dimension of language, as a support to affirm that verbal and non-verbal activities acquire meaning and significance as they are used in certain contexts and as they follow the rules imposed in the scenario in question. The reflections of Schwartz and Durrive (2010) on work and ergology were also used,

regarding the conceptions established in the relationship between work and language, which seek, from the daily practice of work by man and the needs arising from this relationship, to identify the gap between the language used in everyday life and that standardized within the work environment. Thus, the main objective of this study was to analyze the differentiation between scientific/conceptual language and everyday language and the possibilities of conflicts arising from the relationship of hierarchy and power, through language and its meanings. The results indicated that the conceptual dimensions collide with everyday aspects and make the practice of language complex, since its construction becomes multiple in everyday time and space, and it is sometimes impossible to dissociate the need imposed by the rules of coexistence from the language practice used.

**Keywords:** Linguistic pragmatics. Ergology. Language.

## 1 Introdução

Analisar as possibilidades dentro da pragmática linguística leva, inicialmente, à necessidade de definir o termo linguagem, que sustentou este estudo. Assim, conforme definido por Marcondes (2000, p. 53–54), a linguagem deve ser compreendida como um processo complexo advindo da “[...] ação, como sistemas de atos simbólicos, e não como representação mental ou sistema formal”.

Buscando entender os constructos acerca do tema, foram encontradas, nos textos do filósofo austríaco Ludwig Joseph Johann Wittgenstein (1889–1951), concepções sobre a linguagem pautadas nas dimensões social e pragmática, difundidas entre as teorias da pragmática linguística (OLIVEIRA, 2006).

Assim, com base no pensamento desse filósofo, verifica-se que a linguagem deve ser apreendida por meio da junção da realidade com o pensamento (não existe essa preposição na regência nominal com esse substantivo junção). e de como são as ações cotidianas do indivíduo e as limitações que lhe são impostas pela linguagem (CONDÉ, 1998; REED, 2005; RORTY, 1994).

A leitura, quanto à abordagem de Wittgenstein, por possuir vertente dentro da Teoria Social, mostra-se de fundamental relevância para a análise das mudanças pelas quais perpassou a linguagem ao adentrar na modernidade (BERNSTEIN, 2010), principalmente ao colocar a linguagem no centro da reflexão filosófica. De acordo com Oliveira (2006), deixa-se de adotar um individualismo metodológico para compreender os fenômenos sociais, passando a entendê-los como elemento polissêmico e multidimensional.

Nesse sentido, a análise dos efeitos da linguagem no cotidiano passa a ter,



como foco, as interações sociais e como seus integrantes constroem sentidos e significados em determinados tempo e espaço, trazendo a bagagem já internalizada que o indivíduo possui e as peculiaridades que emergem das relações de convívio e das situações de hierarquia e de improvisação para suas manifestações práticas (BERNSTEIN, 2010).

Dentre vários outros teóricos a se aprofundarem quanto à influência das práticas sociais na construção da linguagem, Oliveira (2013, p. 20) destaca Pierre Bourdieu e Michael Foucault, completando ainda que, de acordo com o pensamento desses autores, tais práticas são compostas por:

- (i) o conhecimento situado a fenômenos locais, mas ao mesmo tempo conectado aos planos mais amplos; (ii) a questão da "performatividade" nas ações humanas considerando as interações humanas e não humanas como elementos inter-relacionados de maneira tácita e não tácita; (iii) os elementos materiais culturais, artefatos e espaços nos quais se manifestam, ubiquamente, práticas laborais, discursivas e códigos normativos; (iv) o elemento da legitimidade para a aceitação e sustentação social das práticas em si; e (v) a relevância de questões envolvendo agência humana, entendimentos compartilhados entre indivíduos, e imbricação de elementos de racionalidade e sensibilidade.

Diante dessa compilação de práticas apresentada por Oliveira (2013), é possível abstrair que, por meio das vivências e das inter-relações no cotidiano, são promovidas cadeias de ação, que vão se emaranhando aos dizeres e fazeres, prescritos ou não, e permeando o cotidiano do indivíduo mediante a linguagem, seja ela conceitual ou cotidiana. Um exemplo que ilustra essa distinção seria o trabalhador se dirigir ao colega no final de um dia de serviço e dizer "Hoje o dia voou", utilizando a linguagem cotidiana do indivíduo, enquanto, na linguagem conceitual, poderia dizer "O dia hoje passou muito rápido".

Conforme abordado por Scharz e Durrive (2010, p. 138), "Passando pelos conceitos, cada um redescobre o seu próprio trabalho e redescobre como se insere na atividade dos outros, na vida da sociedade." e, a partir disso, vão se construindo novas formas de proceder a linguagem, peculiares às práticas sociais. Nesse sentido, pode-se afirmar que ocorre um processo de (re)construção por meio da ação do sujeito ao acessar informações e se manifestar.

Com base nesse contexto geral sustentado nas concepções de Wittgenstein, optou-se por afunilar o estudo, voltando as pesquisas para o espaço e o lugar do

trabalho na vida do indivíduo, buscando aporte nos conceitos das relações languageiras tratadas por Yves Schwartz e Louis Durrive, na obra *Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana* (2010).

Os autores partem das premissas básicas que abarcam as relações languageiras no ambiente de trabalho, tais como: ler, falar, escrever, esquematizar, calcular etc., discutindo sobre a importância da compreensão da linguagem no processo de formação da sociedade, uma vez que, enquanto, de um lado, tem-se as normas vigentes a serem seguidas pelo coletivo, de outro, na contemporaneidade, passa-se a focar na singularidade humana, em suas ações e nos valores pessoais.

Assim, diante da proposta reflexiva desses autores, consubstanciada nas concepções de Wittgenstein, este artigo buscou refletir sobre como a pragmática linguística tem passado por processos de transformação e de forte influência no âmbito laboral, de tal forma que tem levado à quebra do paradigma hegemônico, que concebe o trabalho pautado apenas nas atividades desenvolvidas pelo trabalhador.

Nesse norte, o objetivo deste artigo é investigar as práticas languageiras no ambiente de trabalho, em que o eixo principal são os trabalhadores e seus saberes. Para tanto, foi realizada uma pesquisa centrada na revisão de literatura, de cunho qualitativo, que teve, por referencial teórico, trabalhos que tratam das concepções wittgensteinianas e que abordam a questão das práticas languageiras dentro da ergologia, a partir das discussões propostas por Yves Schwartz e Louis Durrive.

Schwartz e Durrive (2010) investigam e abordam as temáticas da ergologia como aporte para evidenciar a complexidade do trabalho humano, por meio dos destaques advindos da diferença entre trabalho e atividade de trabalho e das ressignificações sobre as práticas laborais e como a linguagem perpassa essas questões, que são elementos essenciais para promover mudanças necessárias à sociedade.

Ademais, a discussão proposta pelos autores possibilita destacar a necessidade de um ergoengajamento e, com isso, levar à revisão das normas antecedentes (valores mercantis postos) e buscar a implementação efetiva de uma universalização das práticas, deixando de coisificar as relações e passando, assim, a refletir sobre uma prática pautada no reconhecimento e no respeito ao outro e à sua singularidade (SCHWARTZ, 2011).

## 2 As concepções wittgensteinianas

A abordagem balizada nos elementos wittgensteinianos se mostrou pertinente ao estudo, pois possibilita compreender, a partir das práticas sociais, como tem sido tecida a cadeia laborativa e a importância da linguagem nesse processo (COULTER, 2001), indo, assim, muito além da significação sobre tais práticas, uma vez que se propõe a realizar um olhar mais realístico sobre as relações estabelecidas, no caso em foco, em ambientes laborais.

A partir dos pressupostos de Wittgenstein, torna-se possível analisar e compreender os elementos racionais, teóricos e laborais que existem dentro do ambiente multifacetado da linguagem, que influenciam e modificam as relações estabelecidas nesse espaço e ressignificam os conceitos e as normativas vigentes.

Assim, a partir das concepções de Wittgenstein (2008, 2009), é possível verificar que as relações de hierarquia e poder silenciam e autorizam as práticas sociais, inclusive as laborais, pois elas deixam de analisar o homem individualmente e focalizam no indivíduo enquanto sujeito integrado à comunidade, que possui o sentimento de pertencimento a um grupo, possibilitando que as análises perpassem pela pragmática linguística, ou seja, suas práticas são problematizadas, investigadas e modificadas como resultado da relação entre linguagem, realidade e pensamento (OLIVEIRA, 2006).

Wittgenstein (2009) sinaliza a necessidade de interligar linguagem e realidade, de forma que o discurso e o objeto do discurso se tornem um, rompendo com as concepções dualistas e dicotômicas entre mente e corpo, pensamento e movimento, teoria e prática, razão e emoção etc. Assim, o que o filósofo propõe, na esfera da linguagem, é que a ação decorrente das práticas sociais e relacionais permita significar e ressignificar as experiências vividas pelo indivíduo, pelo outro e pelo coletivo.

Verifica-se, dessa forma, que a pragmática linguística tratada pelo filósofo é particularmente descritiva, pois decorre da ação, da prática e do uso cotidiano da linguagem pelo sujeito, ainda que em diferentes contextos, pois possui, como objetivo, a comunicação (MARCONDES, 2005). Nesse sentido, de acordo com Oliveira (2013, p. 35):

Ao enfatizar a descrição desse emprego cotidiano das palavras,

Wittgenstein (2009) reintroduz tanto o humano quanto o elemento da existência humana no uso ordinário de uma linguagem, visando englobar a contribuição das emissões, das elocuições, das expressões, das dicções, das formas de como se profere algo à linguagem, expandindo sua noção para além de questões estritas de 'condição de verdade' ou de itens pura e simplesmente linguísticos e gramaticais (no sentido da sintaxe estrutural e da gramática formal ou "cultura", por exemplo).

De acordo com o pensamento de Wittgenstein (2009), abstrai-se a concepção da prática de um tipo de "jogo de linguagem", por meio do qual atividades verbais e não verbais vão adquirindo sentido e significado, conforme são pragmaticamente usadas, seja seguindo as regras já estabelecidas, seja construindo e reformulando novas regras.

Para o autor (2009, §7), essa prática — jogos de linguagem — compreende "[...] a totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada", interligando atividades verbais e não verbais, que se encontram inseridas no cotidiano do indivíduo e da sociedade. Sobre o tema, Valle (2003, p. 100–101) assim manifesta:

Ao investigar os jogos de linguagem, reconhecemos que somente é possível compreendê-los em sua utilização, e esta utilização os conecta com as formas de vida que os fundamenta. As formas de vida [...], no âmbito das Investigações, adquirem seu significado na conjunção dos jogos de linguagem. [...] Assim, o uso de um termo está associado a uma base de conduta comum da humanidade, ou seja, falar uma linguagem comum significa colocar-se de acordo com uma série de condutas-padrão. Aprender uma linguagem nada mais é que aprender a viver de uma determinada forma (VALLE, 2003, p. 100-101).

Para Wittgenstein (2009), tem-se, pois, que a dimensão prática da linguagem é que dá sentido e continuidade à aplicação de uma determinada regra comunitariamente aceita. No entanto, compete ao indivíduo dominar e se aperfeiçoar para o uso das práticas languageiras impostas em seu ambiente, de modo que o seu funcionamento atue positivamente para a sua prática laboral. De acordo com Valle (2003, p. 95-98):

[...] a linguagem não é plenamente independente do homem, tampouco da comunidade de seus usuários. [...] A vinculação entre significado e o uso, agora defendida, reclama a observação de três condições: a primeira diz respeito ao modo como as palavras são

utilizadas; a segunda deve observar o contexto em que se empregam as palavras; e a terceira tem de atentar para as funções que elas devem desempenhar. São, portanto, o modo, o contexto e a função os elementos que constituirão a organicidade dos jogos de linguagem. [...] Admitindo que na linguagem as palavras e as sentenças mostram seu significado por meio de seu uso e sabendo que a linguagem se presta tanto para expressar as realidades regulares, quanto aquelas não regulares, Wittgenstein reconhece ser necessária a existência de um conjunto de regras que permitem o ordenamento do uso. Tal necessidade é reconhecida porque não se pode admitir que um signo tenha, para alguns, um significado e, para outros, um significado diferente, ou que, sem nenhuma razão, em uma ocasião expresse algo e, em outra, algo totalmente distinto. Mas a linguagem é diversa, é heterogênea [...]. Os jogos de linguagem nasceram do reconhecimento da multiplicidade dos usos linguísticos. As regras, portanto, transformam-se no critério necessário para a distinção daquela multiplicidade de usos. O jogo de linguagem esclarece as condições do uso da linguagem em cada caso particular, evidenciando, também, a necessidade de saber que uma palavra ou um enunciado está sendo utilizado de tal maneira e não de outra.

Diante dessa perspectiva, partindo dos preceitos de linguagem wittgensteiniana, necessário se faz verificar como essa prática linguageira tem ocorrido em ambiente laboral e quais reflexões e efeitos têm sido identificados pelos estudiosos na área, abrindo, assim, espaço para o tópico seguinte sobre as relações linguageiras, especialmente aquelas constituídas no ambiente de trabalho, buscando identificar como se dão os jogos de linguagem estabelecidos nesse cenário de modo geral.

### **3 As relações linguageiras**

Schwartz e Durrive (2010), em seus debates e reflexões, sinalizaram os principais aspectos das relações estabelecidas entre trabalho e linguagem e destacaram a necessidade de mudar a sistemática do obedecer e do calar-se, que são advindas das práticas trabalhistas do taylorismo (trabalho individual), e de abrir espaço para o meio contemporâneo de se comunicar, falar e se fazer ouvir no ambiente de trabalho (trocas linguageiras pelo trabalho em equipe, a habilidade e o peso de saber se comunicar como indivíduo e/ou em equipe).

Nesse sentido, a concepção de jogos de linguagem wittgensteiniana coaduna com o pensamento dos autores quando estes indicam que a capacidade de se comunicar, o domínio da linguagem e a avaliação das competências do indivíduo

compõem a dinâmica relacional entre trabalho e trabalhador, que, por conseguinte, resultam em dois problemas: 1) acreditar que o trabalho é pobre em conteúdo e 2) considerar um indivíduo inapto a partir do modo como ele fala do seu trabalho.

Diante dessa perspectiva, os autores destacam que, na prática linguageira, necessário se faz considerar que o trabalhador utilize a linguagem como meio de regular a sua atividade laboral, fazendo com que a relação linguagem x trabalho ocorra por meio de duas dimensões da linguagem: aquela comum da atividade ou, ainda, a distanciada e elaborada pautada nas normas, uma vez que “A linguagem no trabalho é rica e o trabalhador a utiliza para regular a sua atividade (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010, p. 134).

Com isso, para compreender e adequar tais relações, visando à mudança de postura, é preciso verificar como se dá a linguagem do outro e a de si próprio e como a relação decorrente da linguagem mostra-se um caminho para a transformação do ambiente de trabalho e maior engajamento nas relações estabelecidas.

Assim, Schwartz e Durrive (2010) entendem que as relações entre linguagem e trabalho são a base para estabelecer um processo de constante reajustamento e ressignificação do trabalho, fazendo com que, para além de conhecer seus conceitos, estes possam ser transformados, tornando as relações entre linguagem e trabalho mais profícuas.

Para tanto, os autores, sob o viés da ergologia, apontam para a necessidade de incorporar uma concepção mais profunda ao conceito de atividade, que abranja as diferenças efetivas entre o trabalho prescrito (normatizado) e trabalho real (praticado), de forma que a relação com o indivíduo, por meio da linguagem, mostre-se mais adequada (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010).

O uso da ergologia, de acordo com os autores, aliado às concepções da pragmática linguística wittgensteiniana, possibilita conceber que só a normatização não se mostra suficiente para dar conta das relações e exigências impostas ao sujeito na atividade laboral, posto que as normativas sempre estarão em debate, uma vez que precisam passar por processos de renormalização.

O trabalho, por sua vez, ainda que prescrito, sempre oportunizará escolhas ao indivíduo, de forma que o local de trabalho, a partir da exigência do trabalhador, será continuamente revisto em suas normas, buscando atender à saúde do trabalhador, aos seus interesses e ao reconhecimento de suas competências.

Para tanto, abre-se espaço aos jogos de linguagem para estabelecer a

diferença entre o conceito de norma antecedente e de trabalho prescrito, pois aquela é mais abrangente que este, ou para agregar as novas dimensões que vão emergindo no cenário laboral.

Sobre norma antecedente, Schwartz e Durrive (2010) a concebem como aquilo que é dado e solicitado ao trabalhador antes do trabalho ser realizado, sendo, dessa forma, exterior e anterior ao processo da atividade humana. Isso implica afirmar que o indivíduo reage às prescrições que o antecedem por se referir ao grupo em geral, e não à sua singularidade.

Mediante essa possibilidade, abre-se a possibilidade de debate das normas tanto entre as antecedentes como aquelas que o sujeito irá atribuir a si mesmo, o que, por conseguinte, pode resultar na reinvenção das normas (renormalização), desafiando, assim, o ambiente laboral que lhe é (im)posto.

#### **4 Discussão**

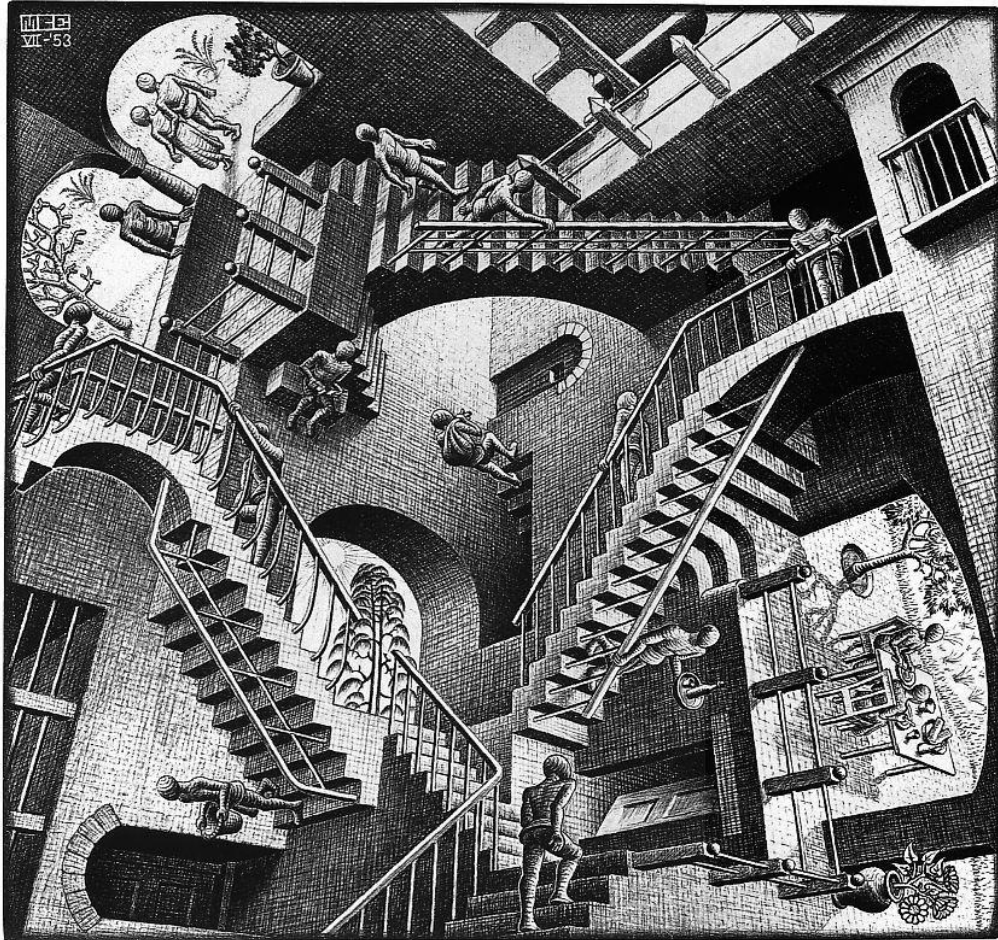
Para Schwartz e Durrive (2010), a existência da renormalização, por meio do debate das normas antecedentes, possibilita uma relação entre o trabalhador e sua prática laboral. E a partir dela, dá-se maior visibilidade à atividade humana, retomando e coadunando com o pensamento de Wittgenstein sobre o movimento da Teoria Social, em que, na contemporaneidade, as análises devem recair sobre o indivíduo e as relações por ele estabelecidas.

Esse entendimento leva à constatação de que, a partir da visão ergológica e do que Schwartz (2011) chamou de ergoengajamento, mostra-se possível perceber tanto a lacuna existente entre as normas antecedentes e o trabalho real quanto a maneira como o indivíduo manifesta e reconfigura os seus conhecimentos e experiências, tendo como referencial, para tanto, o modo como ele faz uso das múltiplas possibilidades da linguagem para proceder às renormalizações.

Essa natureza complexa e múltipla da linguagem pode ser identificada por meio das palavras de Wittgenstein (2009, §18) ao efetuar uma analogia entre a linguagem e uma velha cidade, de forma que, para ele, a linguagem seria: “[...] uma rede de ruelas e praças, casas velhas e novas, e casas com remendos de épocas diferentes; e isto tudo circundado com uma grande quantidade de novos bairros, com ruas retas e regulares e com casas uniformes”. Esse pensamento foi reproduzido em forma de imagem, conforme se verifica a seguir:



Figura 1 – A linguagem e seus caminhos



Fonte: Litografia do artista gráfico holandês M. C. Escher (1898–1972).

Assim, seja a partir da noção wittgensteiniana de jogo de linguagem, seja ainda das relações languageiras de Schwartz e Durrive (2010), o que se verifica é a necessidade de que, para se compreender os efeitos da linguagem no cotidiano do indivíduo, alguns elementos estarão presentes, quais sejam: normas estabelecidas, formas de vida e relações de hierarquia e poder, fazendo com que as práticas sociais, que integram as ações cotidianas dos indivíduos, sejam permeadas e perpassadas pela maneira como o indivíduo entende o mundo e atua nele.

Essa prática e sua compreensão possibilitam identificar como se dão as relações sociais e qual a função da linguagem nesse processo, por meio de suas representações e significados, e como são construídas as manifestações que dão representatividade à vida do homem e às suas condições de sociabilidade (WITTGENSTEIN, 2009). Sobre o tema, Schatzki (1996, p. 36) assim indica:

O contexto final constitutivo no qual as pessoas participam são as práticas. [...] Práticas abarcam comportamento, atos de fala, treinamento e aprendizagem. Participar nelas torna possível a uma pessoa estar em condições de existência que não possuem expressão(ões) natural(is). A gama de condições possíveis, conseqüentemente, nas quais comportamento pode ser entendido enquanto expressão é delimitada pela gama de práticas; e variações culturais nas práticas sublinham variações nessas condições possíveis. Práticas sociais também organizam expressivas conexões entre comportamentos e condições específicas. A instituição tanto das expressões características e dos padrões de vida [de um dado coletivo] é também amplamente fruto do trabalho das práticas [...] já que práticas sublinham, quando não diretamente condicionam, padrões compreensíveis de comportamentos passados, presentes e futuros, combinações inteligíveis de condições de vida, e a relevância da expressividade imediata e ampla das situações da vida. Dentro das práticas (1) padrões inteligíveis ou paradigmáticos de comportamento, combinações de condições, e relevâncias situacionais são estabelecidas e vivenciadas; (2) o comportamento das pessoas se torna informado por esses padrões, combinações e relevâncias; (3) pessoas passam a entender padrões, combinações e linhas de relevância continuamente mutáveis, bem como as condições da vida nas quais as atividades corporais se expressam nessas bases.

Assim, as práticas sociais são o elemento constitutivo e organizador do tecido social, estabelecido a partir da linguagem e de como as regras são determinadas, por meio das ações individuais e coletivas. Ademais, Schatzki (2000), ao abordar sobre jogos de linguagem com base em Wittgenstein (2009), sinaliza quanto ao fato de que, no contexto social, “[...] o elemento que determina o que se constrói (ou seja, o que se interpreta, o que se compreende, o que se elabora em termos de significados, valores, crenças, etc., e também o que se compartilha) e o que se realiza (em termos de atos).” (OLIVEIRA, 2013, p. 69).

## 5 Considerações finais

A partir da breve análise realizada, foi possível constatar que as questões pertinentes à linguagem e os seus debates são incessantemente travados em meios científicos e acadêmicos e buscam compreender as práticas sociais por meio das relações languageiras ou, ainda, mediante a noção de jogos de linguagem.

Diante da complexidade temática, as relações cotidianas são práticas que ora seguem os contingentes normativos e as relações de hierarquia e poder, ora funcionam como forma de ressignificar e dar novo significado às práticas,

especialmente aqui analisadas no que se refere ao ambiente de trabalho.

Adotando o entendimento wittgensteiniano sobre a necessidade de se compreender o contexto social e como os sentidos são construídos, bem como aliado à perspectiva da ergologia proposta por Schwartz e Durrive, foi possível identificar as contribuições desses estudiosos e colaborar para o debate e a análise da atividade humana do trabalho, que tenham, na singularidade de cada trabalhador, a sua premissa maior.

Nesse sentido, verificou-se ainda que a ergologia auxilia no processo de compreensão quanto ao que se passa com o trabalhador, permite entender como se dá a realização do trabalho e, para além disso, abre espaço para ressignificar como estão sendo tratados, na atualidade, as relações entre linguagem e trabalho e o debate sobre as normas e as suas renormalizações.

Assim, em conformidade com o estudo realizado, observou-se que, a partir da compreensão e revisão de como ocorre a gestão do uso de si pelos outros (SCHWARTZ; DURRIVE, 2010), o trabalho ganha novo significado, levando a decisões que vão confrontar valores diversos e propor uma nova forma de se relacionar (linguagem x trabalho) e, por conseguinte, de como o trabalhador vai lidar com as normas (im)postas.

Questões como o ergoengajamento, proposto por Schwartz (2011), e as relações entre saber e poder podem auxiliar no processo de entendimento dos jogos de linguagem propostos por Wittgenstein, uma vez que ambos os estudos, respeitadas suas particularidades, procuram romper com a dualidade sujeito-objeto e levar à adoção de uma postura na qual se torna viável uma relação não hierarquizada, em que o trabalhador deixa de ser objeto passivo da relação e passa a atuar como coprodutor dos conhecimentos e das normalizações laborais.

## Referências

BERNSTEIN, R. J. **The pragmatic turn**. Cambridge, United Kingdom: Polity Press, 2010.

CONDÉ, M. L. L. **Wittgenstein: linguagem e mundo**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 1998.

COULTER, J. Human practices and the observability of the 'macro-social'. In:

SCHATZKI, T. R.; KNORR CETINA, K.; SAVIGNY, E. von. (Ed.). **The practice turn in contemporary theory**. London, England: Routledge, 2001. p. 29-41.

MARCONDES, D. **Filosofia, linguagem e comunicação**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

MARCONDES, D.. **A pragmática na filosofia contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

OLIVEIRA, M. A. **Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

REED, M. The agency/structure dilemma in organization theory: open doors and brick walls. In: TSOUKAS, H.; KNUDSEN, C. (Ed.). **The Oxford handbook of organization theory**. Oxford, England: Oxford University Press, 2005. p. 289-309.

RORTY, R. **A filosofia e o espelho da natureza**. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

SCHWARTZ, Y. Manifesto por um ergoengajamento. In: BENDASSOLLO, P. F.; SOBOLL, L. A. P. (orgs.). **Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 132-167. (Capítulo 8).

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (orgs.) **Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Niterói, RJ: EdUFF, 2010. p. 131-187. (Capítulo 5 – A linguagem em trabalho).

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (orgs.) **Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Niterói, RJ: EdUFF, 2010. p. 247-273. (Capítulo 9 – O homem, o mercado e a cidade).

SCHWANDT, T. A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Bookman e Artmed, 2006. p. 193-217.

VALLE, B. **Wittgenstein: a forma do silêncio e a forma da palavra**. Coleção Filosofia, n. 2. Curitiba: Editora Champagnat, 2003.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus logico-philosophicus**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

WITTGENSTEIN, L.. **Investigações Filosóficas**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.



**Capítulo 5**  
**A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS NA**  
**MINISSÉRIE WANDAVISION: UMA**  
**ABORDAGEM SEMIÓTICA**

*Bruna Luquez Amaral*  
*Fernando Moreno da Silva*

## A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS NA MINISSÉRIE WANDA VISION: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA

**Bruna Luquez Amaral**

UENP. Graduanda

Contato: luquezamaral@gmail.com

**Fernando Moreno da Silva**

UENP. Doutor

Contato: moreno@uenp.edu.br

**Resumo:** *WandaVision* (2021) é uma minissérie original Disney+ do Universo Cinematográfico da Marvel (UCM) baseada nos personagens Wanda Maximoff e Visão. A história da minissérie se passa três semanas após os eventos de Vingadores: Ultimato (2019). Dentro da minissérie, Wanda e Visão são os protagonistas da própria série, vivendo em uma cidade chamada *Westview* e escondendo suas identidades reais. Por conta da complexidade da linguagem sincrética que caracteriza o audiovisual, o trabalho objetivou analisar como os recursos são empregados para a produção dos sentidos. Para esse estudo, fundamentado na semiótica greimasiana (FIORIN, 1996), foram analisadas as relações entre enunciador (imagem do destinador do enunciado) e enunciatário (imagem do destinatário do enunciado) para a construção dos sentidos na minissérie, além das categorias semânticas que compõem o Nível Fundamental, que incluem, principalmente, Passado *versus* Futuro e Realidade *versus* Ilusão. As análises revelam que, apesar de o enunciador ter preestabelecidas estratégias para a enunciação do UCM, em *WandaVision* algumas delas são alteradas, principalmente em relação ao tempo na série, que se mostra diferente das outras produções. Entretanto, o padrão de utilização dos *easter-eggs* e das cenas pós-créditos se mantém.

**Palavras-chave:** *WandaVision*, Marvel, semiótica, enunciação, sentido.

### Introdução

*WandaVision* (2021) é uma minissérie de produção original Disney+ do Universo Cinematográfico Marvel (doravante UCM) baseada nos personagens Wanda Maximoff, Feiticeira Escarlata e Visão, com nove episódios. A história da minissérie se passa três semanas após os eventos de Vingadores: Ultimato (2019). Dentro da

minissérie, Wanda e Visão são os protagonistas da própria série. “O conceito da série é mostrar Wanda e Visão como um casal perfeito, um casal de televisão, talvez e provavelmente como Wanda em sua infância em Sokovia imaginava ser a realidade dos Estados Unidos, assistindo a antigas séries de televisão” (CARDOSO, 2021).

Na série, Wanda e Visão vivem em uma cidade chamada *Westview* e escondem suas identidades reais. A série se passa através das décadas e, conforme elas passam, o formato da série muda, obtendo cores e novos figurinos, posições de câmera, sempre se adequando à década que está sendo retratada e à *sitcom*<sup>5</sup> referenciada.

Como toda linguagem, a produção audiovisual é uma semiótica composta de plano de expressão e plano de conteúdo. Mas, pela particularidade de sua manifestação (sincretismo), desafia a descrição semiótica por explorar maiormente o plano de expressão por meio da linguagem sincrética. Na complexidade dessa linguagem, quais e como os recursos são empregados para produção dos sentidos?

Diante dessa questão, este trabalho objetiva analisar, sob a perspectiva da semiótica greimasiana (FIORIN, 1996), as relações entre enunciador (imagem do destinador do enunciado) e enunciatário (imagem do destinatário do enunciado) para a construção dos sentidos na minissérie *WandaVision*.

## ENUNCIADOR E ENUNCIATÁRIO

A abordagem da enunciação é fundamental para toda e qualquer produção textual e discursiva. Toda manifestação está assentada no eixo da comunicação, envolvendo aquele que comunica com aquele a quem é comunicado, diretamente relacionado à enunciação, pois em todo ato enunciativo pressupõe-se que haja um produtor e um receptor.

A enunciação é um ato que põe em funcionamento a língua, produzindo um enunciado. É uma instância linguística pressuposta pelo enunciado. Como seu produto, o enunciado pode conter traços que reconstituem o ato enunciativo. Abaixo os integrantes da enunciação, dispostos em níveis:

---

<sup>5</sup> *Sitcom* é uma redução *situation comedy* ("comédia de situação"), nome dado a uma série de televisão, em geral gravada com plateia e caracterizada por risadas.



1º nível	enunciador <i>versus</i> enunciatário
2º nível	narrador <i>versus</i> narratário
3º nível	interlocutor <i>versus</i> interlocutário

Sabemos que, em todo processo de comunicação, a um “eu” corresponde sempre um “tu”. Por isso, diante do enunciador está o enunciatário; do narrador, o narratário; do interlocutor, o interlocutário. Neste trabalho o foco será o primeiro nível, na relação entre enunciador e enunciatário.

O enunciador está no primeiro nível da enunciação. É o “eu” pressuposto, equivalente ao autor implícito, que não é o mesmo que autor real. Ambos, por vezes, coincidem, mas não obrigatoriamente. A figura de carne e osso, pertencente ao mundo extralinguístico, pode fingir, criando, no discurso, a imagem de uma pessoa totalmente diferente de sua autêntica personalidade. Ele não pertence, portanto, ao texto. O enunciador, ao contrário, é uma imagem construída ao longo do texto, uma idealização do ser que produziu o discurso corrente. Traçando um paralelo com a Retórica clássica, o enunciador seria o *ethos* do orador, a voz que ecoa numa construção discursiva. A instância linguística do enunciador é depreendida pelo modo como se diz, e não pelo que se diz.

Discini (2003) afirma que estilo é o *ethos*, um modo próprio de dizer a partir da análise de uma totalidade. É no dito que se busca um modo próprio de dizer. “Para descrever um estilo, a análise procurará reconstruir quem diz pelo modo de dizer...” (p. 7). “Assim, entende-se o estilo como um percurso do objeto (o enunciado) ao sujeito (da enunciação)”. (p. 28). Construir um estilo, portanto, é dar corpo a uma totalidade na qual há recorrência de percursos temáticos.

Na produção enunciativa, o enunciador invariavelmente considera a quem se destina seu discurso, como numa comunicação epistolar, em que escrevemos sempre pensando naquele que irá ler a carta. Caso contrário, o discurso não alcança eficácia. Na Retórica, é o auditório, aquele para quem se destina o discurso, que determina a ação do orador. “O importante, na argumentação, não é saber o que o próprio orador considera verdadeiro ou probatório, mas qual é o parecer daqueles a quem ele se dirige.” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p. 26-7).

Por ser levado em conta na construção do enunciado, afinal, ele é a razão de existir do discurso, havendo diálogo entre emissor e receptor, o enunciatário faz parte

do processo produtivo, constituindo-se num coenunciador. Daí ser válida a asserção de que o sujeito da enunciação é composto por enunciador e enunciatário, já que este último influi visceralmente na forma e no conteúdo.

O enunciatário seria, nesse propósito, um destinatário implícito da mensagem, o leitor ideal. E mais uma vez é necessária a ressalva de que não devemos confundir o leitor virtual com o leitor empírico de carne e osso.

## RELAÇÃO ENTRE ENUNCIADOR E ENUNCIATÁRIO NOS EPISÓDIOS

A minissérie WandaVision é um tanto enigmática. Uma vez que Visão, um dos protagonistas da série, havia morrido em Vingadores: Guerra Infinita (2018), o enunciador já inicia a produção do enunciado na intenção de despertar a dúvida e a nostalgia no espectador ao apresentar Wanda e Visão como um casal feliz do interior.

O primeiro episódio da série, intitulado “Gravado ao vivo e com Plateia”, tem como referência duas séries dos anos 50: *I Love Lucy* e *The Dick Van Dyke Show*. A fim de retratar a época, o episódio é preto e branco, tendo seu formato de tela em 4:3 e risadas ao fundo – um traço bastante comum nas *sitcoms* mais antigas. Além disso, os poderes de Wanda são adaptados, sendo representados através de objetos flutuantes ou a criação de objetos com um estalar de dedos (GARÓFALO; CANHISARES, 2021). Durante o episódio, são inseridos acontecimentos um tanto incomuns nas *sitcoms*, a fim de indicar que algo de errado está acontecendo – olhar nervoso da garota-propaganda, engasgamento do chefe de Visão após ele perguntar o porquê de o casal ter se mudado para *Westview* (que Visão não sabia responder), além do olhar direto de Wanda para Visão indicando que o controle daquela realidade pertence a ela. Apesar disso, essas situações mostraram o descontrole presente dentro da realidade, sendo pistas dadas pelo enunciatário no texto. Uma pista final no primeiro episódio da minissérie é a alteração da tela de 4:3 para 21:9, bem como a tela ficando mais distante, mostrando uma televisão antiga e alguém a desligando enquanto faz anotações, dando a entender que Wanda faz parte de uma série.

No segundo episódio, “Não mude de canal”, a história de Wanda e Visão segue sendo contada, agora baseada na série “A Feiticeira”, na qual a protagonista era uma feiticeira, que, “ao se casar com um homem comum, tenta de todas as maneiras levar uma vida ordinária de dona de casa. Quer dizer, esta não poderia ser uma referência

mais adequada para WandaVision” (GARÓFALO, CANHISARES, 2021). É importante lembrar que o comportamento atrapalhado do Visão faz parte da construção dos sentidos da série, uma vez que, por meio disso, é representado o descontrole de Wanda. Nesse episódio, elementos coloridos também invadem o preto e branco da série, como um helicóptero em um arbusto na frente da casa do casal e o sangue de um corte em uma amiga de Wanda. Uma frase importante no episódio, que pode ser entendida como uma pista, é a de Visão no show de talentos da cidade: “Hoje nós vamos mentir para vocês e vocês vão acreditar no nosso fingimento, porque seres humanos são facilmente enganados devido ao seu limitado conhecimento das engrenagens do universo”. Isso porque, ao mesmo tempo que o enunciador dá pistas ao enunciatário, ele também o despista. Ao final do episódio, o enunciador mostra mais um traço do controle de Wanda: ela fica grávida e está feliz com Visão em casa, mas, ao ouvir um estrondo e perceber alguém saindo do bueiro da frente de sua casa, a protagonista diz “não” e é apresentado algo que se parece com a rebobinagem de uma fita, voltando à cena da gravidez, deixando claro ao espectador que a feiticeira segue no comando da situação. No entanto, no encerramento do episódio, é possível escutar uma voz dizendo: “Wanda, quem está fazendo isso com você?”, desconstruindo parcialmente essa concepção.

Após ser tomada por cores no final do segundo episódio, *WandaVision* deixou o preto e branco para trás a partir do capítulo terceiro, quando a série entrou nos anos 70, tendo como referência as séries *The Brady Bunch* e *Mork & Mindy*. A primeira era basicamente uma série de comédia sobre uma família divertida; a segunda, segundo Garófalo e Canhisares (2021), era:

como um derivado de *Happy Days*, outra comédia de sucesso da TV americana, a série contava a história de um extraterrestre que tentava, sem muito êxito, entender o comportamento dos humanos. [...] Logo que chega nesse planeta, Mork conhece Mindy, uma jovem bastante chateada com seu namorado. De cara, eles se tornam amigos e, eventualmente, se casam e têm filhos.

Nesse episódio, Visão começa a questionar a realidade habitada por ele. Uma das indagações é a respeito da gravidez de sua esposa. Após 12 horas, Wanda já estava com 4 meses e, conforme Visão questiona, a feiticeira desconversa. O enunciador, desde o primeiro episódio, vem dando pequenas pistas, mas, no terceiro, é perceptível a motivação em deixar claro que tudo o que acontece dentro da série é resultado da manipulação de Wanda. Um sinal sobre os moradores serem “fantoques”

de Wanda é dado também no episódio em questão: um vizinho corta um muro continuamente e com os olhos estalados, como se estivesse em transe. Além disso, outro detalhe que ressalta o controle e o descontrole de Wanda é a cena do início do trabalho de parto, na qual as contrações causam confusão no cenário e apagão em seu quarteirão, o que mostra que as coisas acontecem muito de acordo com o que ela sente. No episódio, também é mostrada uma cena sendo reformulada para acontecer conforme a vontade dela. A feiticeira manipula as cenas instantaneamente na tentativa de manter o controle das situações indesejadas. A propaganda exibida durante o episódio também é uma peça chave para a mensagem que o enunciador quer passar, mas, caso o enunciatário não se atente, a pista passa despercebida. “No comercial vemos uma atriz se banhando e uma voz em over dizendo ‘Venha comigo. Escape para um mundo todo seu, onde seus problemas vão embora’. O que deixa ainda mais evidente a ideia da Wanda indo para um mundo todo seu” (ARTIMOS, 2021), principalmente para escapar da dor após a perda do par em Vingadores: Guerra Infinita (2018).

Apesar de a série ser apresentada e baseada em várias *sitcoms*, são raros os momentos em que se entende o humor como humor. O enunciador não produziu uma *sitcom* engraçada de fato. O enunciatário até consegue identificar os traços de humor, mas ele assiste não porque é cômica, mas porque ele está muito curioso e confuso. A intenção do enunciador não era produzir riso, mas, sim, revelar algo maior por trás disso. E o enunciador, com sucesso, segue tendo a atenção de seu enunciatário.

Diálogos de destaque também são vistos no episódio 3, como o médico dizendo que “a cidade é pequena, é difícil escapar”, mostrando que Wanda, de alguma forma, mantém os moradores presos ali; os vizinhos, Agnes e Herb, falando sobre Geraldine, uma moradora sem casa, ao dizer: “ela está aqui porque estamos todos...”, tentam revelar a Visão o que há de errado; Agnes interrompendo Herb, mostrando que, talvez, esteja consciente do que está acontecendo. Enfim, o enunciador caminha para consolidar a Wanda como a grande controladora da série dentro da minissérie. Além disso, nas cenas finais, durante um diálogo entre Wanda e Geraldine, a vizinha cita um acontecimento que, aparentemente, não fazia parte da série – a morte do outro gêmeo Maximoff, Pietro. Com isso, a cena é cortada para o lado de fora da casa. Ao retornar para dentro, Visão pergunta sobre Geraldine, recebendo como resposta: “Ela saiu, querido. Correu para casa”. Neste momento, a saída de *Westview* é mostrada, a tela obtém novamente o formato 21:9, e Geraldine é ejetada através de um campo

magnético que cerca a cidade. Com isso, o enunciador afirma, finalmente, ao enunciatário que Wanda tomou uma cidade inteira e criou a sua própria realidade, além de controlar tudo o que acontece em *Westview*.

“Interrompemos este programa” é o quarto episódio da minissérie. O intuito é mostrar como se deu a entrada de Geraldine, sendo revelada como Monica Rambeau, agente da S.W.O.R.D.<sup>6</sup>, e como a organização estudava e pretendia lutar contra os feitos de Wanda em *Westview*. Alguns diálogos e acontecimentos são mostrados da perspectiva externa (uma vez que os agentes conseguem assistir à série de Wanda, que está sendo transmitida de dentro para fora). Com isso, o produtor do enunciado segue na direção de construir o papel de Maximoff como uma grande vilã. Além disso, acontecimentos que não foram mostrados na série foram revelados agora na minissérie (entende-se a minissérie como um todo e a série como a produção manipulada pela feiticeira dentro de *Westview*). A protagonista, agora, é projetada como uma inimiga. Através do discurso de alguns personagens, o enunciador reforça isso, além de, ao mostrar a cena completa de como Monica foi ejetada, ser usada para consolidar Wanda como uma feiticeira controladora, que, de fato, manipula a realidade conforme a sua vontade.

Apesar disso, no episódio 5, intitulado “Em um episódio muito especial...”, essa concepção vai se desconstruindo porque, cada vez mais, é mostrado que a protagonista não está completamente consciente de seus atos. O quinto episódio da série dentro da minissérie é inspirado em três *sitcoms* dos anos 80: *Três é Demais*, *Caras & Caretas* e *Roseanne*. De acordo com Garófalo & Canhisares (2021):

O visual, a sequência de abertura e até mesmo a relação de Wanda e Visão com os gêmeos Tommy e Billy são bem próximos ao que era mostrado na série estrelada por Bob Saget, John Stamos e Dave Coulier - e que lançou as então pequeninas gêmeas Mary-Kate e Ashley Olsen ao estrelato.

Quanto à segunda *sitcom*, *Caras & Caras* é relacionada diretamente aos embates na convivência de Wanda e Visão no episódio, uma vez que o esposo se encontra cada vez mais confuso; em relação à vida agitada da família no subúrbio, há como referência a série *Roseanne*. Nesse episódio, é possível perceber que, apesar de Wanda manipular os moradores de *Westview* e a realidade como um tempo, ela

---

<sup>6</sup> S.W.O.R.D. é uma redução de *Sentient World Observation and Response Department* (Departamento de Observação e Resposta a Mundos Sencientes). É a agência de inteligência e contraterrorismo das histórias da Marvel.

não consegue controlar o comportamento dos filhos e do marido. Isso é afirmado posteriormente, quando as crianças apresentam a habilidade de crescer conforme sua vontade. Agnes, vizinha do casal, aparece para ajudar Wanda, que está com dificuldade em fazer as crianças dormirem. Aqui, mostra-se que Agnes está consciente dos acontecimentos quando sugere entrar de novo em cena a fim de refazê-la. No episódio também é revelado, através de Monica, que os moradores sentem a dor e o luto de Wanda por conta do controle mental – a partir desse momento, começa-se a construir o papel de uma mulher fragilizada pelo luto, o que se consolidará apenas ao final da minissérie. O personagem Hayward tenta passar a imagem de Wanda como uma terrorista. Mas Monica, apesar de ter estado sob controle mental e ter sido arremessada para fora do HEX (como chama a personagem Darcy Lewis), ainda a defende. Aqui, uma estratégica ação do enunciador para que Wanda, apesar de ter causado mal a uma cidade inteira, ainda seja vista pelo enunciatário como uma pessoa que sofre com o luto. Uma cena importante a ser considerada é quando Hayward mostra as filmagens de Maximoff invadindo a agência e diz que a feiticeira roubou o corpo de Visão e o ressuscitou a fim de levá-lo para *Westview*. O enunciador, por meio do personagem, torna a construção de Wanda como vilã cada vez mais sólida e consistente, bem como responde ao questionamento inicial do enunciatário, de como era possível Visão estar vivo.

A minissérie se alterna entre a realidade externa (fora do HEX) e a realidade interna, criada por Wanda. Os acontecimentos de fora ocorrem, agora, concomitantemente aos de dentro, apesar de o tempo na realidade alternativa da feiticeira se passar de forma diferente. O enunciador também alterna os formatos de tela a fim de que o enunciatário não se perca. Quando se tratar da série de Wanda, a tela aparece em 4:3 ou 16:9; quando se tratar de algum acontecimento não televisionado dentro do HEX ou os acontecimentos externos, a tela obtém o formato 21:9.

Ainda no quinto episódio, os agentes da S.W.O.R.D tentam fazer contato com as pessoas de dentro do HEX, o que faz com que Visão fique cada vez mais confuso. Wanda também acaba perdendo a noção dos dias conforme os diálogos se passam, o que mostra ausência de controle. Na tentativa de fazer contato com Wanda, os agentes enviam um drone para dentro da realidade alternativa e, com isso, Wanda sai do HEX e pede para que fiquem longe de sua casa. O intuito do enunciador ainda é mostrá-la como uma vilã egoísta. Isso se reforça quando, de volta à série, o cachorro



adotado pelos gêmeos foge e o carteiro diz que a mãe não irá deixá-lo ir longe – não há como fugir. E, mais uma vez, a falta de controle de Wanda é mostrada quando o cachorro morre e as crianças pedem a ela para “consertá-lo”. Ela diz que não poderia e ainda fala de haver regras na vida. O enunciador, além do papel de vilã, retrata a hipocrisia em Wanda. Ele ainda faz com que o enunciatário se apegue aos gêmeos e se solidarize com a dor da perda e do luto – o mesmo que fez com Wanda. Neste caso, apesar de tudo, o enunciador retoma a dor e o luto, fazendo com que o que ela tem feito seja “perdoável”. A questão do controle da feiticeira sobre a realidade se mostra cada vez mais confusa. Ao ser questionada por Visão, após ele afirmar que ela não pode controlar tudo, ela dá a entender que pode, sim. O marido ainda se questiona sobre o que existe fora de *Westview* e por que não existem crianças na cidade; ela afirma não tem controle sobre tudo. Isso se mostra ainda mais confuso ao espectador quando o irmão de Wanda aparece na série. Pietro Maximoff havia morrido em *Vingadores: A Era de Ultron* (2015). Além disso, o personagem apresentado na série é diferente do irmão falecido. Por conta da expressão surpresa e confusa de Wanda, o enunciador deixa bem claro que não foi ela quem fez isso, mas não há como saber quem fez. Visão segue acreditando que é ela, mas é visível que nem mesmo a própria Wanda tem noção de como isso começou. Mesmo diante das pistas de que há algo errado, o enunciatário não descarta a teoria de que é a feiticeira quem controla tudo a fim de conseguir uma vida feliz.

Partindo para o sexto episódio, “Um Halloween assustadoramente estranho” é baseado na série *Malcolm in The Middle*. “Lançada em 2000, a comédia acompanhava as peripécias de Malcolm, um adolescente genial e filho do meio de uma família disfuncional” (GARÓFALO; CANHISARES, 2021). Os gêmeos Maximoff, filhos do casal Wanda e Visão, assumem protagonismo na série, obtendo poderes como supervelocidade e poderes psiônicos. Essa pode ser uma estratégia do enunciador: fazer com que o público se apegue aos personagens e, com isso, induzi-lo a se compadecer cada vez mais de Wanda. No episódio, o casal está bastante distante por conta dos embates de anteriormente. Além disso, a protagonista está estranhando a presença do irmão e começa a fazer perguntas a fim de testá-lo. Algo interessante a se ressaltar no episódio é a busca de respostas por Visão, que se move para um lado distante da cidade e encontra várias pessoas no “modo automático”, semelhantemente a Herb no episódio 3. No entanto, é possível observar uma lágrima escorrendo do olho de uma personagem, como se ela estivesse em sofrimento. O



enunciador, através disso, reafirma que quem está sob o controle mental de Wanda sente o que ela sente.

A propaganda exibida durante o episódio tem uma mensagem muito importante. O personagem tentando abrir um pote de iogurte continuamente, sem sucesso, enquanto o tempo passa de forma e ele envelhece até morrer. “Uma interpretação plausível é de que não importa o quão poderosa Wanda seja, ela não pôde evitar a morte de Visão e, provavelmente, não possa continuar fugindo dessa realidade” (ALIAGA, 2021).

Do lado de fora, os agentes descobrem que Hayward consegue, através de um sistema, olhar através da barreira e, inclusive, está rastreando Visão. Aqui, o enunciador começa a fazer de Hayward um vilão por agir de forma egoísta e por almejar destruir a protagonista da série, por quem o enunciatário vem construindo um sentimento de compaixão. O enunciador aproveita o episódio para despistar o enunciatário: coloca Agnes, novamente, como uma simples cidadã sob controle mental quando Visão a encontra numa parte distante da cidade, como se estivesse em transe. Além disso, quando Wanda diz a Pietro que não sabe como a situação chegou a esse ponto, com isso, têm-se cada vez mais claro que ela não é totalmente consciente do que faz – apesar das construções, eventualmente, mostrarem o contrário.

Destaca-se também que, apesar de Wanda manipular a realidade em busca de felicidade, os acontecimentos anteriores a *Westview* ainda a assolam dentro do HEX. Um exemplo é quando, nesse episódio, ela vê Mercúrio ao seu lado cheio de furos de bala, como se estivesse morto, remetendo ao momento de sua morte em Vingadores: A Era de Ultron (2015). Além do mais, as propagandas que eventualmente são exibidas mostram, em algum nível, a situação psicológica da antiga vingadora.

O sexto episódio termina com Visão tentando sair do HEX para pedir ajuda. Ao tentar sair, o corpo dele se desintegra e é sugado para dentro. Nesse ponto é possível perceber que, através do discurso de Hayward, o enunciador despistou o enunciatário. Isso se confirmará apenas nos episódios finais, mas a intenção era, ao final, surpreender. O importante, aqui, é enfatizar que o enunciador espera que o enunciatário, além de conhecer alguns elementos do Universo Marvel, esteja atento. Ele deixa marcas no texto a fim de que o enunciatário capte as dicas e formule as suas teorias; através das pistas, ele consegue, inclusive, colocar expectativa. O único problema seria se, por um acaso, ele colocasse muita expectativa e não conseguisse

lhe atender. A cena final se constitui de Wanda expandindo a área abrangida pelo HEX a fim de salvar o Visão, reescrevendo, inclusive, a base da S.W.O.R.D. instalada do lado de fora da cidade.

O sétimo episódio da minissérie, “Derrubando a quarta parede”, tem como principais referências as séries *The Office* e *Modern Family*, apesar de outras poderem ser identificadas.

WandaVision se aproxima agora de produções mais familiares da nossa época. Essa mudança não é à toa. Com a Feiticeira Escarlate admitindo que sua família é, na realidade, bastante disfuncional, nenhuma série poderia ser mais adequada para servir como referência do que *Modern Family*. [...] Como referência para *WandaVision*, o mais importante deles é o centrado em Claire, personagem de Julie Bowen que, como a Vingadora nessa produção, foge do estereótipo da mãe perfeita dos anos 1950 e, olha só, é obcecada por controle. (GARÓFALO; CANHISARES, 2021).

Ambas as *sitcoms* dispunham dos personagens falando diretamente ao espectador durante os episódios; uma referência bastante observada em relação a *The Office* é a música e alguns elementos visuais da abertura da série.

O episódio começa com Wanda dizendo sobre ter deixado o medo e a raiva dominarem-na e, “intencionalmente, expandindo as barreiras de um mundo falso que criamos”. Aqui, ela assume o erro. Essa poderia ser uma estratégia do enunciador para que o enunciatário seja induzido a ignorar os erros da personagem, tanto por ela ter assumido de certa forma que errou, quanto pelo seu histórico de sofrimento. Várias falhas aparecem durante o episódio e isso é interpretado como consequência da expansão do HEX: uma área muito grande para controlar resultando em descontrole. Os objetos dentro da realidade alternativa ficam se alterando continuamente pelo passado e pelo futuro. A transmissão da série também foi cortada para as pessoas de fora, o que pode ter uma consequência da expansão.

Os acontecimentos da noite anterior foram um tanto conturbados. Então Agnes aparece mais uma vez para ajudar Wanda. O enunciador construiu um papel de confiança na personagem; ela sempre aparece para ajudar e isso pode levar o enunciatário a acreditar em seu papel como de suporte e auxílio para a protagonista.

A série é interrompida para exibição de mais uma propaganda carregada de pistas: *Nexus*, um antidepressivo. Segundo Barreto (2021):

*Nexus*, de acordo com o fandom, é descrito como: ‘Um portal interdimensional que fornece um caminho para todas e quaisquer realidades possíveis, isso

inclui realidades entre realidades. Não se sabe se foi criado por algum ser ou apenas se é o único lugar em todo o multiverso onde todas as realidades se cruzam naturalmente'

Além disso, a propaganda retrata diretamente o estado depressivo de Wanda. “Há também outro significado: Nexus é um grupo de seres bastante poderosos no qual a Feiticeira Escarlata faz parte, inclusive. Eles são capazes de alterar a probabilidade e o futuro do mundo” (ALIAGA, 2021). O enunciador está, provavelmente, traçando um caminho para o futuro da feiticeira, mas isso não faz parte só da série e teria continuidade em produções futuras. O enunciador espera que o enunciatário tenha conhecimento sobre a Marvel, em geral, para conseguir entender, pelo menos, parte das pistas.

Um acontecimento bastante importante do episódio 7 é a revelação de Agnes como Agatha Harkness, uma bruxa bastante poderosa. A cena entre Agatha e Visão do sexto episódio era uma tentativa de despistar o enunciatário, novamente, a fim de surpreendê-lo. Além disso, Wanda se mostra cada vez mais inconsciente do que vem fazendo dentro da realidade manipulada por ela, afirmando, inclusive, que o descontrole dentro do HEX ocorria por intervenção da S.W.O.R.D., sendo reveladas, posteriormente, as ações de Agatha.

O UCM é conhecido também pelo uso de cenas pós-créditos. Essas são um recurso utilizado para engancha alguma próxima produção. Em *WandaVision*, a primeira cena pós-créditos aparece no episódio 7, mas apenas na intenção de acrescentar uma informação a mais. No UCM, esse recurso é utilizado, principalmente, para gerar curiosidade e expectativa no espectador.

O episódio “Nos capítulos anteriores” consiste numa trajetória de Wanda, acompanhada de Agatha, pelo seu passado a fim de descobrir a origem do seu poder. Durante essa trajetória, é mostrada a relação de Wanda com o sentimento de luto, além da ligação entre ela e Visão por conta da joia da mente. O interesse de Agatha em Wanda se revela ser apenas por conta de seu poder, uma vez que a feiticeira é extremamente poderosa, e Agatha deseja obter esse poder. É revelado também o porquê de Maximoff ter um certo apego com as *sitcoms*, uma vez que era esse estilo de série que ela assistia com a família em sua infância em Sokovia, além de as séries terem sido sua companhia enquanto esteve na Hydra<sup>7</sup> e após a perda de seu irmão

---

<sup>7</sup> Hydra é uma organização terrorista fictícia da Marvel.

Pietro. De fato, as séries eram um refúgio para ela e lhe traziam conforto. Portanto, viver dentro de uma *sitcom* com o par seria um mundo ideal e reconfortante. O enunciador, através dessas cenas, acaba por manipular os sentimentos do enunciatário através da dor da personagem – por conta do luto –, levando o espectador a se solidarizar, mesmo ela tendo feito o que fez e tendo sido construída como a maior vilã em *Westview*.

O enunciador revela a verdade para outra mentira que contou ao enunciatário. Ele havia feito o enunciatário acreditar, através do discurso de Hayward, que Wanda havia invadido a S.W.O.R.D e roubado o corpo de Visão, mas, na realidade, foi uma situação um tanto tranquila comparado ao que Hayward contou. Nesse momento, o enunciatário se solidariza cada vez mais com Wanda e muito menos com qualquer outro personagem. Foi Hayward, inclusive, que sugeriu que ela o trouxesse de volta à vida, mas não era isso o que ela queria. Ela queria apenas enterrar o corpo. Ao se despedir, ela diz, chorando “Não consigo sentir você”, fazendo um paralelo a uma das cenas iniciais de *Vingadores: Guerra Infinita* (2018), na qual ela diz ao amado enquanto examina a joia da mente: “Eu só sinto você”. Caso o enunciatário identifique os dois paralelos, ele se compadece muito da personagem.

Após deixar a S.W.O.R.D, Wanda se dirige a *Westview* para visitar uma propriedade que Visão deixou para ela. No papel da escritura da propriedade há uma mensagem de Visão: “To grow old in”, em português, “Vamos envelhecer aqui”. Neste momento, por conta de todos os elementos inseridos pelo enunciador no texto, há um momento do maior compadecimento até aqui. Pode-se dizer que, como os moradores de *Westview*, os espectadores também foram manipulados a sentir a dor e o luto de Wanda. A dor da vingadora é tão grande que a magia começa a sair de seu corpo, e ela toma, inconscientemente, a cidade inteira e recria Visão em sua realidade alternativa. Como já dito, tudo isso numa forma de escapar da grande dor e luto e ir para a realidade feliz das *sitcoms*.

A forma como o enunciador organiza o texto é também muito peculiar: ele mostrou o resultado antes do caminho que levou a isso. Era exatamente uma forma de construí-la como vilã para, depois, poder desconstruir esse papel. O final do oitavo episódio deixa um gancho para a batalha final entre Wanda e Agatha. Além disso, uma cena pós-créditos é mostrada: o corpo de Visão está, na verdade, sob posse de Hayward, que tinha intenção de ressuscitá-lo e lançá-lo para dentro do HEX – outra estratégia do enunciador para reforçar que a maior vilã não é Wanda. O enunciador

consolida, neste episódio, Hayward e Agatha agora como os maiores vilões da minissérie. O enunciatário tem consciência de que o que Wanda fez foi errado, mas, por se solidarizar com a dor e com o luto dela, acaba por de certa forma perdoá-la. No caso de Agatha e Hayward, eles são vistos pelo enunciatário como pessoas que tentam destruir uma personagem que está fragilizada pela perda e que não estava consciente de seus atos, tendo usado sua fragilidade contra ela mesma.

Por fim, o último episódio da história de Wanda e Visão, “O Grande Final”, mostra as cenas de ação com as quais os espectadores do UCM estão acostumados desde o início do Universo. Além da batalha entre Agatha e Wanda, há a luta entre Visão e o que se pode chamar de “Visão Branco” – o corpo de Visão que foi ressuscitado.

Durante o episódio final, Agatha usa de sua magia para “cortar as cordas” dos moradores de *Westview*. Com isso, ela percebe o que tem acontecido. Para ela, sua magia os mantinha segura em seu mundo. Ao ver o sofrimento da população, Wanda abre, então, a barreira, os moradores saem e a S.W.O.R.D entra. A realidade alternada e a realidade externa começam a se misturar, Visão começa a ser apagado da realidade, bem como os gêmeos, obrigando-a a fechar as barreiras. Há uma coisa que o enunciatário fez durante a história toda que foi com que o enunciatário se apegasse à família de Wanda – que só existia naquela realidade. Uma vez que isso acontece, o enunciatário se preocupa muito com os Maximoff, muitas vezes desconsiderando o sofrimento da população da cidade.

A batalha entre o Visão e o Visão Branco é muito importante. Era esperada uma batalha destrutiva, mas, pelo contrário, o final disso foi muito calmo e silencioso.

Os sintozoides usam o Paradoxo do Navio de Teseu para chegar à conclusão de que nenhum dos dois é o verdadeiro Visão, ao mesmo tempo que ambos são o mesmo Visão. É aí que o vingador criado por Wanda restaura os dados de memória de sua versão branca, que simplesmente vai embora. (SANTANA, 2021).

É provável que a próxima parte desse enredo seja explorada posteriormente, já que a minissérie está chegando ao fim. Este é um traço da constituição do UCM: as histórias raramente são finalizadas numa mesma produção. Mais uma vez, o enunciatário sabe que o enunciatário cria muitas hipóteses e segue nutrindo a curiosidade de seu público.

Em uma cena, o enunciador também leva o enunciatário a crer que Agatha é mais forte que Wanda quando a feiticeira entra na mente da inimiga e controla suas memórias, mas o controle se volta contra Wanda – truque do enunciador para acreditar que ela é mais fraca do que Agatha. A inimiga oferece a família e nenhuma dor em troca do poder de Wanda; esta, por sua vez, começa a entregar seu poder – aqui o enunciador quer que acreditem que a protagonista está perdendo a batalha, uma vez que ela envelhece como as bruxas do passado de Agatha. Mas ele surpreende o enunciatário novamente. Agatha, certamente, iria enganar Wanda, que, até o momento, supostamente entregou toda a sua magia – e isso não aconteceu. Foi apenas um truque. Agatha tenta destruir Wanda, mas sua magia não funciona mais dentro do HEX. “Num determinado espaço, apenas a bruxa que traçou as runas pode usar magia”. A frase, anteriormente dita por Agatha, foi pronunciada agora pela Feiticeira Escarlata. Todas essas foram as estratégias utilizadas para consolidar a protagonista como uma bruxa poderosa – mais poderosa do que o público esperava.

Ao final do episódio, Wanda desfaz o HEX, o que faz com que sua família desapareça para sempre. Através disso, o enunciador constrói um sentimento de altruísmo: ela abriu mão de sua família pelo bem-estar de *Westview*. Além disso, mais duas cenas pós-créditos são apresentadas. Considera-se de extrema importância a última: Wanda vive exilada em algum lugar muito distante e isolado e se apresenta em duas formas ao mesmo tempo: Wanda, na parte externa da casa, e Feiticeira Escarlata, do lado de dentro. A Feiticeira Escarlata está estudando o *Darkhold* enquanto escuta os filhos gritarem por socorro de algum lugar. É uma pista que o enunciador dá de que as crianças ainda estão vivas em alguma linha do tempo do multiverso e que nada disso era uma ilusão criada apenas por ela. O enunciatário precisa ter conhecimento sobre as teorias do Multiverso no UCM para entender o peso dessa cena. E, como de costume, a história será finalizada apenas em uma próxima produção.

## CATEGORIAS SEMÂNTICAS

Embora haja muitas possibilidades de análise para explorar o sincretismo (multimodalidade) da linguagem audiovisual na descrição de sentido, algo que salta à vista especificamente nessa série são as categorias semânticas do nível fundamental, que, segundo Greimas e Courtés (2008, p. 184), um conceito que reúne as condições



mínimas de apreensão e produção da significação. A semântica do Nível Fundamental, segundo Fiorin (2000), “abriga as categorias semânticas que estão na base da construção de um texto”, sendo estas fundamentadas numa oposição de elementos com traços em comum, que mantêm uma relação de contrariedade. Esses termos se definem pela presença ou pela ausência de algum destes traços. Em *Morte versus Vida*, a morte pressupõe ausência de vida.

A minissérie se vale do descontínuo (realidade criada/mundo paralelo figurativizado pela barreira que circunda *Westview*) para ressaltar que o contínuo (curso natural da vida) está acima de vontades particulares (a ambição do diretor Hayward em resgatar o poder de Visão e a ressurreição de Visão por Wanda).

Embora seja essa a categoria que sintetiza a minissérie – contínuo (curso natural da vida) *versus* descontínuo (tentativa de uma nova vida) –, há outras categorias semânticas que enfatizam a oposição maior.

#### Passado *versus* futuro

A categoria semântica *Passado versus Futuro* pode ser observada do início ao fim durante a produção. No início, nas *sitcoms* produzidas pela protagonista, remetendo ao seu passado, bem como retratando o desejo de um futuro com seu par romântico.

Figura 01: Cena do primeiro episódio de *WandaVision*. Retrato da categoria *Passado versus Futuro*



Fonte: Disney+



Além disso, a categoria também pode ser observada na entrada de cores nas cenas em preto e branco, além de objetos não pertencentes à época por conta de falhas no controle de Wanda Maximoff.

Figura 02: Cena do episódio 2 de WandaVision. Cores invadindo o preto e branco, representando a categoria semântica Passado *versus* Futuro



Fonte: Disney+

Outra representação dessa categoria também aparece nos formatos de tela, que varia entre 4:3, 16:9 e 21:9, nos figurinos e nos objetos que compõem as cenas. Tudo evolui conforme as décadas passam.

Figura 03: Cena do episódio 7. Após a expansão do HEX, os objetos da realidade começam a alternar entre modelos antigos e novos.



Fonte: Disney+

Representações importantes da categoria também podem ser vistas no oitavo episódio, que trata da trajetória de Wanda desde sua infância até a criação do HEX, mostrando momentos importantes, como a família reunida para assistir a *sitcoms*, a

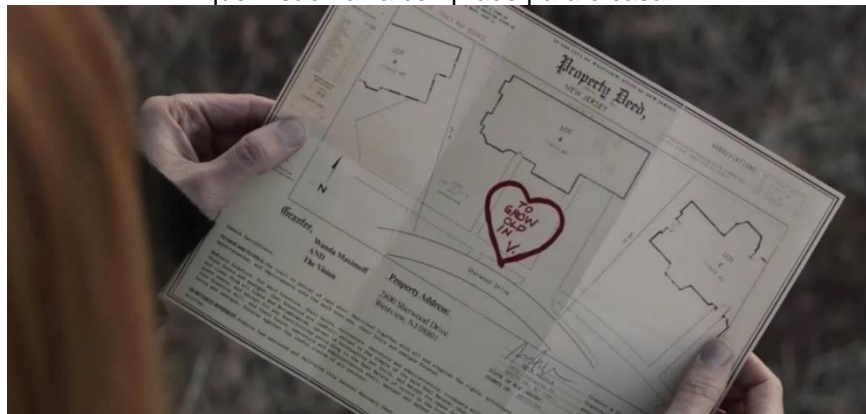
relação entre ela, Visão e a joia da mente, além dos acontecimentos posteriores a Vingadores: Ultimato (2019).

Figura 04: Cena do episódio 8. Revelação do passado de Wanda e de sua relação com as séries no formato sitcom.



Fonte: Disney+

Figura 05: Cena do episódio 8, que antecede a criação do HEX por Wanda. Planta da propriedade que Visão havia comprado para o casal.



Fonte: Disney+

### Realidade *versus* Ilusão

Essa categoria semântica é representada, na série, principalmente pela realidade ilusória criada pela Feiticeira Escarlata. Ela também aparece através de objetos externos inseridos no HEX, uma vez que eles remetem a um objeto real invadindo um espaço de ilusão.

Figura 06: Cena do episódio 2. Um helicóptero (depois revelado como drone) invade a realidade criada por Wanda.



Fonte: Disney+

É importante destacar que todos os objetos que existem dentro do HEX são reais, mas são reescritos pelos poderes de Wanda para se adaptarem à sua realidade ilusória.

Por fim, essa categoria também pode ser vista na batalha entre Visão e o “Visão Branco”, uma vez que um deles representa a ilusão, já que foi, de fato, criado pela feiticeira, e o outro, a versão real que foi ressuscitada.

Figura 07: Cena do episódio 9. Batalha entre Visão e “Visão Branco”, representando a categoria Realidade versus Ilusão.



Fonte: Disney+

Visão e os filhos de Wanda são, de fato, criados pela feiticeira, diferentemente do restante da realidade, como os moradores da cidade, os objetos, casas, etc., que constituem o mundo particular da feiticeira.

Essa categoria está em paralelo com outras duas categorias:

a) anormal *versus* normal. O normal (vida em família, trabalho no escritório, promoção no trabalho, jantar com o chefe, vizinhos, fofocas, pais e filhos) sendo criado pelo anormal (a magia de Agnes e os poderes de Wanda, Visão, Pietro e das crianças).

b) fusão *versus* separação. Inicialmente, dois mundos estão separados por uma barreira que circunda *Westview*. Ao longo da narrativa, começa uma interligação (entrada dos drones, expulsão de Geraldine, agente pelo esgoto, passagem de capitã Monica e do Visão). Ao final, com a abertura da barreira, ocorre uma fusão.

### Controle *versus* Descontrole

Essa categoria pode ser observada constantemente na minissérie, sendo representada, principalmente, pelo controle de Wanda sobre a realidade, o controle mental sobre os moradores, descontrole das situações causadas por Agatha e também sobre a sua falta de controle sobre os filhos e Visão, além da falta de controle da própria Wanda após a expansão do HEX.

Figura 08: Cena do episódio 5. Discussão entre Wanda e Visão a respeito da realidade em *Westview*.



Fonte: Disney+

### Felicidade *versus* Infelicidade

A minissérie como um todo trata da fuga de Wanda de uma realidade triste após a perda para uma felicidade projetada por ela mesma. Apesar disso, a realidade de infelicidade a persegue mesmo dentro da sua realidade ilusória, seja nas vezes em que ela vê Visão e Pietro mortos, no diálogo com Geraldine lembrando a morte de seu irmão, etc. Para além, sabe-se que, apesar de mascarar a realidade em busca do



mínimo de felicidade, os sentimentos de dor e luto da protagonista estão constantemente nos moradores de *Westview*.

Figura 09: Cena do episódio 8, representando a categoria semântica Felicidade *versus* Infelicidade.



Fonte: Disney+

### Egoísmo *versus* Altruísmo

Essa categoria semântica pode ser observada nos episódios iniciais da série, quando é mostrado que Wanda se importa apenas com o bem-estar de sua família e de sua realidade ilusória, além do personagem Hayward, que age muito em benefício próprio.

Apesar disso, o altruísmo da Feiticeira Escarlata se mostra muito maior, uma vez que ela libertou os cidadãos quando tomou consciência de seus atos, abrindo mão de seu amor e sua família.

Figura 10: Cena do episódio 9. Após Wanda tomar consciência do que acontecia, abriu o HEX para que as pessoas saíssem, o que prejudicava a existência de seus filhos.



Fonte: Disney+

### Morte *versus* Vida

A morte (da mãe de capitã Monica, Pietro, Visão, bruxas) é combatida pela tentativa de resgate à vida. E morte e vida são neutralizadas na imortalidade da bruxa Agnes, que em 1698 agrega os poderes de outras bruxas, tornando-se uma superbruxa.

### Mal *versus* Bem (malícia x inocência)

Há duas disputas na trama: Wanda *versus* Agnes; diretor Hayward *versus* agente FBI/cientista/Monica. Representando o mal, estão os planos (malícia) do diretor Hayward e da bruxa Agnes. Lutando contra esses conluíus estão Wanda e a tríade (agente FBI/cientista/Monica). Wanda, embora representando o bem, faz uso da trama (aprendeu a usar as runas) para neutralizar Agnes, que por inocência ensinou a rival.

### Contextualização *versus* Descontextualização

Para entender a trama (sobretudo o motivo principal que fez com que Wanda criasse o mundo paralelo) era preciso conhecer a narrativa dos Vingadores, como a duplicidade da morte de Visão (por Wanda e por Thanos). Ao mesmo tempo, em *Westview* Visão estava alienado: não sabia de onde veio, não conhecia Thanos, etc.

### Considerações finais

Apesar de o enunciador ter pré-estabelecidas algumas estratégias para a enunciação, em *WandaVision* algumas delas são alteradas. Uma delas é a linha do tempo: mostrar o resultado antes do caminho para chegar nele. Isso é feito a fim de prender a atenção do enunciatário durante os episódios, mas, ainda assim, o padrão se mostra bastante consistente, com as cenas de ação e as cenas pós-créditos que engancham próximas produções e despertam curiosidade e expectativa no enunciatário. Por fim, o enuncia dor consegue comover o enunciatário e, ao desconstruir a imagem de vilã na protagonista, consegue fazer com que o público se solidarize com sua dor.

*WandaVision* faz uso do mundo paralelo de *Westview* para mostrar que o curso natural da vida está acima de vontades particulares.

## Referências

- ALIAGA, Víctor. **WandaVision: Os easter eggs do episódio 6**. IGN Brasil, 2021. Disponível em: <<https://br.ign.com/wandavision/87166/feature/wandavision-easter-eggs-episodio-6>>. Acesso em 17 out. 21
- \_\_\_\_\_. **WandaVision: Os easter eggs do episódio 7**. IGN Brasil, 2021. Disponível em: <<https://br.ign.com/wandavision/87296/feature/wandavision-episodio-7-easter-eggs-nexus-agatha-harkness>>. Acesso em 18 out. 21
- ARTIMOS, David. **Comercial de sabão em WandaVision faz conexão com Marvel – Agents of S.H.I.E.L.D.** Arroba Nerd, 2021. Disponível em: <<https://www.arrobanerd.com.br/comercial-de-sabao-em-wandavision-faz-conexao-com-marvel-agents-of-s-h-i-e-l-d>>. Acesso em 16 out. 21
- BARRETO, André. **WANDAVISION: Comercial do episódio 7 é mais importante do que você imagina (SPOILERS)**. Universo X-Men. Disponível em: <<https://universoxmen.com.br/2021/02/wandavision-comercial-do-episodio-7-e-mais-importante-do-que-voce-imagina-spoilers/>>. Acesso em: 18 out. 21
- CARDOSO, Carlos. **Resenha com spoilers: WandaVision - Brillhante e Controversa**. Meio Bit, 2021. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/meiobit/433996/resenha-com-spoilers-wandavision-brilhante-e-controversa/>>. Acesso em: 23 out. 2021.
- DISCINI, Norma. **O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura**. São Paulo: Contexto, 2003.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Elementos de análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2000.
- GARÓFALO, Nicolas; CANHISARES, Mariana. **WandaVision | Conheça as sitcoms que inspiraram a nova série da Marvel**. Omelete, 2021. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/marvel-cinema/wandavision-sitcoms-inspiraram-serie#7>>. Acesso em 10 out. 21.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Prefácio de José Luiz Fiorin. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008 [1979 e 1986]. 544 p.
- PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SANTANA, Felipe. **Wandavision: confira os principais pontos sobre o episódio 9**. Universo X-men. Disponível em: <<https://universoxmen.com.br/2021/03/wandavision-confira-os-principais-pontos-sobre-o-episodio-9>>. Acesso em 20 out. 2021.



**VINGADORES: A ERA DE ULTRON.** Direção: Anthony Russo; Joe Russo.  
Produção: Kevin Feige. Estados Unidos: Marvel Studios, 2015.

**VINGADORES: GUERRA INFINITA.** Direção: Anthony Russo; Joe Russo.  
Produção: Kevin Feige. Estados Unidos: Marvel Studios, 2018.

**VINGADORES: ULTIMATO.** Direção: Anthony Russo; Joe Russo. Produção: Kevin Feige. Estados Unidos: Marvel Studios, 2019.

**WANDA VISION.** Direção: Matt Shakman. Produção: Kevin Feige. Estados Unidos: Disney+, 2021.



**Capítulo 6**  
**O PRÉ-MODERNISMO EM TEMPOS DE**  
**GUERRA**

*Rute Lessa Nascimento*

## O PRÉ-MODERNISMO EM TEMPOS DE GUERRA

**Rute Lessa Nascimento**

*Mestranda em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG),  
Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: rutelessa2011@gmail.com*

**Resumo:** Neste trabalho analisamos a obra *Há uma gota de sangue em cada poema* (1917), primeiro livro publicado de Mário de Andrade, sob pseudônimo de Mário Sobral, a fim de abordar alguns elementos testemunhais nos poemas feitos durante a Primeira Guerra Mundial. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica a fim de justificar o processo de escrita ou embrionário para formação do Modernismo. É feita uma breve contextualização sobre a era das catástrofes e análise dos poemas “Exaltação da paz”, “Inverno”, “Primavera”, “Devastação”, “Refrão do Obús” e “Os Carnívoros”. Objetiva-se com esse trabalho comentar sobre o poema testemunhal, a análise dos poemas selecionados para mostrar o texto lírico como testemunho e a importância do registro de testemunho e de poemas de guerra, mostrando por meio de outro ponto de vista as calamidades cometidas pelo homem. Conclui-se que para o sobrevivente sempre haverá um estranhamento sobre o mundo que um dia existiu, o testemunho funciona como memória, justamente para que não esqueçamos do que já aconteceu, por mais doloroso que seja. Como aporte teórico crítico utilizamos os estudos de Luis Pereira Ourique (2016), Mário de Souza Chagas (1999), Murilo Marcondes Moura (2016), Ana Paula Coutinho (2014), Margarida Calafate Ribeiro (2012), Márcio Seligmann-Silva (2010) dentre outros.

**Palavras-chave:** Primeira Guerra Mundial. Mário de Andrade. Há uma Gota de sangue em cada poema. Testemunho.

### INTRODUÇÃO

Quando acontecia A primeira Guerra Mundial na Europa, Brasil aproveitou-se para crescer economicamente, diferente de outros países teve crescimento ao invés de prejuízos. Com uma visão egoísta sobre a Grande Guerra, muitos exportadores se aproveitaram do momento, alguns diziam até que esse período de guerra fazia bem aos negócios (OURIQUE, 2016, p. 32).

Enquanto que a História teria sua preocupação de relatar os fatos de uma forma particular de um passado imutável, a poesia carregaria seu teor universal, transportaria os fatos de uma forma mais filosófica de modo que perpassasse os tempos.

Durante a Grande Guerra, os intelectuais se preocupavam com o momento presente, os poetas tentavam fazer poesia diante do horror. Naquele início de século XX, as repúblicas possuíam uma visão apenas para si mesmas, uma visão elitizada do que seria a Grande Guerra que começou com seus primeiros conflitos no continente europeu (OURIQUE, 2016, p. 32), cabendo aos historiadores juntar os destroços e imortalizar o momento histórico.

Retomando o que Aristóteles deixou em sua *Poética*, ele conta que o poeta tem o princípio da verossimilhança sem a responsabilidade de contar exatamente como aconteceu, diferente do historiador, mas não impossibilita que o autor possa colocar eventos que já aconteceram.

Theodor Adorno, em sua “Palestra sobre lírica e sociedade”, salienta que no poema, o teor é muito mais que “expressão de emoções e experiências individuais”, a forma estética possui sua “participação universal”.

O mergulho no individuado eleva o poema lírico ao universal por tornar manifesto algo de não distorcido, de não captado, de ainda não submisso, anunciado desse modo, por antecipação, algo de um estado em que nenhum universal ruim, ou seja, no fundo algo particular, acorrente o outro, o universal humano. A composição lírica tem esperança de extrair, da mais irrestrita individualização, o universal. (ADORNO, 2003 p. 66)

Do mesmo modo que um texto sobre as várias batalhas que existiram têm seu lugar no mundo, os chamados textos históricos como papel de memória, com a poesia não é diferente. Se tratando de poesia, principalmente a de cunho testemunhal, ela carrega muito mais que versos, rimas e estrofes, por isso quanto maior a construção estética, mais duvidosa, mais difícil se ater aos fatos. Parecem ser obras menores, não parecem ser atemporais pois a subjetividade lírica é mais hermética e até se radicaliza em frente a catástrofe, tendo então a dificuldade de análise da obra.

Mas ainda há teóricos que discordem, Murilo Marcondes Moura acredita que essa poesia de guerra é mais intensa que qualquer tipo de teoria literária, não se trata de assuntos literários, são versos que incomodam, que “são afetadas pelas políticas voláteis do nacionalismo e pela percepção histórica.” (2016, p. 10)

Parafraseando Goethe (apud MOURA, 2016, p. 12-13), não faltarão ensejos para poemas, a “realidade deve oferecer-lhes a ocasião e a matéria”. Os poemas não nascem do nada, algo acontece para que eles sejam transformados em matéria,

sejam os de testemunho ou os de circunstância, e para Goethe todos os poemas são de circunstância, todos mostram seu fundamento e sua origem.

Goethe chama o poema de circunstância a primeira e mais autêntica de todas as espécies de poesia. As poesias que foram feitas em meio ao caos, são de circunstância, algo aconteceu para que brotassem.

Consoante Ana Paula Coutinho, as teses das Grandes Guerras não se limitaram às batalhas e genocídios, ou aos conflitos e desenvolvimentos tecnológicos, mas um rompimento, uma forma diferente de fazer literatura. O século XX é marcado sim pelas catástrofes, mas também pelo desenvolvimento da escrita, de transformar com mais veemência uma voz individual em coletiva, o “rompimento com uma certa prática da escrita e/ou com uma leitura hegemônica da literatura moderna e contemporânea, ancoradas nas ideias de vanguarda e de autotelismo.” (COUTINHO, 2014, p. 63)

Para a compreensão do testemunho, com a visão de simbólico entre passado e presente, é preciso entender o misto de visões, o entendimento do conflito e do outro são construtos que constroem os poemas de guerra. “Vendo o testemunho como o vértice entre a história e a memória, entre os “fatos” e as narrativas, entre, em suma, o simbólico e o indivíduo, esta necessidade de um pensamento aberto para a linguagem da poesia no contexto testemunhal fica mais clara.” (SELIGMANN-SILVA, 2010, p.06)

## MÁRIO SOBRAL E SUA GOTA DE SANGUE

Quando acontecia a Primeira Guerra Mundial, em 1917, um escritor, que futuramente seria conhecido como um dos fundadores do Modernismo no Brasil, escrevia seu primeiro livro, um livro de poemas intitulado *Há uma gota de sangue em cada poema*. Tímido e corajoso, a obra não carregava o verdadeiro nome do artista, Mário de Andrade, mas um pseudônimo, Mário Sobral. Para muitos críticos, foi considerada uma obra imatura, como afirma Mário de Souza Chaga, “balançando entre os ventos do modernismo e da tradição, oscilando entre a liberdade poética e as cadeias do academicismo” (1999, p. 14). Uma obra humana, carregada de sangue na esperança de paz.

Mário de Andrade, diferente do país que procura esquecer, não oculta os conflitos ocorridos durante a guerra, principalmente na Europa. Mesmo diante de toda

a globalização e tragédias, a obra que antecede o movimento modernista é quase um manifesto pacifista.

Em seus poemas percebemos um enfrentamento perante à calamidade. Uma voz tímida e feroz, mostrando que mesmo sem estar em linha de frente é preciso fazer a denúncia, agir e com seu conhecimento conseguiu atuar de forma decisiva mesmo com um resultado tão devastador que foi a Grande Guerra. A literatura de guerra é um pacto contra o esquecimento exprimindo-se como um excesso de memória individual contra uma falha da memória coletiva, como o que o Primo Levi afirmou de o “dever da memória”.

Margarida Calafate Ribeiro salienta que a literatura que surgiu após essa grande catástrofe é um compromisso com quem participou, com quem não viu ou verá, por ser outro tempo. A memória individual contra uma falha da memória coletiva. (2012, p. 65-66)

Mesmo poeta estreante, Andrade carrega em cada poema uma reflexão sobre o momento de guerra. Ao todo são treze poemas e cada título carrega uma gota de cor vermelha fazendo jus ao título da obra. Assim como o homem também sangra e tantas vidas foram perdidas em batalhas como se fossem descartáveis, aqueles poemas escritos em 1917 carregariam uma reflexão sobre o porquê da guerra, um sinal de historicidade, e assim como homens a poesia também sangraria.

O avanço do tempo nos habilita ao enfrentamento do passado. Ele continua sendo de grande utilidade, de algum modo nos é familiar, mas é preciso aceitar o seu sinal de sangue, é preciso olhar para ele com um certo estranhamento, com um olhar cabreiro, desconfiado e perquiridor. (...) Para o bem do humano é preciso não apagar a *gota de sangue*, mas sim preservá-la e dinamizá-la numa espécie de alquímico grau. Só assim é possível esbofetear "a máscara do tempo", como ela merece; sem alimentar vingança ou ódio, mas por amor e solidariedade ao humano que há de vir, ao projeto que somos em construção (CHAGAS, 1999, p. 61-62)

## EXALTAÇÃO DA PAZ

No poema que dá início à obra, “Exaltação da paz”, temos a primeira dose de esperança do eu lírico. Constantemente temos referências a um mundo em transformação pelos conflitos, mas que espera que esse mundo possa ser novamente transformado ou que volte a ser o que era, com a paz que tanto foi almejada.

Espera-se que a paz, como uma varinha de condão, chegue e apague todo o ódio, o mau: "Ponde, por sobre os trágicos sucessos,/dos infelizes que se degiadiam,/vossa varinha de condão!" (ANDRADE, 1917, p.07). No poema fica claro o quanto o eu lírico deseja que os ventos maus se esvaíam, que se vá junto com as vozes dos canhões. O sol que brilhava ao longe nas colinas já não são mais naturais de quando a natureza chegava ao horizonte, mas de "tempestades terrestres", o barulho das máquinas, o som das balas:

Tudo mudou!... Atra estralada de bombardas  
em sanha, um clangorar de márcios trons reboando,  
tempestades terrestres estrondeando,  
tiritir, sibilar, zinir miudo de balas  
caindo sobre absconsas valas,  
corriscos, raios levantando-se de covas,  
batalhões infernais em soturnas atoardas,  
clarins gritando, baionetas scintilando,  
bramidos; golpes, ais. suspiros, estertores...  
(ANDRADE, 1917, p.08)

É como se o autor não só mostrasse, mas usasse de elementos sonoros para que o leitor do poema estivesse presente, para que ele perceba a mudança de paisagem que antes era plena, agora torna-se um campo minado. O choque é presente, a destruição é mais vívida, tudo parece presente.

Mário também usa os termos "cantochoão" e "fabordão", que salientam a experiência como musicólogo do poeta. O primeiro significa o "canto litúrgico tradicional da Igreja católica" (DICIONÁRIO PRIBERAM) e o segundo "Composição de harmonia silábica" (DICIONÁRIO PRIBERAM), uma referência ao catolicismo, à religião. Que segundo Lopez "o desejo de objetivar o papel do cristão na denúncia da guerra (1993, p. 32).

Não apenas nesse poema, mas em vários outros ao longo da obra, Mário faz referências constantes às estações do ano e aos elementos naturais, como afirma OURIQUE (2016, p. 35-36), para marcar o tempo da natureza, que aos poucos vai se perdendo, ou o tempo construído pelo homem. Ao contar sobre as estações pode estar se referindo ao tempo de duração da Grande Guerra, que outonos se repetem e que os camponeses esperam por novas colheitas. A espera de solo fértil. "Tudo mudou."

Ainda em Exaltação da paz, na oitava estrofe, o eu lírico levanta um questionamento sobre o motivo de lutar quando não existe ganhador:



Porquê? — Si o mundo é bom, a vida boa;  
si a luz é para todos, si as campinas  
dão para todos:  
porquê viver, lutando a toa? ...  
(ANDRADE, 1917, p.09)

Num mundo incrivelmente vasto, em meio a campinas e cidades os espaços são disputados. Muitos vão para a guerra ambiciosos, para o “tripudio satânico”, na intenção de que melhorias aconteçam, o “beijo de perdão”, mas não sabem que o verdadeiro caminho para a salvação, é a alegria. Distribuir livros e derramar a verdade é a forma de levar a razão através da fé, um ideal cristão e conservador ou uma fé unanimista, como afirma Telê Porto Ancona Lopez, salientando a imaturidade do jovem Mário, que apenas mostraria seu raciocínio de forma sucinta mais à frente em *Pauliceia Desvairada* (1993, p. 26).

Mário de Andrade questiona sobre a legitimidade da luta, mas com o ideal cristão não condena àquele que batalha por uma guerra que não o pertence e como um salvador, espera que a paz ressuscite e que a esperança retorne, como na última estrofe do poema: “—De novo os cantos rolarão nos prados;/e os homens todos rezarão aos céus,/numa ressurreição da esperança e da crença!” (ANDRADE, 1917, p.11).

O eu lírico possui uma crença religiosa.

## INVERNO E PRIMAVERA

Lembrando que o livro é um testemunho da Grande Guerra, nos poemas “Inverno” (p. 13) e “Primavera” (p.21), percebe-se que a guerra se estende durante as estações. Novamente temos a marcação de tempo. No poema inicial temos o Outono, em que os camponeses esperam poder colher, no Inverno evidencia o terror e solidão da guerra, uma paz que não é resgatada como no poema anterior, uma paz que remete pausa, angústia e tristeza de saber que não é o fim. Resquícios de conflito são encontrados em meio a neve que antes fora um campo de batalha. Uma paz quebrada pelo anseio de sobrevivência. Mas que traz uma ideia de passagem, de que tudo passa, mesmo a guerra, há de passar todas as coisas.

O poema inverno tem um tom sombrio de escombros, o frio, a passagem do tempo, a resistência e persistência do vento (uma ideia de passagem, de que tudo passa, mesmo a guerra, há de passar todas as coisas).

Ha ventania, mas  
ha solidão e paz.  
Ninguém. Os derradeiros pios  
voaram de manhãzinha; mas em breve  
sepultaram-se sob a neve,  
mudos e frios.  
Tudo alvo ... apenas a tristeza preta,  
e o vento com seus roncões...  
Ninguém. (ANDRADE, 1917, p.14)

A descrição dos cenários "tudo alvo", "Pinheiros" e o frio parecem descrever os cenários europeus da Grande Guerra centrada na Europa.

## DEVASTAÇÃO

“Já foi aqui a civilização” (p. 31), assim começa o poema que mais evidencia o quão devastadora está sendo a guerra, ainda assim, sem perder as esperanças. Recorre novamente à passagens bíblicas, como os personagens Caim e Abel e como a sociedade voltou a ser uma ao seu estado primitivo:

Nêsse ponto do globo, onde o passado  
viu continuar, em surto resplendente,  
as civilizações do antigo oriente,  
nas águas batismais das energias novas,  
tudo é um imenso plaino devastado!  
O homem voltou ao seu estado primitivo;  
blasfema, odeia, trai, e sepulta-se vivo  
em trincheiras, sinistras como covas...  
(ANDRADE, 1917, p.34)

Em um lado do globo temos a presença de Deus quase viva, o homem perdendo o medo. Do outro lado o homem que odeia, que treme e foge. Lados que mais se assemelham com uma dualidade de tempos, o antes e o pós guerra. O eu lírico chora sem sentir dor por parecer já conformado com toda a atmosfera que o rodeia, um olhar que vê apenas devastação.

## REFRÃO DO OBÚS E OS CARNÍVOROS

O Obus é uma granada explosiva arremessada por boca de fogo própria.

A noção de refrão, ou aquilo que se repete, na poesia é tão marcante no escrito quanto no proposto. Não é preciso repetir que esse sentimento vivenciado pelo eu

lívrico é algo rotineiro. Está no nome do poema. É mais que a descrição repetitiva do dia-a-dia, é o nome da rotina.

O elemento "vento" é retomado como uma espécie de frescor, liberdade em meio à guerra. Ainda que uma liberdade breve, uma vez que tudo que sobe, desce. E quando desce é destrutivo.

Todo o poema tem uma espécie de gozo da liberdade, mas é uma liberdade pueril, comedida e efêmera e cessa tão rápido quanto a queda da granada. É um devaneio em meio ao caos.

O eu lírico se permite um voo "oh, como é bom partir subindo " (ANDRADE, 1917, p.20) e seu pouso é tenebroso porque se vê de volta ao campo de guerra ao fundar das forças para ser, outra vez, "Instrumento numa guerra; e rebentar, e assassinar." (ANDRADE, 1917, p.20)

Em "Os carnívoros" (p. 43), último poema do livro, temos um Mário de Andrade pré-modernista, e com esse termo nos referimos ao modernismo de Mário de Andrade, de Oswald de Andrade, de Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e outros que deram "voz" na Semana da arte Moderna de 1922. Uma antropofagia que parece anteceder o movimento antropofágico de Oswald de Andrade, o autor mostra em seus versos o tamanho da violência causada pela catástrofe, um campo que espera quem será o próximo a comer a carne dos irmãos.

No poema o chão fértil que tanto esperavam para a colheita, agora foi adubado de carne e sangue, dando então vida ao trigo, ao pão, ao alimento. Retoma a paz do primeiro poema, o eu lírico relembra as manhãs e tardes, os vales e o campo sentado, a espera pela colheita. A paz parece ter um gosto amargo. Mesmo que colham o trigo com alegria, sabem bem o que teve que acontecer para terem a esperada colheita.

Este é o trigo que é pão e alento!  
Vós que matastes com luxúria e sanha,  
vinde buscar o prêmio: é o alimento...  
Ei-lo; em raudal, em nuvem, em montanha!  
(ANDRADE, 1917, p.20)

Na página 53 o autor crê necessária em uma pequena explicação. Estes poemas foram compostos todos em Abril; e desde logo o autor quis dar-lhes a vitalidade de livro antes de ter o desvairo dos idólatras atingindo o nosso Brasil. Assim dando ponto final à obra.

## CONCLUSÃO

Interessa demarcar a poesia da Grande Guerra como o divisor de águas que é a experiência da guerra moderna. As passagens, mesmo que curtas, passadas pelas catástrofes, de céus que são inundados por trilhas de obús, de terra adubada de carne e sangue de uma fagulha de esperança que permita acreditar que o tempo será capaz de acabar com tudo.

Para o sobrevivente sempre haverá um estranhamento sobre o mundo que um dia existiu, o testemunho funciona como memória, justamente para que não esqueçamos do que já aconteceu, por mais doloroso que seja.

Como vimos, Mário de Andrade, com pseudônimo de Mário Sobral, conseguiu deixar seu registro e depois de amadurecido não parou por aí, continuou atuando na área literária para nos deixar um legado ainda maior. Sendo então a resposta significativa diante das catástrofes quando a preocupação era outra.

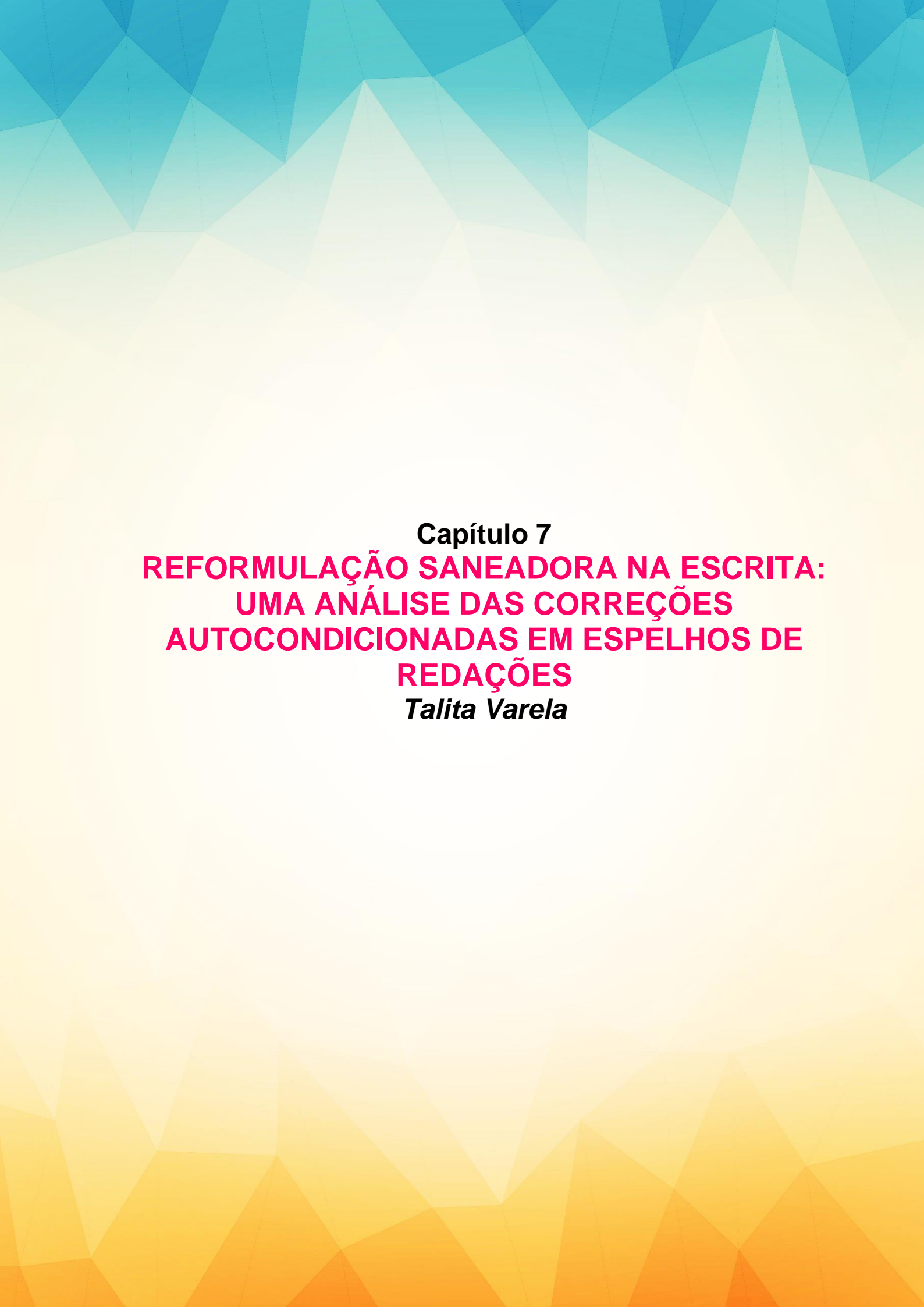
Poetas como Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e Oswald de Andrade escreveram durante a Segunda Guerra Mundial, também deixaram seus registros perante as tragédias, mostrando que mesmo diante a tantos acontecimentos negativos a poesia é capaz de também deixar seu marco, fazendo da catástrofe memória para que os mesmos erros não sejam cometidos, ou apenas para dar um conforto, deixando claro que não existia apenas dor e sofrimentos em momentos difíceis, a poesia carrega um papel importante diante do terror.

O Brasil passou por questões políticas, sua relação com o passado possui uma ligação com o esquecimento. Existem várias guerras que aconteceram no Brasil, guerras terríveis que foram apagadas num país sobrecarregado de futuro, mas que graças aos poetas, mesmo de forma não declarada conseguem colocar em palavras escritas o que a memória pode deixar escapar.

De modo geral, vejo uma espécie de pessimismo diante do mundo, uma tentativa de liberdade e fuga da realidade, mesmo sabendo ser inevitável a fuga. Fez lembrar livros como "O sentimento do mundo", de Drummond (1940), e alguns poemas de Murilo Mendes em "Poemas" (1930) e "As metamorfoses" (1944) nos quais o eu lírico se assemelha ao de Mário de Andrade, mesmo que em momentos históricos distintos, no que diz respeito à condição diante de um mundo tecnológico, em guerra e que avança para o próprio fim. Faz pensar: que tecnologia é tão necessária para justificar a guerra?

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. In: \_\_\_\_\_. *Notas de Literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2003. p. 65-89.
- ANDRADE, Mário de. *Há uma gota de sangue em cada poema* por Mário Sobral. 1917.
- CHAGAS, Mário de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. (1999). Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10437/4476> > Acesso em 08 Mar 2021.
- COUTINHO, Ana Paula. O escritor e a (I Grande) Guerra: testemunho e comemoração. *Cadernos de Literatura Comparada*, n. 31, 12/ 2014 | 61-77, 2014.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona. A estreia poética de Mário de Andrade. *Letras*, n. 7, p. 19-32, 1993.
- OURIQUE, João Luis Pereira. Os horrores da Grande Guerra na obra de Mário de Andrade. *Literatura e Autoritarismo*, n. 17, p. 31-41, 2016.
- MOURA, Murilo Marcondes. *Mundo sitiado: a poesia brasileira e a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- PRIBERAM DICIONÁRIO. Disponível em: < <https://dicionario.priberam.org/> > Acesso em 20 ABR 2020.
- RIBEIRO, Margarida Calafate. Guerra, poesia e trauma: leituras da poesia da Guerra Colonial. In: *Avanços em Literatura e Cultura Portuguesas. Século XX*. Vol. 2. Através Editora:2012. p. 59-80
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. *Florianópolis*, v. 2, n. 1, p. 3 – 20, jan. / jun. 2010



**Capítulo 7**  
**REFORMULAÇÃO SANEADORA NA ESCRITA:  
UMA ANÁLISE DAS CORREÇÕES  
AUTOCONDICIONADAS EM ESPELHOS DE  
REDAÇÕES**  
*Talita Varela*

## REFORMULAÇÃO SANEADORA NA ESCRITA: UMA ANÁLISE DAS CORREÇÕES AUTOCONDICIONADAS EM ESPELHOS DE REDAÇÕES

**Talita Varela**

*Bacharel em Letras com ênfase em estudos Linguísticos. Pós-graduada em Educação Infantil. Pós-graduanda em Gerenciamento de Projetos - Práticas do Project Management Institute (PMI) - Senac São Paulo. Atua no mercado editorial na edição de livros didáticos e paradidáticos destinados à Educação Infantil e aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Autora de livros de literatura infantil.*

**Resumo:** Com base nos estudos orientados pela Linguística Textual, sobretudo acerca reformulações saneadoras, o presente artigo fundamenta-se em Koch (2015), Koch (1997), Barros (1993), Cavalcante (et al, 2019), Koch & Cortez (2016), Marcuschi (2008), Silva & Carvalho (2006). A pesquisa tem por objetivo analisar como se dão as correções autocondicionadas no gênero textual rascunho, mais especificamente em espelhos de redações dissertativo-argumentativas. Para tal, serão observados sete espelhos de redação da FUVEST, dos anos de 2009 a 2011. Serão utilizados os métodos de análise qualitativo e descritivo. A pesquisa aponta para a recorrência das reformulações saneadoras nos rascunhos, gênero que viabiliza a identificação das modificações que perpassam a escrita, permitindo ao leitor inferir a mobilização de conhecimentos utilizados pelo autor do texto bem como suas motivações. Além disso, observa-se a extrema importância do léxico na construção de sentido no texto/discurso. Desse modo, os itens lexicais funcionam como espécies de roteiros que guiam o leitor na construção de sentido. Em síntese, compreende-se que ao serem utilizadas as estratégias metaformativas, sobretudo as correções autocondicionadas, os locutores operam intencionalmente sobre o texto que prozudem reformulando-os a fim de atribuir-lhes um aspecto mais correto ou claro. Nesse sentido, empreende-se que tais correções são decorrentes das reflexões do locutor sobre as escolhas feitas no texto que opera, tornando evidente, assim, o processo de metalinguagem.

**Palavras-chave:** Correção; reformulação; metalinguagem.

**Resumen:** Basado en estudios centrados en Linguística Textual, especialmente en sanear reformulaciones, o este artículo basado en Koch (2015), Koch (1997), Barros (1993), Cavalcante (et al, 2019), Koch & Cortez (2016), Marcuschi (2008), Silva & Carvalho (2006). El objetivo de la investigación es analizar cómo se producen las correcciones autocondicionadas en el género textual no racial, más concretamente en cuanto al ensayo argumentativo-ensayo. Para esto, se observarán siete espejos de escritura FUVEST, dos años de 2009 a 2011. Se utilizarán métodos de análisis cualitativos y descriptivos. La investigación tiene como objetivo revisar las



reformulaciones higienizantes en los borradores, género que posibilita identificar los cambios que fueron escritos, permitiendo al lector inferir la movilización de saberes utilizados por el autor del texto original como sus motivaciones. Además, se observa la extrema importancia del léxico en la construcción del significado no textual/discursivo. De esta manera, los elementos léxicos funcionan como una especie de marcadores que guían al lector en la construcción del significado. En resumen, se entiende que no se utilizarán estrategias metaformativas, principalmente correcciones autocondicionadas, los hablantes operan intencionalmente sobre el texto que producen, reformulándolo para atribuirle un aspecto más correcto o claro. En ese sentido, se asume que estas correcciones son consistentes con las reflexiones del hablante sobre sus propias elecciones en el texto que opera, evidenciando así el proceso de metalenguaje.

**Palabras llave:** Corrección; reformulación; metalenguaje.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema geral a reformulação saneadora na escrita. Baseado numa visão interacional e sociocognitiva da língua, objetiva analisar como se dão as correções autocondicionadas no gênero textual rascunho, mais especificamente em espelhos de redações dissertativo-argumentativas. A pesquisa foi suscitada pelo interesse no estudo das estratégias metaformativas com o olhar direcionado à escrita.

O rascunho, também chamado “cerne de gênese”, tem a propriedade de apresentar ao leitor um universo móvel, no qual ficam evidentes as inúmeras modificações que perpassam a escrita a cada momento (BIASI *apud* SILVA; CARVALHO, 2006). Tais modificações se dão sobretudo em razão do processamento textual se realizar por meio de estratégias que mobilizam vários tipos de conhecimento contidos na memória, além disso, cabe àquele que enuncia organizar as informações de forma que sejam compreensíveis aos interlocutores, o que resulta, muitas vezes, em correções.

Koch (2015) aponta que as correções, um tipo de estratégia metaformativa, são fenômenos comuns na língua falada, em que o locutor se interrompe o quanto antes a fim de apresentar a maneira mais adequada para se expressar. Convém apontar, entretanto, que as correções apesar de comuns na língua falada podem ser observadas também na escrita, desde que se consiga recuperá-las no texto escrito, como por exemplo em rascunhos, em que é possível notar qualquer ajuste de natureza corretiva que se fez pertinente ao longo da progressão textual.

Dadas essas considerações, tem-se o seguinte problema de pesquisa: como se dão as reformulações saneadoras na escrita, partindo do pressuposto de que se realizam mais frequentemente na língua falada? Assim, a pesquisa justifica-se pela possibilidade de contribuir com uma melhor compreensão concernente às estratégias metaformativas na escrita, sobretudo às reformulações saneadoras, evidenciando a importância do rascunho, para uma boa produção textual.

Visando a atender aos objetivos supramencionados, a pesquisa é, de forma geral, orientada pelos estudos da Linguística Textual e fundamenta-se nos seguintes autores: Koch (2015), Koch (1997), Barros (1993), Cavalcante (et al, 2019), Koch & Cortez (2016), Marcuschi (2008), Silva & Carvalho (2006).

O corpus da pesquisa é constituído por sete espelhos de redação da FUVEST, sendo dois do ano de 2009, um de 2010 e quatro de 2011.

A hipótese da pesquisa é de que assim como na língua falada, será possível observar frequentemente as correções autocondicionadas uma vez que configuram uma prática de metalinguagem inerente aos locutores, utilizada com fins a refletirem sobre os componentes textuais e sua adequação na situação comunicativa.

## 1. ESTRATÉGIAS METADISCURSIVAS

As estratégias metadiscursivas são, por definição, “aquelas que tomam por objeto o próprio ato de dizer” (KOCH, 2015, p. 119). Ao serem utilizadas, conferem ao locutor os meios de avaliar, repensar, corrigir, bem como ajustar aquilo que se diz. Nesse sentido, compreende-se ser auferida a reflexão acerca do posicionamento ideológico, do conhecimento, dos juízos de valor àquele que enuncia. Essas estratégias evidenciam a propriedade autorreflexiva da linguagem visto que permitem ao locutor avaliar e, se necessário, ajustar, seja para uma correção, atenuação ou complementação, aquilo que está sendo por ele exposto.

Segundo Koch (2015), há alguns tipos de estratégias metadiscursivas: as *metaformativas*, as *metapragmáticas* ou *modalizadoras* e as *metaenunciativas*. As metaformativas têm por objetivo o próprio texto, utilizando o código para explicar o segmento textual. As metapragmáticas objetivam indicar a precisão do dito, isto é, avaliar o grau de certeza, atenuações, comentários, sobretudo modalizar o segmento textual com fins à preservação das faces. As metaenunciativas, por sua vez, têm a

própria enunciação como objeto de menção, atingindo, assim, maior grau de reflexividade.

Vale salientar que, embora sejam as metapragmáticas as que mais se incluem no aspecto modalizador, compreende-se que todas as estratégias metadiscursivas são consideradas modalizadoras em sentido amplo, uma vez que incidem, todas elas, sobre o modo como aquilo que se diz é dito, isto é, o enunciador inclina-se sobre os enunciados que produz.

Dito isto, convém destacar que, apesar da relevância de todas as estratégias, interessa-nos para as análises propostas, as estratégias metaformativas, em especial, as reformulações saneadoras.

## **1.1 Estratégias metaformativas**

De acordo com Koch (2015, p. 120), as estratégias metaformativas são aquelas em que o locutor “opera sobre os enunciados que produz, procedendo a reformulações, refletindo sobre a adequação dos termos empregados, sobre a função de um segmento em relação aos precedentes ou subsequentes.”.

Koch (1997) apresenta dois tipos de reformulação: a retórica e a saneadora. Ainda segundo a autora, a retórica manifesta-se pelas repetições e parafraseamentos e tem o objetivo de reforçar a argumentação. A saneadora, por sua vez, dá-se por meio de correções ou reparos e de repetições ou paráfrases saneadoras.

Na estratégia reformulativa “o locutor retoma um segmento textual para dar-lhe nova formulação, com o intuito de sanar alguma deficiência ou precisar melhor o que pretende veicular. Por esta razão, podemos falar, no caso, em reformulação saneadora.” (KOCH, 2015, 120). A reformulação saneadora pode ser apresentada em forma de correções e também de repetições ou paráfrases saneadoras.

### **1.1.1 Correções**

De acordo com Barros (1993, p. 136), “a correção é um procedimento de reelaboração do discurso que visa a consertar erros ou equívocos”. Tais erros são considerados pela autora como problemas de formulação revelados nas escolhas dos locutores, que por alguma razão as consideram equivocadas.

Koch (2015) aponta que tais correções são fenômenos comuns na língua falada, dessa maneira, como não se pode apagar o que já foi dito, o locutor interrompe-se o quanto antes com o objetivo de apresentar a forma que considera adequada.

Convém apontar, entretanto, que as correções apesar de comuns na língua falada podem ser encontradas também na escrita, desde que se consiga recuperar as correções feitas no texto escrito, como por exemplo em rascunhos, em que é possível notar qualquer ajuste de natureza corretiva que se fez pertinente ao longo da progressão textual.

As correções são provenientes da necessidade de solucionar imediatamente após ou durante a realização do discurso, dificuldades detectadas pelo locutor ou mesmo por terceiros. Dada esta condição, empreende-se que as correções podem ser autocondicionadas, quando provocadas pelo próprio locutor, ou heterocondicionadas, quando provocadas pelo interlocutor. Exemplifica-se esses dois tipos de correção, sendo a primeira autocondicionada, e a segunda heterocondicionada. (KOCH, 2015, p. 122).

- (1) L2 ... as coisas de casa que a gente *aten/tem que atender normalmente com crianças*  
BRlgas que a gente tem que repartir  
L1 apartar  
L2 *tem que apartar::isso toda hora* (KOCH, 2015, p. 122).

Mais uma vez, para fins da análise proposta, convém apontar que nos interessam as correções autocondicionadas, uma vez que o gênero que compõe o *corpus* a ser analisado, rascunhos de espelhos de redações, não permitem uma interação entre interlocutores.

### 1.1.2 Paráfrases e repetições saneadoras

De acordo com Koch (2015, p. 122), as paráfrases e repetições saneadoras “ocorrem quando o interlocutor pede esclarecimentos e/ou mostra que não entendeu bem o que foi dito, podendo, inclusive, serem provocadas por circunstâncias externas, como barulhos, interrupções, etc.”. Esses recursos podem ser provocados por razões externas que produzem um ruído na comunicação levando o locutor a resolver o

problema, repetindo ou parafraseando sua fala. Para ilustrar essas estratégias Koch apresenta os seguintes exemplos:

- (2) L2 você vê né? O mundo quer que nós conservemos...a... Amazônia para controlar a poluição mundial..., que que você acha disso?  
L1 *não entendi bem a pergunta...* (KOCH, 2015, p. 122).
- (3) Oh! Fora bom ter medo! Viveria. Mas o característico daquela situação é que eu nem sequer podia ter medo, *isto é, o medo vulgarmente entendido* (Machado de Assis, "O espelho", in Contos, Ed. Agir). (KOCH, 2015, p. 122).

## 2. O PAPEL DO LÉXICO NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

Cavalcante (et al, 2019, p. 26) afirma que "todo texto é guiado por uma orientação argumentativa, uma vez que, mesmo quando não defende um ponto de vista, o sujeito tenta, de algum modo, influenciar o outro quanto a mudanças no seu modo de pensar, ver, sentir ou agir." Nesse sentido, empreende-se que a reflexão que se faz sobre as escolhas lexicais aponta para a mobilização de recursos cognitivos com fins à construção de sentido. Pensando nisso, verifica-se a importância das reformulações na progressão textual, objetivando maior clareza e precisão sobre o dizer.

Nesta perspectiva, "o léxico não pode ser visto como um conjunto de etiquetas disponíveis, mas como um material constantemente retrabalhado no discurso." (KOCH; CORTEZ, 2016). Atribuir um caráter fixo ao léxico foge completamente à função que este desempenha enquanto constituinte do discurso, justamente por ser tido como o nível da realização linguística mais instável e irregular. Assim sendo, o texto permite, dentro das possibilidades, que um item lexical corresponda a distintas interpretações e, conseqüentemente, atinja variados sentidos, diferentes de seu "sentido original". Em outras palavras, "um item lexical pode dar origem a uma série de associações e ser a entrada para a reativação de um amplo domínio cognitivo" (MARCUSCHI apud KOCH; CORTEZ, 2016).

## 3. METODOLOGIA

O método de pesquisa dá-se por meio uma análise *qualitativa*, cuja abordagem caracteriza-se, segundo Paulilo (2018), pela imersão do pesquisador no contexto de

pesquisa, no reconhecimento dos atores sociais como sujeitos que produzem conhecimentos e práticas, bem como pela aceitação de todos os fenômenos serem igualmente importantes. Reiteram Liberali e Liberali (2011, p. 21) acerca do método qualitativo que, objetiva-se a atenção “na compreensão e explicação das relações sociais explicitadas na vivência, experiência, cotidianidade das ações humanas em relação estreita com a compreensão das estruturas e instituições que a compõem”.

A tipologia da pesquisa deu-se por meio de estudo bibliográfico, que de acordo com Richardson (apud Liberali e Liberali, 2011), propõe adquirir mais conhecimento sobre determinado tema com base em materiais já existentes.

Com o objetivo de investigar as reformulações saneadoras, mais especificamente as correções autocondicionadas, a presente análise se dá pela observação sete espelhos de redação da FUVEST, sendo dois do ano de 2009, um de 2010 e quatro de 2011. Para fins didáticos, convém destacar que, nas análises, as correções marcadas em azul (Vide exemplo 5) tratam-se de inserções feitas posteriormente à escrita. As correções tachadas em vermelho (Vide exemplo 1) tratam-se de correções feitas enquanto escritas pelo locutor, isto é, no momento imediato da produção.

#### 4. ANÁLISES

A presente análise busca compreender, com base nos dados coletados, as razões que motivam o locutor a realizar determinadas correções já que o processamento textual se realiza por meio de estratégias que mobilizam vários conhecimentos contidos na memória. Para fins de análise, ressalta-se que desconsideramos as correções de ordem gramatical uma vez que são evidentemente motivadas pela adequação à norma culta.

Como visto anteriormente, as correções se configuram como uma reelaboração do discurso visando a corrigir erros. Vejamos os exemplos:

(1) Há exemplos de instituições cujas propagandas mostram uma árvore plantada a cada tonelada de papel utilizados, porém, essa mesma instituição compactua com as queimadas das florestas. Inclusive nosso combustível,—o etanol, o qual o Governo divulga mundialmente mostrando-o como atenuador do Efeito Estufa corrobora com as queimadas na colheita da cana-de-açúcar. (REDAÇÃO 1).

(2) As fronteiras políticas, econômicas e culturais passaram por uma completa mudança nessa virada de século, ou melhor, nesse início de



milênio. Essa tendência de enfraquecimento de Fronteiras nacionais está sendo ampliada cada vez mais . em todo o globo. (REDAÇÃO 2).

Em (1) é possível observar que o locutor opta pela exclusão de alguns termos. Ao se observar a frase destacada, infere-se que a motivação do locutor do texto é a de transferir a atribuição da divulgação das informações sobre o combustível a outra entidade que não a Petrobrás, e sim, ao Governo, aproveitando inclusive para esclarecer a qual tipo de combustível se refere.

De igual modo, em (2) o locutor, optando pela correção, retira a palavra *mudaram*, substituindo o termo por uma expressão que remete não só a um processo gradual, mas também a uma intensificação da ação, por meio da adição do termo *completa*. Além disso, o locutor opta por mudar *Europa* por *todo o globo* por provavelmente julgar que o enfraquecimento das fronteiras nacionais não se restringe apenas à Europa, mas ao mundo.

Observemos a correção feita a seguir:

(3) Se, por um lado, as pessoas forem motivadas por verdadeira, genuína preocupação para com o próximo, então a perspectiva continua sendo positiva, pois isso mostra que uma sociedade não é homogênea e sim composta por diferentes indivíduos. (REDAÇÃO 3).

No exemplo (3) infere-se que a exclusão da expressão pode se dar pela tentativa de modalizar a colocação e reduzir a intensidade de uma afirmação categórica e imbuída de certa negatividade, ao passo que nos permite também interpretar como a tentativa de corrigir uma possível explicação equivocada do termo *homogênea*.

No exemplo (4), percebe-se a supressão da conjunção alternativa *ou*, muito provavelmente para evitar a repetição, uma vez usada anteriormente. Depois, o locutor julga inoportuno manter o adjetivo *positivas*, imagina-se que por considerar que as ações descritas já se configurem como positivas, não havendo necessidade de tal marcação. Em seguida, observa-se que o locutor reformula a última frase de modo a utilizar uma expressão sinônima.

(4) Seja através de medidas isoladas, como o sacrifício da própria vida, ou através de ações coletivas, como o pensamento comum no futuro e grandes doações em grupo, verifica-se tal vivacidade. Se, em um momento em que a competitividade ganha cada vez mais força, conseguimos manter a predominância de tais características,

podemos ao menos construir uma perspectiva positiva para o futuro de nossa sociedade. (REDAÇÃO 4).

Diferente das demais redações, nos exemplos que se seguem, as correções, em sua maioria, se dão não por exclusão, mas por inserção. Vejamos:

(5) Baseado nessa premissa, o pensamento liberal preconizava a busca pela felicidade individual como força motivadora de progressos técnicos, científicos e intelectuais, que acarretariam em benefícios gerais. O decorrer da história, porém, comprovou a realidade parcial desse pensamento. (REDAÇÃO 5).

(6) A maior dificuldade das diversas conferências ambientais da ONU não se encontra na busca de soluções a um problema comum e compartilhado; buscaram-se, antes, culpados e responsáveis maiores pelos problemas – conseqüentemente quem de fato deve arcar com os custos do prejuízo e mobilizar mudanças. Esse fato atesta a individualização de um problema global que acarreta na desnecessária e perigosa postergação da solução de problemas ambientais sérios, questões que comprometerão a vida humana de futuras gerações e mesmo da atual. (REDAÇÃO 5).

Em (5) o locutor insere o *como* ao sentir falta de um conectivo entre as frases, completando assim o sentido. Mais a diante observa-se a inserção da conjunção adversativa *porém* para evidenciar a relação contrastante entre os períodos.

No exemplo (6), ao usar o *antes* o locutor denota uma ideia adversativa. Esta ideia pode ser recuperada se o *antes* for substituído pela expressão *pelo contrário* antes do verbo *buscam-se*. Desse modo, a ideia é que ao invés de buscarem soluções, buscaram-se os culpados. Em seguida, ao substituir o provável termo *representa* por *atesta* o locutor evidencia maior segurança e propriedade para a afirmação que está sendo feita. Ao inserir o trecho *da solução de* o locutor corrige o texto por perceber que de fato a postergação não era dos problemas ambientais, mas sim, da solução desses problemas. Vemos ainda no exemplo (6) que resta evidente uma correção que ocorre mais por questão de estilo de escrita do que propriamente por um erro, a exemplo da inserção do termo *questões* em que o trecho permaneceria fazendo sentido, mesmo se a palavra estivesse ausente.

No exemplo (7), o locutor parece optar por não se comprometer com uma informação cuja exatidão não se comprova, dessa forma, prefere retirar o trecho em que data ou propõe uma delimitação de tempo para o acontecimento a que se refere.

(7) Assim, a abnegação mostra-se em crise, atingindo o ponto mais baixo do declínio na contemporaneidade. (REDAÇÃO 6).

Em (8), a primeira correção se dá pela substituição do item lexical *feito* por *feito*. Infere-se que o locutor julga ser mais produtivo o *feito* no sentido de ação. Na segunda correção, o locutor parece considerar suficiente e satisfatório apenas o termo *fronteiras*, já que, como bem corrigiu, não se limitam apenas às físicas, sobretudo se considerarmos o processo de globalização como razão incidente sobre a eliminação de fronteiras. De igual modo, no exemplo (9), a supressão do termo *guerras* denota a não necessidade de uma palavra sinônima visto que o termo *ataques* já abrange o campo semântico pretendido.

(8) Além disso, o feito mais notável desta, [globalização] a transmissão de informações por grandes distâncias em tempo íntimo, também é um modo de eliminar fronteiras entre as pessoas, aproximando todas as partes do mundo em termos de comunicação. (REDAÇÃO 7).

(9) É por culpa dessa face estúpida e egoísta do homem que fronteiras dificilmente serão totalmente abolidas, que conceitos como “soberania”, “ordem” e “autonomia” continuarão sendo usados para justificar ataques e legitimar violência. (REDAÇÃO 7).

Semelhantemente ao exemplo (2), em (10) verifica-se uma correção em que o locutor opta por esclarecer a que lugar se refere mais propriamente utilizando outro termo que não o original, no caso, substituindo *mundo* por *planeta*, alteração que a seu ver, melhora o texto. Em seguida, o locutor faz a substituição da palavra *além*, possivelmente *além disso*, pelo advérbio *ademais*, que semanticamente desempenharia a mesma função do possível *além disso*, configurando portanto uma alteração de ordem estilística.

(10) A tecnologia de comunicação permitiu, aos poucos globalizados, o contato mais profundo com culturas de diversas partes do planeta. Ademais, a própria difusão de informação – ainda que monopolizada e tendenciosa – e do conhecimento tornou-se mais simples e veloz. (REDAÇÃO 7)

## 5. CONCLUSÕES

Com base nas análises e no estudo desenvolvido conclui-se que ao serem utilizadas as estratégias metaformativas, sobretudo as correções autocondicionadas, os locutores operam intencionalmente sobre o texto que prozudem reformulando-os a fim de atribuir-lhes um aspecto mais claro ou correto.

Essas correções ocorrem por motivações diversas, algumas expressas, outras passíveis de inferências. De todo modo, tais correções são provenientes da reflexão do interlocutor sobre as escolhas no texto que opera. Em outras palavras, o autor do texto tem a liberdade de refletir sobre os componentes textuais de forma a perceber a adequação semântico-pragmática dos termos utilizados. Nesse sentido, pode-se dizer que o autor do texto está operando a metalinguagem.

Ante o exposto, resta evidente a produtividade deste fenômeno, que é amplamente atribuído à linguagem oral, também na escrita. Tais correções se tornam evidentes desde que possível recuperá-las na materialidade do texto. Ao serem analisadas, tais reformulações permitem ao leitor refletir e inferir aspectos ligados ao processamento textual do autor no momento de produção.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, D. I. P. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, D. (org). **Análise de textos orais**. São Paulo: FLCH/USP, 1993, p. 129-156.

FREITAS, N. L. **Estratégias metadiscursivas envolvidas na interpretação de provérbios metafóricos por pessoas com afasia**. Entremeios: Revista de Estudos do Discurso, v. 22, jul. - dez./2020.

KOCH, I; CORTEZ, S. **A construção heterodialógica dos objetos de discurso por formas nominais referenciais**. ReVel, v. 13, n. 25, 2016.

KOCH, I. G. V. Estratégias textual-discursivas de construção do sentido. In: **Introdução à Linguística Textual: trajetória e grande temas**. (p. 103-126). São Paulo: Contexto, 2015.

\_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

LIBERALI, Fernanda Coelho; LIBERALI, André Ricardo Abbade. Para repensar a metodologia de pesquisa em ciências humanas. **Inter FAINC/Revista das Faculdades Integradas Coração de Jesus**. Santo André, v. 1, n. 1, p. 17-33, jan./jun. 2011.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

PAULILO, Maria Ângela Silveira. **A pesquisa qualitativa e a história de vida**. Disponível em: <[http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c\\_v2n1\\_pesquisa.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_pesquisa.htm)>. Acesso em: 07 out. 2018.

SILVA, B. C. C. M.; CARVALHO, R. M. M. **A Crítica Genética e a Crítica Textual: Dois Métodos para a Análise de textos.** Scripta Philologica, n. 2, 2006.

## 7. REFERÊNCIAS ADICIONAIS

Redação 1. Sociedade de Imagens. Disponível em:

<<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/melhores-redacoes-da-fuvest-2010-sociedade-de-imagens/>> Acesso em: 05 mai 2022.

Redação 2. Sem título. Disponível em:

<<http://oblogderedacao.blogspot.com/2012/09/as-melhores-redacoes-da-fuvest.html>> Acesso em: 05 mai 2022.

Redação 3. Sem título. Disponível em <<http://cursocriar.com/redacoes/fuvest-2011/>> Acesso em: 05 mai 2022.

Redação 4. Uma perspectiva positiva. Disponível em:

<<http://cursocriar.com/redacoes/fuvest-2011/>> Acesso em: 05 mai 2022.

Redação 5. Filho, um dia isso tudo será seu. Disponível em:

<<http://cursocriar.com/redacoes/fuvest-2011/>> Acesso em: 05 mai 2022.

Redação 6. Maquiavel, Bauman e Machado. Disponível em

<<http://cursocriar.com/redacoes/fuvest-2011/>> Acesso em: 05 mai 2022.

Redação 7. Improvável cidadão do mundo. Disponível em:

<<https://vestibular.uol.com.br/ultnot/2009/03/24/ult798u24718.jhtm>> Acesso em: 05 mai 2022.

**Capítulo 8**  
**A IMPORTÂNCIA DO CONTATO DA  
LITERATURA AFRO/MIGRATÓRIA COM  
CRIANÇAS NO PERÍODO ESCOLAR: UMA  
ANÁLISE DO LIVRO “A MENINA QUE ABRAÇA  
O VENTO”**

***Maiane Machado Sá***

## A IMPORTÂNCIA DO CONTATO DA LITERATURA AFRO/MIGRATÓRIA COM CRIANÇAS NO PERÍODO ESCOLAR: UMA ANÁLISE DO LIVRO “A MENINA QUE ABRAÇA O VENTO”

**Maiane Machado Sá**

*Professora dos anos iniciais na prefeitura municipal de Boa Vista. Licenciada em Letras com habilitação em língua francesa pela Universidade Federal de Roraima.*

*Aluna do Programa de pós graduação em Letras, curso de Mestrado, pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Machadojorge2918@gmail.com*

**Resumo:** Este artigo fala a respeito das discussões sobre a importância da inserção de uma literatura de representatividade nos ambientes escolares, levando em consideração os múltiplos sujeitos multiculturais que estão envolvidos nesse processo de ensino como também de aprendizagem. Dessa maneira, este trabalho tem como objetivo analisar a obra “A menina que abraça o vento” (2017) da autora Fernanda Paraguassu, buscando mostrar a realidade e a importância de se levar esse tipo de temática para a sala de aula, principalmente nos primeiros anos do ensino fundamental, já que é nesse período que as crianças estão consolidando os seus pensamentos e opiniões a respeito do outro. Nessa pesquisa serão feitas algumas discussões baseadas em Gouvea (2005) que aborda de maneira mais detalhada sobre a imagem do negro na literatura infantil, trago também Bonnici (2011) que aborda questões relevantes sobre o multiculturalismo e Thomas (2016) que aborda a respeito da representatividade da literatura infantil, fazendo um panorama da diversidade voltada para essa área, dentre outros autores em que trago algumas discussões mais breves. Os resultados mostraram a partir da análise do livro que a inclusão de uma literatura de representação pode trazer aspectos positivos e significativos para a educação das crianças nos estabelecimentos de ensino.

**Palavras-chave:** Literatura infantil. Representatividade. Escola.

**ABSTRACT:** This article talks about the discussions about the importance of inserting a representative literature in school environments, taking into account the multiple multicultural subjects that are involved in this teaching process as well as learning. In this way, this work aims to analyze the work “The girl who embraces the wind” (2017) by the author Fernanda Paraguassu, seeking to show the reality and importance of taking this type of theme to the classroom, especially in the early years of elementary school, since it is during this period that children are consolidating their thoughts and opinions about each other. In this research, some discussions will be made based on Gouvea (2005) that addresses in more detail the image of black people in children's literature, making an overview of the diversity focused on this area,denamong other authors in which I bring some briefer discussions. The results showed from the analysis



of the book that the inclusion of a literature of representation can bring positive and significant aspects to the education of children in educational establishments.

**Keywords:** Children's literature. Representativeness. School.

## INTRODUÇÃO

O contato com a literatura na sala de aula acontece, na maioria das vezes, em algum momento nas aulas que são ministradas são trabalhadas sobre autores/obras mais renomados (a), seja estrangeira ou nacional, a fim de que todos tenham um pouco de espaço no âmbito escolar. Porém, esse contato, às vezes só acontece de uma maneira mais aprofundada somente na idade adulta, quando muitas das vezes as ideias, opiniões pensamentose concepções sobre determinadas questões e temáticas já estão consolidados ou melhor, fixadas e, dessa maneira, torna-se complexo abordar diferentes questões que são trazidas nos contextos literários, isto é, nas aulas de literatura.

Em se tratando da literatura infantil, voltada para questões tidas como minorizadas, como a indígena, a negra, a migratória, o feminismo, a população LGBTQIA+, dentre outras, é ainda mais delicado de se abordar e principalmente trabalhar esses temas em sala de aula, visto que envolve muitas questões e situações delicadas, bem como, desprezo pela sociedade, a não aceitação pelas famílias por razões baseadas em princípios religiosos, culturais, étnicos, sociais, o que acaba dificultando a inserção no meio escolar.

Levando em consideração os aspectos mencionados, surgiu o interesse em trabalhar com a literatura infantil com enfoque nas minorias, bem como a questão da imigração e negritude. O interesse surgiu após cursar a disciplina de literatura infantil de minorias minorizadas na qual se tratavam especificamente dessas questões já citadas. Assim, após as leituras realizadas e explanação das temáticas, voltei minha atenção principalmente para a questão de negros e migratória, visto que ambas as temáticas mencionadas são atuais. Com relação à imigração, é uma temática que atualmente tem se expandido muito devido às grandes crises enfrentadas pelas nações, um exemplo é o estado de Roraima que vem recebendo em massa desde 2017 imigrantes venezuelanos (MATTOS, 2019) em busca de melhorias de vida na cidade de Boa Vista, capital do estado, que é fronteira com a Venezuela. Com isso, muitos desses imigrantes estão matriculados na rede municipal de ensino, como é o

caso das crianças. Enfatizo esse público, visto que estou inserida nesse contexto e atuo como professora nos primeiros anos do ensino fundamental.

Outra situação de imigração que já se estende por alguns anos é o da República Democrática do Congo, país onde a protagonista da obra analisada nasceu. O objetivo desse artigo é, portanto, analisar a obra mostrando a realidade e a importância de se levar esse tipo de temática para a sala de aula nos primeiros anos do ensino fundamental. A obra a ser analisada é *A menina que abraça o vento*- a história de uma refugiada congoleza, de Fernanda Paraguassu, que se trata da história de uma menina que fugiu de seu país devido aos conflitos vivenciados pela família. A base teórica desse trabalho é a luz de Gouvea (2005) que traz questões voltadas para a imagem do negro na literatura infantil, Bonnici (2011) em que vai tratar sobre o multiculturalismo; Thomas(2016) sobre a representatividade da literatura infantil, dentre outros. A metodologia que será usada nesta pesquisa será a bibliográfica, visto que serão utilizados materiais de variados autores a fim de tornar a pesquisa mais confiável e completa.

## **APORTE TEÓRICO**

### **Algumas palavras sobre a literatura infantil ...**

Sabemos que é de grande importância que levemos a literatura infantil para a sala de aula, ou seja, que haja sua inserção nas práticas de ensino em sala de aula (HUNT, 1999). É sabido, ainda, que a criança tem uma experiência menor no que se refere ao social, visto que ainda está iniciando a sua inserção na sociedade, e isso faz com que ela se torne mais livre, desapegada de algumas questões voltadas para o social, abrindo caminhos para o imaginário. A criança por ainda não estar apropriada de questões reais termina desconstruindo o real e construindo aquilo que está mais voltado para despropósitos. Levando em consideração os aspectos mencionados, é muito relevante que haja a inserção da representatividade, ou seja, mostrar desde o princípio que há vários sujeitos multiculturais inseridos nesse contexto, dessa maneira, as crianças vão crescer com a noção de respeito às diferenças, culturas, etnias, modos de vida, costumes e culturas, isto é, os valores sociais, culturais, morais já começam a ser moldados, construídos a partir da percepção que é trazida pela literatura.

No Brasil, Gouvea (2005), problematiza nas primeiras décadas do século XX os personagens negros apresentados nos romances infantis, concluindo que todos eram retratados de forma estereotipada. Os personagens negros eram sempre animalizados, desprezados por sua etnicidade, costumes, ou seja, desprovidos de valor algum, servindo somente para o trabalho doméstico, de pequena utilidade e status, sendo que nesses trabalhos, tinham seus lugares separados, não interagindo com sujeitos brancos. As referências aos sujeitos negros sempre são mencionadas por sujeitos brancos, ou seja, realizados por um prisma etnocêntrico. Dessa maneira, esses sujeitos pertencentes ao etnocentrismo, embranquecem personagens negros como forma de incluir e integrar na sociedade dominadora os sujeitos subalternos. Os romances de Monteiro Lobato, os personagens retratados por ele em alguns contextos sempre eram animalizados, como pode ser percebido nos trechos a seguir:

(...) eu cortava um pedaço desse beijo. (1931, p. 36).

(...) melado com rapadura é uma coisa de lamber os beijos, disse Pedrinho – Beijo é de boi, protestou Emília. Gente tem lábios. (1931, p. 36, apud Gouveia...).

Como pode ser visto nos trechos acima, a maneira que os sujeitos brancos faziam referência aos sujeitos negros era sempre voltada para a desvalorização, inferioridade, representando-os de forma animalizada. Com relação às partes do corpo, também era muito comum ocorrer nomes distintos de acordo com a classe racial que os personagens pertenciam, os mais comuns eram: “branco: nariz, lábios, pele, dentre outros, enquanto para o negro era venta, beijo, lustroso”. (GOUVEA, 2005, p. 88). Como visto, o personagem negro sempre estava em um patamar inferior, ou seja, uma representação com menos evolução historicamente. Além da animalização, da inferioridade, desvalorização sofridas pelos sujeitos negros, muitas vezes eram chamados de perigosos, ou seja, oferecendo risco e com discursos que de alguma maneira poderia ser constrangedor, como “coitada, está com vergonha, por ser preta” (GOUVEA, 2005, p. 89).

De acordo com o exposto, os personagens negros presentes na literatura infantil dessa época constantemente estavam em uma posição inferior com relação ao branco, sempre em servidão aos sujeitos de uma posição mais elevada e valorizada, desenvolvendo com frequência um papel de coadjuvante, nunca exercendo um papel de protagonista, isto é um papel central, com valorização de sua

cultura, etnia, raça e sem nomeações por serem de pele escura. Nesse sentido, é de suma importância que na literatura infantil, os autores retratem e insiram personagens negros exercendo uma atuação principal com valorização de suas tradições e culturas, propondo novos personagens com características realmente pertinentes para que então o sujeito negro seja visibilizado como um sujeito que tenha valor das diversas esferas, social, cultural, étnico, e não como um mero objeto, que é utilizado apenas para desenvolver uma função, realizar afazeres domésticos, entre outros.

Assim, com a inserção dessa nova forma de expor os personagens que outrora eram marginalizados, subalternos e desvalorizados, essa representação agregada a um valor positivo vai gerando uma nova percepção nos leitores no que tange principalmente às crianças, pois como visto as crianças ainda não possuem uma grande experiências na sociedade e é sabido que aquilo que vem retratado nos livros, aquilo que é transmitido por meio dos personagens nos romances é o que a criança pode tomar como verdade/certo e, dessa maneira, seguir esses conceitos, estereótipos. Por essa razão é imprescindível que conceitos como esses, formação de pensamentos, opiniões sejam formados desde os primeiros anos, pois é a partir disso que será construída uma sociedade sem preconceitos, sem distinção de raça ou cor.

## **MULTICULTURALISMO**

É sabido que o Brasil é um país multicultural com diversas influências, como, indígena, mistura de povos negros e povos advindos da Europa. Assim, com a chegada de novos imigrantes no país acolhedor, começamos a enxergar muitas mudanças, uma modificação na cultura, no comportamento, novos idiomas começam a ser ouvidos, novos costumes religiosos, novos ritmos musicais, isto é, uma gama de aspectos que podem modificar a cultura local, que muitas vezes pode ser considerada pura (BONNICI, 2011). A população do Brasil agrega diversas nacionalidades e etnias, dessa maneira, nos ambientes de aprendizagem, isto é, nas escolas, muita das vezes a maior parcela desses sujeitos são negros, indígenas e imigrantes. É importante ressaltar que novos imigrantes, novos sujeitos estão chegando no país com o objetivo de constituir uma família, uma vida nova longe de conflitos. De acordo com Bonnici (2011), o multiculturalismo é um fator que destrói a identidade nacional até agora unificada e coesa” ; “a interação mútua de culturas, influenciando-se e interagindo

entre si". De acordo com o autor, o multiculturalismo é uma forma de integração das diversas culturas que estão presentes no país acolhedor, sendo que há tanto a influência da cultura imigrante como também da acolhedora. Contudo, com essa mistura, integração e influência há uma destruição/ desconstrução da identidade local. Dessa forma, como já descrito é importante que haja a inserção da literatura infantil, de representatividade, aquela que mostra vários sujeitos multiculturais para que as crianças já cresçam com a formação de noções de respeito e das diferenças (HUNT, 1999).

## IMIGRAÇÃO

O processo de imigração acontece desde os tempos antigos (HALL, 2003), quando pessoas saíam de suas terras em busca de novas oportunidades, novas direções e novos sonhos em um outro lugar onde poderiam reconstruir suas vidas uma outra vez. Emigrar nunca foi um processo realizado com facilidade, e provavelmente nunca será, levando em consideração alguns fatores. Como dito, emigrar exige renúncias, perdas, e principalmente, quando isso está relacionado com questões mais complexas e delicadas, ou seja, quando o indivíduo não decide sair por decisão própria, mas sim, forçado a deixar seu país, sua família, seu trabalho, seus bens, seus costumes e buscar abrigo em outro país em decorrência de crise humanitária existente em sua nação.

Porém, ao chegar no novo país, esse imigrante encontra uma gama de dificuldades para se adaptar, visto que há novos costumes, novas culturas, e além de tudo muita discriminação (BONNICI, 2011). Isso depende muito da origem desse imigrante, principalmente quando se trata de imigração de pessoas provenientes da África e de outros lugares cujos habitantes são negros ou não-brancos (HALL, 2003) e qual o motivo dessa imigração. Esses fatores interferem muito no momento de adaptação e interação na nova sociedade. Como advento da tecnologia, há uma maior liberdade em expor situações que envolvem questões de racismo e discriminação por meio de eletrônicos, sistemas de segurança, dessa maneira, é muito comum ver nos noticiários relatos de pessoas nesse sentido. Logo, percebemos que a nossa sociedade infelizmente, ainda vivencia muito disso nos dias atuais. Então o local, a identidade que o indivíduo traz consigo mostrando de onde vem contribui muito seja de forma positiva ou negativa para a nova integração.

As sociedades contemporâneas em que vivemos são marcadas fortemente pelos fluxos migratórios e se destacam, entre outros aspectos, pela diversidade e pela heterogeneidade das relações. (ACNUR ; AMADO, 2016). Nesse sentido, o estrangeiro tornou-se figura comum no cotidiano não somente da s, mas também em outros cenários. E de modo geral, as instituições de educação possuem o papel de atender a essa pluralidade de indivíduos que chegam com o objetivo de se estabelecer, mesmo diante de uma diversidade de desafios. Dentre as diversas dificuldades que encontram, enquanto imigrantes, seja em questões do âmbito judicial, em que esses indivíduos advindos de outros países buscam pela regulamentação migratória, destaca-se também a questão linguística tanto na comunidade em geral, como também nos espaços escolares, logo há uma necessidade da inserção de uma literatura de representatividade com o objetivo dos sujeitos se enxergarem nos contextos que estão inseridos.

## **FALANDO SOBRE REPRESENTATIVIDADE**

Thomas, (2016) faz uma revisão do panorama da diversidade na literatura infantil, trazendo uma discussão de que há uma diversidade na literatura infantil ou jovens/adolescentes voltada para o cultural, linguístico ou familiar. A autora ainda traz vários autores da última década que têm trabalhos nessa área e afirma que essa falta de diversidade na literatura infantil, principalmente na questão de raça, na história dos Estados Unidos, cria uma lacuna na imaginação da criança, porque ela (criança) não tem o conhecimento dessas várias histórias, e essa lacuna na imaginação da criança é causada pela falta de diversidade na infância, ou seja, no contato com a literatura infantil, então quando essas crianças crescem sem essa diversidade na literatura, vendo apenas uma única história (ADICHIE, 2009), elas crescem somente com um ponto de vista a partir de uma algo único, afetando a vida da criança futuramente.

É possível perceber que ao longo dos anos, existiram esforços para colocar esse assunto em discussão na sociedade e, e um desses representantes que discutem e que defendem a diversidade da literatura infantil, são Walter Dean Myers e Christopher Myers, os quais têm demonstrado estatisticamente por meio de um centro de pesquisa que 85 % dos livros infantis e voltados para o público adolescente, publicados durante os anos de 2014 e 2015 possuem personagens brancos, existindo uma minoria da participação de personagens negros na literatura infantil e não só na

literatura infantil, como também nas mídias, nos programas de televisão, e em outros canais de divulgação.

Além de haver essa falta de representação de personagens não-brancas, há um outro problema, pois quando aparecem personagens negros nos livros, na literatura, na televisão, nos filmes, esses personagens são colocados como problemáticos, marginalizados, perigosos, o que causa um estereótipo das pessoas negras. Um outro problema que acontece com relação a isso, é que dentre esses personagens, existem muitas histórias que são escritas por pessoas da classe etnocêntrica, da classe dominadora, o que às vezes põe em xeque o que está sendo contado na história (THOMAS, 2016). É importante destacar também, a diferença entre multiculturalismo e diversidade, porque até então somente a terminologia multicultural era usada, e isso incluía a questão das diferentes culturas, porém, também é de grande relevância destacar que houve uma mudança dessa terminologia passando a ser caracterizado como diverso/diversidade, dessa maneira, ela inclui mais coisas, sendo que outrora não estava incluso no multiculturalismo, isto é, não incluía a questão da orientação sexual, religião, diferença de gênero, imigração, statusimigração, raça, etnia, diferenças culturais e linguísticas, mesmo que o termo multiculturalismo estivesse associado essas diferentes questões, como raças e etnicidade, não estava incluso os demais (gênero, orientação sexual) (THOMAS, 2016).

Outro fator que é importante destacar é a questão da descolonização do pensamento que fica impregnado na mentalidade da criança por meio daquilo que é representado pela literatura, um pensamento trazido pelas histórias de um único mundo, mostrando pessoas iguais, desse modo, é necessário que esses estereótipos sejam desconstruídos abrindo espaço para uma literatura com foco na diversidade. Adichie (2009, apud THOMAS, 2016) aborda que as crianças são mais vulneráveis diante daquilo que elas leem, e esse pensamento que é de grande relevância seja mudado na mentalidade das crianças, também é trazida a questão da supremacia que é transmitida nas histórias, a supremacia das pessoas brancas, de povos, regiões, países, considerado na história que muitas vezes não existem, como se não existisse outros lugares, outras pessoas, outros costumes, culturas, e as histórias na literatura ficam muito focadas naquelas pré-definidas e isso não traz a liberdade, não permite as crianças terem contato com personagens, vidas, histórias, modos de vida diversificados.



A partir dessas discussões, trazemos o livro *a menina que abraça o vento*- a história de uma refugiada congoleza que poderia ser trabalhado na escola de alguma maneira, visto que aborda temáticas que são atuais, bem como a representação do núcleo familiar não completo, pois na obra retrata que o pai de Mersene ficou no Congo, figura da mulher, questão migratória, racial e sentimento de saudade. Todas essas questões levantadas são de extrema importância, sendo que essas situações estão totalmente presentes na sociedade e nos contextos escolares.

## **ANÁLISE DA OBRA**

Conforme foi mencionado nos descritores anteriores, essa pesquisa consiste na análise do livro *a menina que abraça o vento*- a história de uma refugiada congoleza da autora Fernanda Paraguassu, da editora Voinho, de 2017. O livro conta a história de Mersene, uma garotinha que teve que se separar de parte da família para fugir do triste conflito vivido na República Democrática do Congo. Enquanto se adapta à nova vida no Brasil, ela cria uma brincadeira para driblar a saudade. A autora possui graduação e mestrado em comunicação pela universidade Estácio de Sá e Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em sua dissertação trata a respeito do conceito de refúgio. Sua participação em eventos voltados para temáticas, como imigração, refúgio, estudos fronteiriços, são recorrentes. De acordo com a autora, a obra que está sendo analisada trata de uma ficção que foi inspirada nas histórias de meninas oriundas do Congo refugiadas no Rio de Janeiro. A personagem principal da obra foi criada com o objetivo de representar todas as meninas que estão em situação de refúgio. Paraguassu é jornalista e também autora do guia *Buenos Aires com crianças – aventurinhas na terra do dulce de leche* (Pulp Edições). Inspirada nos próprios dilemas de mãe, escreveu a coluna *Manhê!* no site do GNT. É vencedora do Prêmio Compós 2021, na categoria Melhor Dissertação, com o título "Narrativas de infâncias refugiadas - a criança como protagonista da própria história". Além da obra analisada, Paraguassu também é autora do livro *possibilidades*, onde conta a história de pessoas reais com deficiência. O Congo, país de origem da personagem principal, foi colonizado pela Bélgica, porém após a independência que foi obtida em 1960, o país começou a enfrentar vários conflitos tanto político, como também civil, todos voltados pela disputa de poder. Com isso, o país sofre com essas consequências dos conflitos armados. Apesar do país possuir muitas riquezas, a economia ainda é muito fragilizada prejudicando os habitantes locais, dessa maneira,

muitas pessoas, em decorrência desses conflitos vivenciados lá, se deslocam para outros lugares em busca de um refúgio, como é possível perceber, Mersene é uma menina congoleza, nesse sentido já podemos inferir o tom de pele que ela possui. Caracterizando-a melhor, a personagem é menina com cerca de 5/6 anos, negra refugiada do Congo, ou seja, imigrante e que não tem o núcleo familiar completo. A personagem de Mersene já sabe se expressar “[...] sabe falar de diferentes formas [...]” (PARAGUASSU, 2017 p. 6), já cria brincadeiras “[...]brinca de faz de conta, canta pra boneca [...]” “[...] e inventa mil outras brincadeiras [...].” Passa o conhecimento que ela possui para outras pessoas, nesse caso, a figura materna “[...] Mersene até ensina a mãe dela a falar que nem a gente[...]”. É uma menina refugiada que vive com a mãe e os irmãos em uma casa “[...] Mersene é uma refugiada, ela saiu correndo de casa. fugiu com a mãe e osirmãospara bem longe...]” “[... a menina sai animada pelo corredor da casa [...]” (PARAGUASSU, 2017, p. 14; 18; 19; 30).

É sabido que todos nós enquanto grupos sociais, independentemente de qual nação somos, temos conosco nossa cultura, nossos costumes, nossa língua, nossa marca (EAGLETON, 2005), ou seja, temos uma identidade (SILVA, 2000) que pode refletir de onde somos, dessa maneira, quando um sujeito migra para outro local, nesse caso, de país para outro, carrega consigo muitasdessastradições de seu país. Todo paíspossui infinitas e distintas culturas, nesse sentido, ao chegar no novo país que está sendo abrigado, é necessário que esse sujeito se adapte para tentar se inserir, se encaixar nos costumes, modos, tradições e simplesmente sobreviver naquela nova sociedade acolhedora, ou seja, em um novo processo de interculturalidade (FLEURI, 2005).

Porém mesmo imerso em uma nova cultura carregada de novos valores, é importante que esse sujeito imigrante mantenha sua cultura, seus costumes a e suas histórias. Assim, esse sujeito imigrante passa a ter uma nova vivência no novo país acolhedor. No livro analisado, a menina que abraça o vento, é possível perceber que a personagem de Mersene começa a utilizar estratégias para se adequar à nova cultura com o intuito de estabelecer uma nova vida no Brasil, como podemos observar no trecho: “Aqui no Brasil, Mersene vai para a escola e aprende um monte de coisa nova, brinca de faz de conta, canta pra boneca e pula sem parar [...]” “[...] Mersene trata de viver que nem a outras crianças daqui [...]” (PARAGUASSU, 2017, p. 18;22).

Como podemos observar, ao chegar no novo país, com o objetivo de dar continuidade a sua vida, a personagem começa a se adaptar aos poucos à nova

cultura, aos novos costumes, (BONNICI, 2011), aprendendo novas atividades, novas brincadeiras e começa a viver igual as outras crianças daquele país, ou seja, com novas rotinas, a nova língua, as novas maneiras de comportamento em diferentes lugares, dentre outras. Porém a personagem está envolta de problematizantes que podem dificultar a adaptação nesse novo mundo. Dentre eles podemos destacar, além do status de refugiada e da adaptação, a incompletude do núcleo familiar, pois seu pai precisou ficar no país de origem, o que gera um sentimento de saudade que a personagem tem t de seu pai como também de casa.

Ela sente saudade da casa dela lá na República Democrática do Congo. Mas a menina sabe que não pode voltar agora [...] “[...] é o pai dela que teve que ficar no seu país...” as vezes, ela pergunta pra mãe: - Mãe, quando eu vou encontrar o meu pai de novo? (PARAGUASSU, 2017, p. 21; 24; 25).

Percebeu-se nos excertos acima que a personagem de Mersene tem muitas saudades da figura paterna que ficou no seu país, também é forte o sentimento de saudade com relação ao seu lar, do seu círculo afetivo, do seu aconchego. É muito difícil nos desvincularmos das relações do local em que nascemos, e conseqüentemente, onde construímos laços, em se tratando de uma criança, ainda é mais delicado, pois ela ainda está em processo de formação de pensamentos, ideias, associações daquilo que é bom/ruim/certo/errado/ necessário ou não. Então sair do local de onde nasceu, onde tem amigos, familiares e, ainda, deixar familiares importantes torna-se um fator problematizador no que concerne à adaptação no novo contexto que está inserida.

É muito comum presenciar essa situação vivenciada por Mersene nos contextos escolares, por exemplo, eu, como professora dos anos iniciais, vejo muito isso acontecer, visto que o ambiente o qual estou inserida é composto por uma grande parcela de imigrantes venezuelanos. Como professora alfabetizadora e de português como língua de acolhimento em abrigos, vejo que muitas crianças estão aqui no Brasil e especificamente na cidade de Boa Vista, somente com alguns membros da família, ou seja, outros ainda se encontram no país de origem, outros são órfãos, mostrando que o núcleo familiar não está completo. Outra situação comum é a dificuldade na comunicação, visto que o idioma das duas nações não é igual, gerando discriminação por parte das outras crianças, pois escutam palavras negativas proferidas em seu meio familiar, e dessa maneira também utilizam.

A saudade da personagem é tão grande que ela cria uma brincadeira para tentar matar um pouco da saudade que ela sente de seu pai. É a brincadeira de abraçar o vento. A brincadeira funciona da seguinte forma:

Ela estica as pernas, fica na ponta dos pés e grita: -olha quem tá chegando! E a menina sai numa corrida animada pelo corredor da casa, de braços abertos, gritando, fazendo festa. Mersene então para e dá aquele abraço quentinho, gostoso, cheio de saudade. Mas, como o pai não está, ela dá o abraço nela mesma (PARAGUASSU, 2017, p. 28; 30 e 32).

Como visto no fragmento, a brincadeira criada consiste em disfarçar um pouco da saudade sentida pela criança quando já se encontra no novo país que foi acolhida em decorrência do conflito vivenciado em seu país.

Como visto, foram levantadas várias questões até o momento que são abordadas na obra analisada. Questões como, imigração, preconceito, composição do núcleo familiar e o sentimento de saudade. Dessa maneira, é importante que haja uma literatura de representatividade, (sujeito migrante/refugiado, personagens não brancos, composição do núcleo familiar, feminismo, entre outras), com políticas direcionadas a isso nos ambientes escolares para que aos poucos comece uma mudança positiva nas crianças abrindo caminho para as novas ideias que serão formadas a partir do desenvolvimento de um trabalho mais minucioso (propor uma semana de estudo mais detalhado para os temas que aparecem nos livros, para que os alunos possam entender com mais facilidade o que está sendo explorado) com as crianças envolvendo situações trazidas nos livros de literatura, para que elas possam ter essa percepção que há uma diferença daquilo que está nos livros para o que está sendo vivenciado na sociedade em que está inserida, em outras palavras, saber discernir e não discriminar, e que as crianças que pertencem às minorias possam se ver, se identificar nesse tipo de literatura. Além de trabalhar com as crianças, também é necessário realizar atividades de conscientização voltadas para os seus responsáveis, pois seria necessário trabalhar esse tipo de educação nas escolas, e em casa praticar aquela imposta pelos familiares que contradiz o que foi aprendido no local de ensino, pois segundo Lopes (2016) a educação das crianças é uma parceria entre o estabelecimento de ensino e a família:

É indispensável que família e escola sejam parceiras, com os papéis bem definidos, onde não se pratica a exigência e sim a proposta, o acordo. A família pode sugerir encontros para a escola, não ficando presos somente às reuniões formais, pois além de ser um bom momento para consolidar a confiança, podem discutir juntos acerca dos seus papéis. A escola pode estimular a participação dos pais, procurando conhecer o que pensam e fazem e obtendo informações sobre a criança ( LOPES, 2016, P. 01).

Nesse sentido, podemos compreender que a educação é construída de parcerias, com diálogo entre a família e a escola, e quando essas instituições se reúnem para dialogar buscando sempre a possibilidade da melhoria na qualidade da educação, em busca sempre de caminhos que proporcionam uma aprendizagem de qualidade, certamente agindo dessa maneira haverá conquistas satisfatórias nesse campo. Nesse sentido, estas, serão novas contribuições que farão parte do repertório das crianças e das famílias.

A inserção dos temas retratados na obra analisada, especificamente imigração, se faz relevante, principalmente em estados fronteiriços, visto que esses sujeitos que estão imersos na cultura do país acolhedor, poderão se sentir representados com mais facilidade pela sociedade em geral e nos contextos de ensino, pois já estão em um processo de adaptação de novos costumes, e acredita-se que possa ser mais prático o processo de aceitação nas escolas com a implementação de políticas a respeito da temática mencionada, e isso pode facilitar esse processo para que se sintam aceitos e iguais tornando-se sujeitos protagonistas. Assim, a fim de sanar e contornar as situações nesses ambientes, cabe a instituição desenvolver um papel envolvendo essas políticas de acolhimento, de representação do indivíduo marginalizado, proporcionando novas maneiras de pensar e agir.

## **CONSIDERAÇÕES**

É de suma importância que na escola sejam trabalhadas questões como essas que foram abordadas na obra analisada neste artigo. Assim, a inserção de uma literatura de representatividade, que aborda vários sujeitos multiculturais, mostrando que há várias culturas e elas são distintas, que os sujeitos podem migrar de um local para outro, sempre valorizando o que cada pessoa traz consigo, pois, cada sujeito independente da qual cultura que está inserido possui suas especificidades agregando valores positivos tanto nos contextos escolares, como também para a

sociedade em geral. Assim, as crianças terão o entendimento, o discernimento e saberão lidar com essas situações em seus ambientes de convivência, desconstruindo estereótipos impregnados por sujeitos majoritários. Dessa maneira, poderão se enxergar na literatura, conseguirão se ver como protagonistas e se sentirão representadas por meio desses personagens. Com relação às crianças brancas, essa literatura de representação as influencia de maneira edificante, pois elas serão conscientizadas por meio dos trabalhos desenvolvidos com a participação efetiva do núcleo familiar a respeitarem as minorias e também desenvolver atitudes e ações de sensibilização.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das letras, 2009.

AMADO, Rosane. de Sá. O ensino de português para refugiados: caminho para a cidadania. In: SÁ, R. L. de (Org.). **Português para falantes de outras línguas: interculturalidade, inclusão social e políticas linguísticas**. Coleção ECAL. Volume 1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 69-86.

BONNICI, Thomas. **O multiculturalismo e a literatura negra britânica no contexto multicultural**. Maringá, eduem. 2011.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

FLEURI, Reinaldo Matias, in **Palestra Proferida no V Colóquio Internacional Paulo Freire -2005**. [www.paulofreire.org.br/Textos/fleuri\\_2005\\_recife\\_resumo\\_e\\_texto\\_completo.pdf](http://www.paulofreire.org.br/Textos/fleuri_2005_recife_resumo_e_texto_completo.pdf)

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. **Imagens do negro na literatura infantil: análise historiográfica**. Educação e pesquisa, São Paulo, v.31, n. 1, p. d'77-89, jan./abril. 2005.

HUNT, Peter. **Understanding Children's Literature**. 2 ed. 2005.

HALL, Stuart. **Da Diáspora – identidades e mediações culturais**. Editora UFMG. Brasília, 2003.

LOPES, Patrícia. **Atuação dos Pais na Educação**. [www.educador.brasilecola](http://www.educador.brasilecola).

Acesso em 03 de Junho de 2022.

MATOS, Pablo. **Breves apontamentos sobre a atuação do ACNUR na resposta ao fluxo de venezuelanos em Roraima.** In: MEDEIROS, Camila Pinheiro; et al. Refúgio, Migrações e Cidadania. V. 1, n.1. 2006.

PARAGUASSU, Fernanda. **A menina que abraça o vento.** Curitiba: Voinho, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

THOMAS, Ebony Elizabeth. **Stories Still Mater:** Rethinking The Role Of Divers

Children's Literature Today. **Language Arts**, Volume 94, Number 2, November 2016.



The background of the page is an abstract geometric pattern composed of numerous overlapping triangles. The top portion of the image features a gradient of blue and teal colors, while the bottom portion features a gradient of yellow and orange colors. The central area is a bright, pale yellow. The word "AUTORES" is centered in the middle of the page in a bold, pink, sans-serif font.

## **AUTORES**

### **Ailma do Nascimento Silva**

Mestra em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2002) e Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2009).

### **Bruna Luquez Amaral**

Nascida em Cornélio Procópio e atualmente moradora de Jacarezinho-PR, foi estudante do Instituto Federal do Paraná - Campus Jacarezinho, tendo se formado em 2017 e, em 2018, ingressou na Universidade Estadual do Norte do Paraná, no curso de Letras - Português e Inglês, onde, atualmente, é voluntária de Iniciação Científica, além de ter sido, anteriormente, voluntária do Projeto Institucional de Iniciação à Docência.

### **Diva de Souza Meiréles**

Mestranda em Letras, Faculdade Católica de Rondônia (FCR). Licenciada em Letras - Português e Bacharel em Direito. Professora de Língua Portuguesa.

### **Fernando Moreno da Silva**

Pós-doutorado em Linguística pela UNESP (FAPESP/2012) e Pós-doutorado em Letras pela UFRGS (CNPq/Sênior/2020). Atualmente, professor associado da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), onde atua na graduação e no Mestrado Profissional em Letras. É editor da Revista Claraboia (ISSN 2357-9234) e líder do GruPEL-UENP (Grupo Paranaense de Estudos do Léxico).

### **João Gabriel Dias Sousa**

Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí-UESPI.

### **Larissa Nascimento de Oliveira**

Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí-UESPI.

### **Maiane Machado Sá**

Graduada em Letras, habilitação em Português-Língua e Literatura Francesa e Literaturas Francófonas, na Universidade Federal de Roraima- UFRR. Especialista

em ensino de línguas em contexto de diversidade linguística -Universidade Estadual de Roraima- UERR. Especialização em metodologia do ensino de língua portuguesa e estrangeira- Centro Universitário Internacional- UNINTER. Graduada em Pedagogia pela Unifacvest. Especialista em Educação Infantil e Letramento pela Faculdade Metropolitana. Mestranda em ensino aprendizagem de línguas pela Universidade Estadual de Maringá -UEM/PR. Atuou como professora no ensino de Português como língua de acolhimento no Projeto TECHNOLOGY FOR GOOD LAB -UFRR. Atuou como professora de português no abrigo KaUbonoco. Atuou como professora temporária na Universidade Federal de Roraima- UFRR. Disciplinas ministradas: Português Instrumental I, Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa - Ensino Fundamental, leitura e produção de textos, língua francesa 2, francês instrumental, sintaxe da língua francesa. Atua como monitora no ensino de PLE com os alunos do PEC-G/NUCELE/CAP/UFRR desde 2014. Aplicadora da prova do CELPE BRAS - Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros desde 2016. Professora de português como língua de acolhimento na empresa Inspire Rebeca.

### **Maria de Fátima dos Santos Barros**

Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí-UESPI.

### **Rute Lessa Nascimento**

Mestranda em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil.

### **Talita Varela**

Bacharel em Letras com ênfase em estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Pós-graduada em Educação Infantil pela Universidade Maurício de Nassau - UNINASSAU. Especialização em andamento em Gerenciamento de Projetos - Práticas do Project Management Institute (PMI) - Senac São Paulo. Atua no mercado editorial na edição de livros didáticos e paradidáticos destinados à Educação Infantil e aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Autora de livros de literatura infantil.



Editora  
**REALCONHECER**

ISBN 978-658452542-9



9

786584

525429